

CATARINA
FILIPA
MANTEIGAS
MARTINS

**APRENDER FORA DA SALA DE
AULA**

A visita de estudo como metodologia para o
envolvimento na aprendizagem de Estudo
do Meio

Relatório do Projeto de Investigação do Mestrado em
Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Matemática
e Ciências Naturais no 2.º Ciclo do Ensino Básico

Orientadores

Orientadora Professora Doutora Ana Ramos Alcântara

Co-orientador Professor Doutor Carlos José das Neves
Moreira Cardoso da Cruz

Novembro de 2024

CATARINA FILIPA
MANTEIGAS
MARTINS

APRENDER FORA DA SALA DE AULA

A visita de estudo como metodologia para o
envolvimento na aprendizagem de Estudo
do Meio

JÚRI

Presidente: Professora Doutora Elisabete Maria
Xavier Vieira Gomes, Escola Superior de Educação,
Instituto Politécnico de Setúbal

Orientadora: Professora Doutora Ana Ramos
Alcântara, Escola Superior de Educação, Instituto
Politécnico de Setúbal

Vogal: Ana Catarina Simões de Mendonça Pinto,
Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico
de Setúbal

Novembro de 2024

AGRADECIMENTOS

Termino mais uma etapa e este fim contou com um grande esforço próprio. Para trilhar este caminho, cheio de desafios e conquistas, não podia deixar de agradecer todo o apoio, as sugestões e as críticas vindas de pessoas muito especiais que contribuíram efusivamente para que fosse possível concluir esta aventura. Às pessoas que marcaram pela presença e me apoiaram durante este percurso, o meu sincero agradecimento do fundo do coração!

À minha orientadora, **Professora Doutora Ana Ramos Alcântara**, pela orientação prestada, toda a disponibilidade, ajuda, profissionalismo e motivação.

Ao meu co-orientador, **Professor Doutor Carlos José das Neves Moreira Cardoso da Cruz**, pelos conselhos, mas principalmente pela ajuda fundamental a conseguir concretizar a visita de estudo.

À **professora cooperante e aos/às alunos/as da turma** em que decorreu a investigação, pela forma como me receberam e por terem contribuído com alegria e entusiasmo para a realização deste projeto. Obrigada por me terem recebido como vossa professora e no decorrer das semanas, como vossa amiga, tornarem o meu caminho ainda mais bonito e especial.

À minha **família**, em especial aos meus pais por me terem dado a possibilidade de frequentar o ensino superior e me apoiarem sempre e à minha querida irmã, o meu modelo e melhor amiga, que nunca me deixou ir abaixo nesta fase e encorajou-me sempre a continuar.

Ao meu **namorado**, por ter estado ao meu lado durante estes anos e sempre ter acreditado em mim, no meu potencial e ter me puxado para ser o meu melhor eu.

Aos meus queridos **amigos**, por todo o apoio. Um obrigado especial à minha colega e amiga **Patrícia Conceição**, para além de ter sido um par de estágio incrível e uma colega prestável, foi graças à sua ajuda que consegui realizar toda a minha intervenção.

A todos os que fizeram parte deste percurso, um muito obrigada!

RESUMO

O presente relatório de investigação, desenvolvido numa turma de 4.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico, no âmbito da unidade curricular Estágio no 1.º e no 2.º Ciclos integrada no Curso de Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Matemática e Ciências Naturais no 2.º Ciclo do Ensino Básico, pretende descrever de forma reflexiva e fundamentada, a minha prática pedagógica, em que procurei utilizar uma visita de estudo como estratégia para motivar e envolver os/as alunos/as na aprendizagem de Estudo do Meio.

O estudo “Aprender fora da sala de aula. A visita de estudo como metodologia para o envolvimento na aprendizagem de Estudo do Meio” teve como objetivo geral compreender se o envolvimento dos/as alunos/as nas visitas de estudo contribui para a aprendizagem e motivação na área do Estudo do Meio e dois objetivos específicos: (i) Perceber como a participação na preparação da visita motiva para o processo de aprendizagem e (ii) Perceber como a exploração da visita de estudo contribui para o processo de aprendizagem. Com vista à concretização destes objetivos, foi definida a seguinte questão de investigação: *“Como a participação dos/as alunos/as na preparação, realização e exploração de uma visita de estudo motiva para as aprendizagens do Estudo do Meio?”*.

Em relação às opções metodológicas, o estudo enquadra-se numa abordagem de investigação quantitativa e qualitativa com características aproximadas ao preconizado pela metodologia de investigação sobre a prática.

Os dados analisados permitem afirmar que as atividades propostas aos/as alunos/as, centradas no envolvimento nas várias etapas de uma visita de estudo, promoveram uma aprendizagem interdisciplinar e colocaram os/as alunos/as como participantes ativos no seu processo de aprendizagem. Constatou-se, igualmente, um maior envolvimento e interesse em relação à área do Estudo do Meio e uma maior motivação para a realização de atividades propostas nas várias etapas de uma visita de estudo em contexto escolar: preparação, realização e exploração.

Palavras-chave: Visita de Estudo; Estudo do Meio; Interdisciplinaridade; Aprendizagem ativa.

ABSTRACT

This research report, carried out in a 4th grade class in the 1st Cycle of Basic Education, as part of the Internship 1st and 2nd Cycle course within the Master's Degree in Teaching the 1st Cycle of Basic Education and Math's and Natural Sciences in the 2nd Cycle of Basic Education, aims to describe my teaching practice in a reflective and reasoned way, in which I tried to use a field trip as a strategy to motivate and involve students in learning environmental studies.

The overall aim of the study "Learning outside the classroom. The study visit as a methodology for engaging students in learning environmental studies" was to understand whether the involvement of students in study visits contributes to learning and motivation in the area of environmental studies and two specific objectives: (i) To understand how participation in the preparation of the visit motivates the learning process and (ii) To understand how the exploration of the study visit contributes to the learning process. To realize these objectives, the following research question was defined: "How does the participation of students in preparing, carrying out and exploring a field trip motivate learning in Environmental Studies?".

In terms of methodological options, the study is based on a quantitative and qualitative research approach with characteristics close to those advocated by the methodology of research into practice.

The data analysis shows that the activities proposed to the students centered on involvement in the various stages of a field trip, promoted interdisciplinary learning and made the students active participants in their learning processes. There was also greater involvement and interest in the area of environmental studies and greater motivation to carry out the activities proposed in the various stages: preparation, realization and exploration.

Keywords: Field trip; Environmental study; Interdisciplinarity; Active learning.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1	16
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
1. As visitas de estudo como estratégia de aprendizagem	16
1.1. Condicionantes à organização de uma visita de estudo	21
2. As etapas de organização de uma visita de estudo como plano de abordagem	22
2.1. Antes - Preparação da visita de estudo	23
2.2. Durante - Realização da visita de estudo	25
2.3. Depois - Exploração da visita de estudo.....	26
3. Trabalhar o terramoto de 1755 na área curricular de Estudo do Meio	27
CAPÍTULO 2	30
METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO.....	30
1. Metodologia de investigação.....	30
2. Técnicas e instrumentos de recolha de dados	33
2.1. Observação participante.....	34
2.2. Inquérito por questionário.....	34
2.3. Recolha documental.....	35
3. Procedimentos e técnicas de análise de dados.....	36
3.1. Análise de conteúdo	36
CAPÍTULO 3	38
INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	38
1. Apresentação do contexto e dos participantes	38
2. Descrição da intervenção pedagógica.....	40
2.1. Organização da intervenção pedagógica e calendarização das sessões .	40
2.2. Intervenção pedagógica	43

2.2.1. <i>Antes da Visita de Estudo</i> – Etapa de Preparação	43
2.2.1.1. Questionário antes da Visita de Estudo (22/01/2024).....	43
2.2.1.2. Conhecer e Investigar o museu “Lisboa Story Centre” (24/01/2024).....	44
2.2.1.3. Construção do itinerário para a visita de estudo ao “Lisboa Story Centre” (29/01/2024).....	46
2.2.1.4. Ideias para o Guião da visita de estudo (05/02/2024)	49
2.2.2. <i>Durante a Visita de Estudo</i> – Etapa de Realização (14/02/2024)	53
2.2.3. <i>Depois da Visita de Estudo</i> – Etapa de Exploração	58
2.2.3.1. Partilha após a visita de estudo (21/02/2024).....	58
2.2.3.2. Realização do trabalho de grupo sobre a visita de estudo (21/02/2024 a 26/02/2024)	60
2.2.3.3. Apresentação do trabalho de grupo sobre a visita de estudo (28/02/2024).....	65
2.2.3.4. Questionário Depois da Visita de Estudo (28/02/2024)	68
CAPÍTULO 4	70
ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS/RESULTADOS	70
1. Questionário Antes da Visita de Estudo (22/01/2024).....	70
2. Trabalho de grupo sobre a Visita de Estudo.....	78
2.1. Realização do Trabalho de Grupo sobre a Visita de Estudo (21/02/2024 a 26/02/2024).....	78
2.2. Apresentações do Trabalho de Grupo sobre a Visita de Estudo (28/02/2024).....	90
3. Questionário Depois da Visita de Estudo (28/02/2024)	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
REFERÊNCIAS	113
ANEXOS	118
Anexo A - Questionário Antes da Visita de Estudo	118
Anexo B - Questionário Depois da Visita de Estudo	120

Anexo C – Guião (1) Terramoto de 1755.....	123
Anexo D – Guião (2) Dia 1 de novembro de 1755.....	124
Anexo E – Guião (3) Restruturação da cidade de Lisboa.....	125
Anexo F – Guião (4) Personagens importantes	126
Anexo G - Disposição das mesas da sala de aula em filas	127
Anexo H - Disposição das mesas da sala de aula em grupos.....	128
Anexo I – Itinerário da visita ao “Lisboa Story Centre”	129

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Alunos/as em grupo a pesquisar no site “Lisboa Story Centre”	45
Figura 2 - Questões apresentadas pelos/as alunos/as para a criação dos guiões.....	52
Figura 3 – Alunos/as no metro.....	54
Figura 4 - Alunos/as no barco.....	55
Figura 5 - Alunos/as na praça do comércio.....	55
Figura 6 - Aluno/a dentro do museu com o áudio-guia.....	56
Figura 7 - Alunos/as no museu “Lisboa Story Centre”	56
Figura 8 - Alunos/as no capítulo 3 “O filme do terramoto”.....	57
Figura 9 - Alunos/as a preencher os guiões no museu.....	57
Figura 10 - Esboço do cartaz “Personagens importantes”.....	64
Figura 11 - Alunos/as a passarem as suas falas para um papel.....	66
Figura 12 - Aluno/a a treinar a sua apresentação com a ajuda de um/a colega.....	66
Figura 13 - Apresentação do grupo “Terramoto de 1755”.....	67
Figura 14 - Apresentação do grupo “Dia 1 de novembro de 1755”.....	67
Figura 15 - Apresentação do grupo “Reestruturação da cidade de Lisboa”	68
Figura 16 - Apresentação do grupo “Personagens importantes”.....	68
Figura 17 - Respostas dos/as alunos/as à questão “Gostas de Estudo do Meio?”	71
Figura 18 - Respostas dos/as alunos/as à questão “Sabes o que é uma visita de estudo?”	72
Figura 19 - Respostas dos/as alunos/as à questão “Alguma vez foste a uma visita de estudo?”.....	73
Figura 20 - Respostas dos/as alunos/as à subquestão “Já aprendeste algum conteúdo numa visita de estudo?”.....	75
Figura 21 - Respostas dos/as alunos/as à questão “Gostavas de participar na preparação de uma visita de estudo?”.....	76
Figura 22 - Cartaz final do grupo com o tema “Terramoto de 1755”.....	81
Figura 23 - Cartaz final do grupo com o tema “Dia 1 de novembro de 1755”.....	84
Figura 24 - Cartaz final do grupo com o tema “Reestruturação da cidade de Lisboa”	87

Figura 25 - Cartaz final do grupo com o tema “Personagens importantes”	90
Figura 26 - Entregada dos/as alunos/as a decorar as apresentações.....	91
Figura 27 - Desenho que representa o deslocamento das placas tectônicas.....	92
Figura 28 - Apresentação do grupo “Dia 1 de novembro de 1755”, vista do meio da sala de aula.....	93
Figura 29 - Desenhos, presentes no cartaz, da representação da cidade de Lisboa antes e depois do terramoto.....	94
Figura 30 - Respostas dos/as alunos/as à questão “Gostaste de organizar e participar na visita de estudo ao Lisboa Story Centre?”	96
Figura 31 - Respostas dos/as alunos/as à questão “Na tua opinião, esta visita foi importante para compreenderes melhor o que aconteceu no dia 1 de novembro de 1755?”	98
Figura 32 - Respostas dos/as alunos/as à subquestão “Durante a visita de estudo aprendeste algo de novo sobre o terramoto de 1755?”	99
Figura 33 - Respostas dos/as alunos/as à questão “Qual foi a tua parte favorita desta atividade?”	100
Figura 34 - Respostas dos/as alunos/as à questão “Nos próximos anos letivos, vais pedir aos teus professores para realizarem visitas de estudo?”	101

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Técnicas e instrumentos de recolha de dados.....	33
Tabela 2 - Sequência de atividades.....	41
Tabela 3 - Guião de organização da pesquisa.....	45
Tabela 4 - Respostas à questão 2.1. Se respondeste “Sim”, diz o que entendes por visita de estudo.....	72
Tabela 5 - Respostas dos/as alunos/as à subquestão “Se respondeste “Sim”, foste onde?”.....	74
Tabela 6 - Respostas dos/as alunos/as à subquestão “Como é que te deslocaste até ao local da visita?”.....	74
Tabela 7 - Respostas dos/as alunos/as à subquestão “Se respondeste “Sim”, de que forma gostavas de participar?”.....	76
Tabela 8 - Respostas dos/as alunos/as à questão do guião “O que é um terramoto?”..	79
Tabela 9 - Respostas dos/as alunos/as à questão do guião “Como é retratado o terramoto no museu?”.....	80
Tabela 10 - Respostas dos/as alunos/as à questão do guião “O que é que as pessoas sentiram durante o terramoto?”.....	80
Tabela 11 - Respostas dos/as alunos/as à questão do guião “A que horas aconteceu o terramoto e quanto tempo durou?”.....	81
Tabela 12 - Respostas dos/as alunos/as à questão do guião “O que aconteceu no dia 1 de novembro de 1755?”.....	82
Tabela 13 - Respostas dos/as alunos/as à questão do guião “Dia 1 de novembro era feriado. Que consequências teve este facto?”.....	83
Tabela 14 - Respostas dos/as alunos/as à questão do guião “O terramoto apenas foi sentido na cidade de Lisboa? Se não, onde mais foi sentido?”.....	84
Tabela 15 - Respostas dos/as alunos/as à questão do guião “O que aconteceu em Lisboa devido ao terramoto?”.....	85
Tabela 16 - Respostas dos/as alunos/as à questão do guião “Quantos anos demorou a reestruturação de Lisboa?”.....	85
Tabela 17 - Respostas dos/as alunos/as à questão do guião “Quais as principais diferenças de Lisboa antes e depois do terramoto?”.....	86

Tabela 18 - Respostas dos/as alunos/as à questão do guião “Que rei reinava Portugal quando aconteceu o terramoto?”	88
Tabela 19 - Respostas dos/as alunos/as à questão do guião “Quem teve um papel importante na reestruturação de Lisboa?”	88
Tabela 20 - Respostas dos/as alunos/as à questão do guião “Quem foi Sebastião José de Carvalho e Melo?”	89
Tabela 21 - Respostas dos/as alunos/as à questão do guião “Quais as principais medidas de Marquês de Pombal logo após o terramoto?”	89
Tabela 22 - Respostas dos/as alunos/as à subquestão “Justifica a tua resposta anterior.”	96
Tabela 23 - Respostas dos/as alunos/as à subquestão “Se respondeste “Sim”, o que é que aprendeste de novo?”	99
Tabela 24 - Respostas dos/as alunos/as à subquestão “Se respondeste “Sim”, propunhas que os alunos participassem também no planeamento e organização dessas visitas de estudo?”	102
Tabela 25 - Aprendizagens, competências e conceitos desenvolvidos pelos/as alunos/as de acordo com os objetivos específicos do estudo.....	103

INTRODUÇÃO

A metodologia das visitas de estudo (VE) foi uma peça essencial no contexto da minha prática docente enquanto professora estagiária. A visita de estudo é uma atividade letiva diferente porque decorre fora da sala de aula, constitui-se como uma aula que acontece em espaços diferentes do tradicional (Oliveira, 2013). Os autores Almeida & Vasconcelos (2013) definem as visitas de estudo como sendo deslocações efetuadas com os/as alunos/as no exterior do recinto escolar, com propósitos educacionais específicos, que visam a enriquecer e complementar aspetos curriculares através da experiência direta e que podem ocorrer em locais próximos ou distantes da escola.

As visitas de estudo têm inúmeras estratégias motivadoras, uma vez que a quebra de rotina é um elemento motivador e encorajador para as/os alunos/as, apresentando-se como uma potencialidade desta estratégia a ser aproveitada (Oliveira, 2013). As VE estimulam e motivam, uma vez que proporcionam um maior comprometimento e empenho por parte dos/as alunos/as, dado que a assimilação de conhecimentos acontece num momento de concretização do saber teórico e abstrato da sala de aula, através do acesso direto e planificado a conteúdos de aprendizagem, aproveitando as potencialidades pedagógicas do meio (Oliveira, 2013).

Sempre considerei que o tema de aplicação do meu projeto de investigação sobre a prática docente deveria estar direcionado para algo de que gostasse e com o qual me identificasse, surgindo, desta forma a ideia de trabalhar a metodologia das visitas de estudo. Este meu estudo vai ao encontro de experiências pessoais ao longo dos anos da minha formação escolar. Sempre tive um grande gosto pelas diferentes áreas das Ciências, inclusive no 1.º Ciclo do Ensino Básico a minha área favorita era o Estudo do Meio e atualmente continua a ser a área disciplinar que mais gosto me dá em ensinar, isto deve-se ao facto desta disciplina englobar conceitos, métodos e técnicas das Ciências da Natureza: Biologia, Geologia, Física e Química, e das Ciências Sociais: Geografia, História, Economia e Sociologia. Também foi durante a minha frequência no 1º ciclo que realizei mais visitas de estudo, maioritariamente na área de Estudo do Meio. As visitas de estudo, para mim, constituem um instrumento com grandes potencialidades pedagógicas e em simultâneo são um complemento importante ao currículo escolar, uma vez que permitem a apropriação, caso o conteúdo já tenha sido lecionado primeiramente em sala de aula. Por outro lado, se uma VE se debruçar sobre um conteúdo que ainda não tenha sido abordado em aula, esta pode ser encarada pelo/a professor/a como o gatilho inicial de aprendizagem. Realizar visitas de estudo no

âmbito do Estudo do Meio é fulcral, uma vez que esta área disciplinar nos liga ao meio envolvente.

Enquanto aluna era muito desatenta e perdia o interesse rapidamente pelo que estava a ser lecionado quando o professor se limitava a transmitir informação. Todas as metodologias pedagógicas que tivessem um carácter mais lúdico e dinâmico despertavam-me mais interesse e, conseqüentemente, melhor compreensão dos conteúdos, principalmente quando estava envolvida de alguma maneira no próprio processo de ensino-aprendizagem. A autora Pares (2020) afirma que:

[A] visita de estudo pode ser vista como uma estratégia de motivação, pois contribui para o envolvimento e participação ativa no processo de aprendizagem. O desafio de terem de proceder à planificação e organização de todas as etapas de uma visita de estudo é uma motivação para aprender. (p. 4)

Foi com base nesta afirmação que guiei o meu projeto de intervenção e procurei motivar os/as alunos/as envolvendo-os/as nos processos de ensino-aprendizagem. Para isso não limitei o envolvimento da turma à presença na visita, mas também procurei dar-lhes um papel ativo durante todo o processo da construção e realização. Participaram na organização da visita de estudo, nomeadamente na escolha dos transportes, no itinerário, etc. e na exploração após a visita, que por sua vez é uma etapa muito importante, onde os conteúdos são assimilados. Assim, através desta proposta pedagógica os/as alunos/as saíram da rotina diária de sala de aula e conheceram novas realidades e perspetivas, uma vez que a predisposição para conhecer aumenta num ambiente que assenta em atividades mais lúdicas.

Importa referir que a área de Estudo do Meio, neste projeto, é abordada de forma interdisciplinar, assumindo-se como uma área privilegiada no processo de ensino-aprendizagem. Neste sentido, para além do Estudo do Meio, os/as alunos/as trabalharam outras áreas do 4.º ano do 1.º CEB, nomeadamente o Português, as Tecnologias da Informação e Comunicação e as Artes Visuais. Este projeto utiliza a visita de estudo como estratégia de ensino aprendizagem que permite trabalhar a temática do terramoto de 1755 numa abordagem interdisciplinar. A escolha deste conteúdo foi ao encontro do que a turma estava a lecionar na área de Estudo do Meio quando iniciei o meu estágio, que era a história de Portugal, e decidi escolher este tema específico, uma vez que gostei muito de o aprender no 1.º ciclo e já tinha realizado uma visita de estudo referente a este conteúdo no 3.º ciclo.

Considerando o anteriormente evidenciado, o presente projeto de investigação tem como título **Aprender fora da sala de aula. A visita de estudo como metodologia para o envolvimento na aprendizagem do Estudo do Meio**. O projeto foi desenvolvido no âmbito da Unidade Curricular de Estágio no 1.º e no 2.º Ciclos, integrada no Curso de Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Matemática e Ciências Naturais no 2.º Ciclo do Ensino Básico, com uma turma do 4.º ano de escolaridade, tendo por base a seguinte questão de investigação:

- Que efeito tem a participação dos/as alunos/as na preparação, realização e exploração de uma visita de estudo na motivação para as aprendizagens de Estudo do Meio?

Para responder à questão foram definidos três objetivos de estudo que orientaram o projeto de investigação. O objetivo geral reflete-se em “Compreender se o envolvimento dos/as alunos/as nas visitas de estudo contribui para a aprendizagem e motivação na área do Estudo do Meio” e os dois objetivos específicos são:

1. Perceber como a participação na preparação da visita motiva para o processo de aprendizagem;
2. Perceber como a exploração da visita de estudo contribui para o processo de aprendizagem.

Estruturalmente, este relatório apresenta-se dividido em quatro capítulos - (i) fundamentação teórica; (ii) metodologia de investigação; (iii) intervenção pedagógica; (iv) análise e discussão dos dados - e considerações finais.

O capítulo I diz respeito à Fundamentação Teórica, no qual é apresentado o referencial teórico que sustenta a presente investigação. É composto por subcapítulos direcionados para as visitas de estudo como estratégia de aprendizagem, as etapas de organização de uma visita de estudo e trabalhar o terramoto de 1755 na área curricular de Estudo do Meio.

No capítulo II indico as opções metodológicas adotadas, referindo as técnicas de recolha de dados e os procedimentos utilizados para a análise de dados.

Relativamente ao capítulo III, Intervenção Pedagógica, apresento o contexto educativo no qual foi realizado o estudo e a descrição e interpretação de todo o processo, nomeadamente, a sequência das atividades desenvolvidas no âmbito do projeto de investigação.

O capítulo quarto, a Análise e Discussão dos dados, envolve a interpretação dos resultados obtidos durante a investigação, tendo em consideração os

objetivos estabelecidos e evidenciando o progresso das aprendizagens dos/as alunos/as.

No final são apresentadas as considerações finais, que integram uma síntese sobre o culminar de todo o projeto, as respostas às questões de partida com o cruzamento das perspetivas apresentadas na fundamentação teórica.

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente capítulo encontra-se dividido em três secções, nas quais são apresentados os temas que sustentaram a investigação. O enfoque será direcionado para as visitas de estudo enquanto estratégia de aprendizagem, as etapas de organização de uma visita de estudo e questões relacionadas com o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem na área curricular de Estudo do Meio, nomeadamente, na temática relacionada com o terramoto de 1755.

1. As visitas de estudo como estratégia de aprendizagem

A escola, nomeadamente, a sala de aula é um lugar onde os/as alunos/as adquirem conhecimentos e desenvolvem aprendizagens, contudo não é o único ambiente que auxilia no processo de formação. Não se pode desvincular a aquisição de conhecimento do que ocorre fora da sala de aula, tanto no ambiente familiar como no meio cultural, geográfico ou social (Quadra & D'ávila, 2016).

De acordo com o Artigo 4.º do Despacho n.º 6147/2019, de 4 de julho, uma visita de estudo é caracterizada por ser uma atividade curricular intencional e pedagogicamente planeada com o objetivo de desenvolver e/ou complementar os conteúdos de aprendizagens das componentes das áreas disciplinares e não disciplinares. Para tal deve ir ao encontro dos planos curriculares dos respetivos cursos e de cada turma em concreto, nomeadamente visando a alcançar as áreas de competências, atitudes e valores previstos no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (Despacho n.º 6147/2019).

A visita de estudo é uma metodologia de ensino aprendizagem ativa usada em meio educativo há muitos anos. Advém do conceito de aula-passeio, criado por Célestin Freinet (1896-1966) e que surgiu das vivências e experiências deste pedagogo. Scarpato (2004) refere que a proposta criada por Freinet pode ser compreendida pelas suas próprias condições de saúde, uma vez que as lições orais o deixavam cansado e sem fôlego. A sala de aula era mal ventilada, cheirava a mofo o que dificultava a sua respiração. Ansiava conhecer e viver situações novas com os/as seus/suas alunos/as e colocar em prática o que outros/as teorizavam. Este pedagogo francês acreditava que “seria preciso mudar a estrutura pedagógica, em virtude da insatisfação e da falta de interesse que observava diariamente no comportamento dos alunos” (Scarpato, 2004, p. 101).

O objetivo das aulas-passeio é possibilitar que os/as alunos/as conheçam a vida fora da sala de aula. Freinet (1896-1966) sentia que o interesse dos/as alunos/as estava “lá fora”:

A aula-passeio constituía para mim uma tábua de salvação. Em vez de me postar sonolento diante de um quadro de leitura, no começo da aula da tarde, partia com as crianças, pelos campos que circundavam a aldeia. Ao atravessarmos as ruas, parávamos para admirar o ferreiro, o marceneiro ou o tecelão, cujos gestos metódicos e seguros nos inspiravam o desejo de os imitar. Observámos o campo nas diversas estações: no Inverno víamos os grandes lençóis estendidos sob as oliveiras para receber as azeitonas varejadas; na Primavera, as flores de laranjeira em todo o seu encanto, as quais pareciam oferecer-se às nossas mãos; já não examinávamos como professor e alunos, em torno de nós, a flor ou o insecto, a pedra ou o regato. Sentíamo-los com todo o nosso ser, não só objetivamente, mas com toda a nossa sensibilidade natural. E trazíamos as nossas riquezas: fósseis, nozes, avelãs, argila ou uma ave morta (p. 23).

Colocava os/as alunos/as em contacto com o meio externo, para que andassem, sentissem o cheiro do lugar e o olhassem ao vivo. Freinet (1975) defende que para ser uma aula-passeio, tem de haver o envolvimento, interesse, elaboração e participação dos/as alunos/as nas fases antes, durante e depois.

Oliveira (2013) afirma que a visita de estudo é uma atividade letiva diferente porque decorre fora da sala de aula. A visita de estudo é uma aula que acontece em espaços diferentes do tradicional. Almeida & Vasconcelos (2013) definem as visitas de estudo como sendo:

deslocações efetuadas com os alunos ao exterior do recinto escolar, com objetivos educacionais claros, que visam enriquecer, vitalizar e complementar aspetos curriculares através da experiência direta, e que tanto podem ocorrer a locais próximos ou distantes da escola, com durações igualmente variáveis (p. 13).

Oliveira (2013) defende que esta atividade integra inúmeras estratégias motivadoras para os/as alunos/as, uma vez que “esta quebra da rotina é, à partida, um fator motivacional e estimulante para os alunos, afigurando-se como uma potencialidade desta estratégia, a tirar proveito” (p. 1680). A componente lúdica, associada às visitas de estudo, é outro aspeto que estimula e motiva, visto que proporciona um maior comprometimento e empenho por parte dos/as alunos/as, dado que a assimilação de conhecimentos ocorre num momento de concretização do saber teórico e abstrato da sala de aula, por via do acesso direto e planificado a conteúdos de aprendizagem, aproveitando as potencialidades pedagógicas do meio (Oliveira, 2013).

As visitas de estudo são consideradas situações educativas em que “a utilidade do saber científico é demonstrada, recorrendo-se a exemplos concretos, que proporcionam uma aprendizagem significativa, através da interligação que se estabelece entre a teoria e a prática” (Oliveira, 2013, p. 1680). Assim sendo, as visitas de estudo podem ser entendidas, simultaneamente, como uma atividade e uma estratégia. Uma atividade, visto tratar-se de algo que os/as alunos/as vivenciam e uma estratégia, uma vez que o/a professor/a as escolhe como forma de potenciar as aprendizagens (Almeida & Vasconcelos, 2013).

Noutra perspetiva, Rebelo (2014) realça que a “importância das visitas de estudo [é] a concretização de saberes através de atividades e projetos multidisciplinares, articulando a escola com o meio, contribuindo para uma formação social e pessoal dos alunos” (Rebelo, 2014, p. 18). Na mesma linha de pensamento os autores Behrendt & Franklin (2014) acrescentam que a importância da visita de estudo passa pela ligação entre o local da visita e a sala de aula, isto é, liga a aprendizagem experiencial da visita com experiências anteriores ou posteriores realizadas em sala de aula. Os autores afirmam que as visitas levam os/as alunos/as a locais únicos e que não podem ser reproduzidos na sala de aula, exposições interativas ajudam os/as alunos/as a brincar com conceitos, atividades que muitas vezes não são possíveis em sala de aula (Behrendt & Franklin, 2014).

Couto (2022) refere que existem grandes potencialidades das visitas de estudo tal como a motivação que desperta nos/as alunos/as e a mobilização de conhecimentos. Esta atividade proporciona a articulação de conhecimentos, caso a temática já tenha sido explorada anteriormente, desenvolve do mesmo modo outras competências muito significativas contribuindo para o “desenvolvimento da observação, da capacidade de análise e de técnicas de pesquisa” (Couto, 2022, p. 109).

Uma visita de estudo tem como “foco único [proporcionar] um impacto potencial nas competências cognitivas, no conhecimento, nos interesses e na carreira futura dos alunos” (Behrendt & Franklin, 2014, p. 238). De acordo com Rebelo (2014) “[as] visitas de estudo são consideradas uma das estratégias mais estimulantes, uma vez que a saída do espaço escolar assume um carácter motivador para os alunos, que se empenham na sua realização” (p. 17). Esta atividade pode ser ainda mais enriquecedora para estudantes com dificuldades académicas ou descritos como “em risco” devido ao baixo desempenho em sala de aula e em testes. As visitas de estudo oferecem uma oportunidade única para os/as alunos/as criarem conexões, o que os ajuda a adquirir compreensão e desenvolver o prazer de aprender (Behrendt & Franklin, 2014).

DeWitt & Osborne (2007) consideram que as visitas de estudo permitem:

- Reforçar a aprendizagem efetuada previamente em sala de aula;
- Despoletar a curiosidade e o interesse dos/as alunos/as para prosseguirem o propósito da atividade durante a realização da visita de estudo;
- Encorajar a colaboração entre alunos/as e professores/as para a concretização de um trabalho conjunto na construção de um novo conhecimento;
- Incentivar relações de convívio e o diálogo entre alunos/as e professores/as;
- Desafiar os/as alunos/as a expandirem os seus conhecimentos a situações diferentes do contexto sala de aula;
- O desenvolvimento pessoal dos/as alunos/as, em que estes/as possam aplicar as suas experiências vividas durante a atividade;
- Desenvolver habilidades concernentes à escrita, anotação, organização, sistematização e comunicação da reflexão e da consolidação dos conhecimentos aprendidos aos restantes colegas.

Nas Aprendizagens Essenciais de Estudo do Meio do 4.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico “estão associadas dinâmicas interdisciplinares pela natureza dos temas e conteúdos abrangidos, [que] pelo que a articulação destes saberes com outros, de outras componentes do currículo, potencia a construção de novas aprendizagens” (Direção-Geral de Educação, 2018, p. 3). Podemos, portanto, fazer uma ligação a uma das grandes potencialidades das visitas de estudo, que é uma aprendizagem interdisciplinar abrangente de diferentes áreas curriculares que esta estratégia pode fornecer. Ainda este documento orientador, defende que no processo de ensino, devem ser implementadas ações estratégicas pelo/a professor/a para promoverem o desenvolvimento de várias competências tais como: “tomar como referência o

conhecimento prévio dos alunos, os seus interesses e necessidades, valorizando situações do dia a dia e questões de âmbito local, enquanto instrumentos facilitadores da aprendizagem” e “privilegiar atividades práticas como parte integrante e fundamental do processo de aprendizagem” (Direção-Geral de Educação, 2018, p. 3). Estas estratégias podem, também, ser aplicadas através da realização de uma visita de estudo.

O documento Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória defende ser imprescindível que o/a professor/a adapte a sua prática pedagógica ao perfil de competências dos/as alunos/as. Assim, na secção “Implicações práticas” é apresentado um conjunto de ações relacionadas com a prática do docente, que complementam os aspetos referidos acima relativamente às Aprendizagens Essenciais de Estudo do Meio. Destaco duas ações:

- Organizar o ensino prevendo a experimentação de técnicas, instrumentos e formas de trabalho diversificados, promovendo intencionalmente, na sala de aula ou fora dela, atividades de observação, questionamento da realidade e integração de saberes;
 - Promover de modo sistemático e intencional, na sala de aula e fora dela, atividades que permitam ao aluno fazer escolhas, confrontar pontos de vista, resolver problemas e tomar decisões com base em valores.
- (Martins et al., 2017, p. 31)

Oliveira (2013) assinala que para uma visita de estudo seja uma realidade, existe a necessidade de cumprir um conjunto de procedimentos, que envolve:

- o enquadramento curricular, a definição do local da visita;
- a definição de objetivos, a aprovação institucional e pedagógica (nos diversos órgãos da escola);
- a visita de reconhecimento (verificando a segurança dos locais a visitar e outros aspetos);
- a logística (transporte, contactos com as instituições responsáveis pelos locais a visitar e autorização dos Encarregados de Educação);
- a preparação científica e pedagógica do professor;

- o trabalho de motivação junto dos alunos;
- a elaboração de recursos e planos didáticos. (p. 1683)

Por outro lado, os autores Dewitt & Storksdieck (2008), dão cinco recomendações, tais como: realizar previamente uma visita ao espaço; focar os/as alunos/as para os objetivos de aprendizagem e o espaço a visitar; planificar atividades antes da visita de estudo sempre de acordo com os objetivos dos documentos curriculares; durante a visita disponibilizar um tempo para que os/as alunos/as explorem de forma autónoma o espaço e após a visita de estudo, explorá-la, planificando atividades que conduzam ao reforço, partilha e feedback das aprendizagens.

1.1. Condicionantes à organização de uma visita de estudo

Como explorado no ponto acima, evidências demonstram que as atividades realizadas fora do contexto escolar, nomeadamente, as visitas de estudo, quando preparadas, planeadas e organizadas com rigor proporcionam aos/às alunos/as uma aprendizagem efetiva, permitindo-lhes desenvolver conhecimentos, competências e atitudes que complementam as atividades realizadas em contexto sala de aula (Oliveira, 2008). Contudo, a organização de uma visita de estudo também apresenta os seus desafios, condicionantes e barreiras (Behrendt & Franklin, 2014).

Behrendt & Franklin, (2014) identificam sete barreiras para o sucesso de uma visita de estudo, tais como: “transporte; formação e experiência do docente; questões de tempo, como horário escolar e capacidade de preparação do professor; falta de apoio do administrador escolar; inflexibilidade curricular; mau comportamento e atitudes dos alunos; falta de opções de locais” (p. 6 (tradução livre)).

Almeida & Vasconcelos (2013) que definem obstáculos externos e internos para a organização das visitas de estudo. No primeiro caso, enumeram, por exemplo (i) algumas questões burocráticas, como a recolha das autorizações, os contactos com os locais e empresas, organizar os meios de transporte, entre outros; (ii) o financiamento das visitas e a escassez de recursos educativos que promovam a sua realização; (iii) a extensão dos conteúdos programáticos e (iv) o facto de as visitas afetarem aulas de outros/as professores/as nos ciclos de ensino sem monodocência. No segundo caso, estes mesmos autores apontam (i) a preparação demorada necessária para organizar a visita; (ii) a necessidade de conhecimento científico sobre os temas da visita, devido ao surgimento mais frequente de questões imprevistas no exterior e (iii) as características comportamentais dos/as alunos/as que influenciam na decisão dos/as

professores/as de não realizarem visitas de estudo quando lidam com turmas indisciplinadas.

Nesta linha de pensamento, Carvalho (2012) assinala que Portugal enfrenta obstáculos de natureza diversa e que são limitadores da eficácia de uma visita de estudo. Por um lado, devido à interferência nas atividades letivas de outras disciplinas e aos custos envolvidos, as escolas impõem restrições crescentes à realização dessa atividade, limitando o seu número a uma visita por ano letivo, de preferência com caráter inter ou multidisciplinar. O autor afirma que essa situação acaba por condicionar a seleção dos locais a visitar e o momento da sua realização, levando frequentemente a uma discrepância temporal em relação ao planeamento.

De acordo com Carvalho (2012), diferentes obstáculos no papel do/a professor/a podem dificultar a realização de uma visita de estudo. Devido ao trabalho burocrático, os/as professores/as não têm tempo suficiente para planear adequadamente, então geralmente delegam essa tarefa aos técnicos da instituição a visitar. Porém, visto que os guias que conduzem as visitas não estão familiarizados com o grupo de estudantes, nem sempre ajustam as informações às necessidades dos/as alunos/as, nem adaptam a sua comunicação ao seu nível de entendimento, o que reduz a eficácia da visita. Outra dificuldade, mencionada pelo autor, está relacionada com a dificuldade de encontrar professores/as em número suficiente para acompanhar os/as alunos/as, pois estes/as precisam de se ausentar para participar na visita e, por isso, é necessário planear atividades para os/as alunos/as que não participam. Isso resulta em um aumento de trabalho, o que se torna difícil em seguir o currículo, o que leva muitos/as professores/as a recusar participar nessas atividades (Carvalho, 2012).

2. As etapas de organização de uma visita de estudo como plano de abordagem

Na intervenção que aqui se apresenta, a visita de estudo é encarada como um processo e um plano de abordagens às temáticas do Estudo do Meio pelo/a professor/a. Dado isto, a visita de estudo em si não é apenas o acontecimento ou o dia, mas sim todas as etapas do processo VE.

Na realização de uma visita de estudo deve aproveitar-se o potencial educativo do contexto, esta atividade está repleta de objetivos pedagógicos e formais, por mais lúdicos que sejam, há sempre uma intenção e um objetivo educativo por trás (Domingos et al., 2019). Portanto, a ausência de uma preparação/planificação prévia compromete a sua operacionalização e os resultados para a aprendizagem que dela se pretende obter (Domingos et al., 2019).

A autora Pares (2020) salienta a importância de os/as alunos/as estarem envolvidos na preparação da visita, uma vez que que:

[A] visita de estudo pode ser vista como uma estratégia de motivação, pois contribui para o envolvimento e participação ativa no processo de aprendizagem.

O desafio de terem de proceder à planificação e organização de todas as etapas de uma visita de estudo é uma motivação para aprender. (p. 4)

Muito se fala do/a professor/a na preparação da visita de estudo, no entanto é “importante também chamar os alunos para a preparação da visita para que estes se sintam motivados e envolvidos, sendo também importante o professor clarificar todas as normas de conduta, o trabalho a desenvolver, o produto final, entre outros” (Rato, 2016, p. 38). Uma das grandes potencialidades das visitas de estudo é envolver os/as alunos/as na sua própria organização, uma vez que terão um empenho mais apropriado, se forem participando, ao longo dos anos, em diversas visitas (Rato, 2016).

Veiga et al. (2012) menciona que existe uma forte associação entre o envolvimento, a participação e o desempenho escolar. É importante criar situações nas quais os/as alunos/as possam atingir uma aprendizagem ativa, prazerosa, significativa e consciente e para atingir tal objetivo é preciso que o/a aluno/a esteja envolvido na sua própria aprendizagem (Martins & Santos, 2013). No processo de ensino devem ser implementadas ações estratégicas que promovem o desenvolvimento de várias competências e, como está definido nas Aprendizagens Essenciais de Estudo do Meio do 4.º ano do 1.º CEB, revela-se importante “centrar os processos de ensino nos alunos, enquanto agentes ativos na construção do seu próprio conhecimento” (Direção-Geral de Educação, 2018, p. 3). Nesta linha de pensamento, Martins et al. (2017) reconhece a importância da planificação de atividades para “o antes, durante e após a visita de estudo como recurso necessário para maior sucesso das visitas” (p. 1607). E se olharmos para as visitas de estudo como uma metodologia de ensino e aprendizagem ativa, os/as alunos/as têm de estar envolvidos e participar ativamente em todas as etapas.

2.1. Antes - Preparação da visita de estudo

De uma forma global, Oliveira (2008) refere que a primeira etapa de organização de uma visita de estudo diz respeito a todo o trabalho de preparação de professores/as e alunos/as, em que são definidos os objetivos resultantes da sua implementação e abordados todo um conjunto de aspetos. Nomeadamente a formação de equipas organizacionais e o planeamento de todo um conjunto de ações que se prendem com a

escolha do local a visitar e com a metodologia implementada para o cumprimento dos objetivos.

O autor Couto (2022) refere que nesta etapa devem ser selecionados os conteúdos a explorar, os materiais a utilizar, como guiões da visita, o tipo de visita a realizar e o tratamento das questões burocráticas, dando como exemplo toda a preparação logística da visita e o contacto com as entidades. Para o planeamento coerente e consistente desses passos preparativos da visita, convém que o/a professor/a reúna alguns conhecimentos prévios acerca do local, o que o/a auxilia consideravelmente na definição de objetivos e na produção dos materiais a utilizar na visita (Couto, 2022).

Noutras palavras, Souza et al. (2017) menciona que a etapa antes da visita de estudo diz respeito a procedimentos que envolvem tanto a preparação da visita por parte do/a professor/a e quanto à participação dos/as alunos/as. Uma vez que, tal como refere Silva (2013) aconteceram mudanças significativas no papel do docente “transformando-o em um verdadeiro orientador de estudos ao invés de mero transmissor de conteúdo, exigindo também do aluno uma nova postura: a de protagonista de seu próprio aprendizado” (p. 1). De acordo com Souza et al. (2017), os procedimentos que estão encargo do/a professor/a são a definição de objetivos da visita, visita prévia ao local, previsão de duração da visita, seleção de atividades, etc. Por outro lado, o autor refere que a participação dos/as alunos/as na preparação se baseia na contextualização da visita com os conteúdos do currículo escolar, identificando as ideias prévias sobre os temas que serão explorados durante a visita, decidir e organizar os procedimentos de registos sobre a visita, oferecer informações sobre o local, entre outras.

Pessoa (1988) salienta que a planificação da visita deve ser feita depois de reunir informação sobre os recursos existentes na escola, nomeadamente os recursos financeiros, a disponibilidade de transporte para os/as alunos/as e a possibilidade de a escola cobrir as despesas. Importa também o pedido de autorização ao Conselho-Diretivo ou Pedagógico, a informação às Direções de Turma e professores/as das turmas participantes, assim como aos/às Encarregados de Educação dos/as aluno/as. O mesmo autor salienta que este pedido de autorização deve conter informações, tais como: local onde se realizará a visita; data/hora/local de início e fim de viagem; meio de transporte a utilizar; turmas envolvidas; professores/as participantes; tema da visita e objetivos e outras indicações.

Os objetivos da visita devem ser definidos, como já foi referido, pelos/as professores/as do mesmo grupo disciplinar, mas também pelos/as outros/as

professores/as que formam o Conselho de Turma e os objetivos e o conteúdo programático devem ser do conhecimento dos/as alunos/as (Pessoa, 1988).

Ainda o mesmo autor afirma que quem organiza uma visita deve fazer uma antecipada ao local, de forma a retirar elementos que permitam uma melhor organização, recolher dados sobre formas de deslocação e horários, elaborar um guia para os/as alunos/as que deverá incluir: horário de partida e chegada; percurso a realizar; material de apoio; fichas de observação; folhas para relatório final; comportamento a ter durante a visita e organizar atividades recreativas para ocupar o período da viagem (Pessoa, 1988).

2.2. Durante - Realização da visita de estudo

A fase decorrente da implementação da visita de estudo é onde se faz a observação e a recolha de dados através da realização de atividades propostas (Oliveira, 2008).

Martins et al. (2017) refere que durante a visita de estudo existem certos aspetos a ter em consideração. O/A professor/a tem um papel fulcral no desenvolvimento das aprendizagens dos/as estudantes durante o contexto de uma visita, não apenas sobre o que os/as alunos/as fazem no ambiente do espaço, mas como percebem a visita, o que irão valorizar e, conseqüentemente, o que irão lembrar dela (Martins et al., 2017). A ideia é estimular a autonomia intelectual dos/as alunos/as por meio de atividades planeadas, de modo a promover o uso de diversas capacidades de pensamento como “interpretar, analisar, sintetizar, classificar, relacionar e comparar” (Silva, 2013, p. 2).

No decorrer da visita, os/as alunos/as deverão possuir um guião orientador, que deverá ser elaborado na preparação da visita. O guião deve ser bem construído para permitir que os/as alunos/as encontrem a informação que devem retirar da visita (Pessoa, 1988). Este guião deve contemplar uma série de indicações, tais como as regras que devem cumprir, os objetivos da visita, sugestões de trabalho, mapas e horas dos locais a visitar e algumas questões orientadoras que foquem a atenção dos/as estudantes (Rato, 2016). O texto do guião deve ser o mais rigoroso possível, do ponto de vista científico, mas também deve ser o mais divertido possível, do ponto de vista da apresentação das questões (Pessoa, 1988). O guião deve, igualmente, dar espaço para os/as alunos/as integrarem as suas reflexões pessoais e possibilitar a inclusão dos apontamentos que considerarem úteis.

A existência de um guião é, igualmente importante, uma vez que “veicula a ideia de que a visita é uma continuação do trabalho desenvolvido da escola, sendo por isso um trabalho formal de aprendizagem” (Rato, 2016, p. 40). Independentemente disso,

as visitas podem e devem possibilitar momentos de descontração e de divertimento, visto que é importante que a visita não alcance uma dimensão excessivamente expositiva e que os/as alunos/as assumam uma atitude ativa face ao conhecimento abordado (Rato, 2016).

2.3. Depois - Exploração da visita de estudo

No final da visita de estudo, é necessário que o/a professor/a antecipe momentos de reflexão sobre a visita de estudo e proponha “atividades que organizem as informações recolhidas pelos estudantes de modo a relacioná-las com as abordagens realizadas durante as aulas subsequentes” (Souza et al., 2017, p. 1607).

A fase após a visita de estudo inicia-se quando os/as alunos/as regressam ao contexto sala de aula e aí acontece a partilha, a sistematização, a reflexão e retiram-se as conclusões do trabalho desenvolvido no seu decorrer (Oliveira, 2008).

Contudo, Martins et al. (2017) ao analisar um estudo refere que a etapa de pós-visita é a que, na maior parte dos casos, “deixa de ser integrada na planificação dos professores” (p. 1608), uma vez que os/as docentes não costumam apresentar ou descrever as atividades programadas para o retorno à sala de aula. Segundo o mesmo autor, remetendo para as ideias de Dewitt e Osborne (2007), os recursos desenvolvidos pelos/as professores/as, para a realização das etapas antes e depois da visita podem promover uma aprendizagem mais eficaz nos/as alunos/as.

Pessoa (1988) afirma que no final da visita, é altura de uma sistematização, nomeadamente com o esclarecimento de dúvidas, a partilha de materiais que os/as alunos/as foram recolhendo durante a visita. As respostas sugeridas no guião devem ser analisadas e deverá ser feita uma reflexão sobre a pertinência da realização da visita. Vários autores sugerem que como complemento da visita, os/as alunos/as podem apresentar, individualmente ou em grupo, relatórios, desenhos, fotografias, exposições escritas, artigos de jornal que poderão ser afixados num painel de modo a informar a escola das conclusões retiradas (Pessoa, 1988; Rato, 2016; Faria, 2014).

Com o trabalho em grupo é possível promover uma aprendizagem colaborativa, dado isto utilizar esta metodologia na última etapa da visita de estudo é uma estratégia que pode ser aplicada, uma vez que exige que cada elemento seja responsável e capaz de regular a sua própria aprendizagem, apoiar os/as colegas na regulação das suas aprendizagens e, em conjunto, regular os processos de aprendizagem do grupo de forma coordenada, partilhando representações e estabelecendo um objetivo comum de aprendizagem (Marques et al., 2019).

Em suma, é notório que todas as etapas da organização de uma visita de estudo são fundamentais e constituem momentos metodológicos de organização e planificação duma experiência educativa desta natureza (Oliveira, 2013).

3. Trabalhar o terramoto de 1755 na área curricular de Estudo do Meio

Discutir qualquer assunto socialmente traumático e relacionado com a perda de vidas humanas é sempre difícil. Porém, é fulcral que nos debrucemos sobre este assunto, pois apenas desta forma podemos compreender o ocorrido, as baixas registadas e, mais importante ainda, o que podemos fazer para evitar uma repetição, ou para, pelo menos, reduzir o número de baixas (Ferreira, 2013). Neste capítulo irá ser abordado o terramoto que atingiu Portugal a 1 de novembro de 1755, com ênfase na referida catástrofe específica, focando na sua importância em trabalhá-lo na área de Estudo do Meio.

No dia de todos os santos, 1 de novembro, de 1755, um terremoto de enormes proporções estremeceu o sul de Portugal. Este dia era amplamente celebrado numa sociedade dominada pela religião católica como era a portuguesa de então, sendo que os ritos relacionados com o dia de todos os santos levam a que os/as fiéis acorressem às igrejas. Em 1755, este facto conduziu a que os desabamentos de muitas igrejas resultassem na morte de milhares de pessoas (Botton, 2011; Ferreira, 2013). Este episódio é considerado um marco na história de Portugal e um momento crucial na trajetória política de Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeiras, que ficou conhecido para a posteridade como Marquês de Pombal (Botton, 2011). No entanto, apesar de ter atingido várias regiões, a cidade de Lisboa foi a mais atingida, uma vez que esta cidade era capital, o centro económico, político, cultural e o maior agregado populacional do país. Lisboa, simultaneamente, era uma das mais importantes capitais europeias e o centro nevrálgico do então império português, constituindo-se como uma cidade de renome europeu e mundial. Encontrava-se na rota dos principais circuitos marítimos do comércio mundial, sendo uma das cidades mais cosmopolitas do ocidente (Ferreira, 2013). O terramoto de Lisboa, como ficou apelidado desde então, foi especialmente reconhecido pela devastação que provocou, já que não se tratou apenas de um sismo, mas sim de uma trilogia, que englobou, o sismo, o maremoto e o incêndio (Ferreira, 2013).

Como referido anteriormente, o terramoto foi um marco muito importante principalmente para a história de Lisboa. Estudar este acontecimento é importante na área de Estudo do Meio, uma vez que os autores Ferreira & Almeida (2014) referem que

esta área está ligada à preparação dos alunos para se tornarem cidadãos ativos numa sociedade em mudança. Os autores mencionam que é nas aulas de Estudo do Meio que se adquirem conhecimentos e competências, desenvolvem e interiorizam atitudes e valores que levam as crianças a compreender a realidade física e social que as rodeia, com respeito por todas as culturas e despertando a consciência de que somos cidadãos do mundo (Ferreira & Almeida, 2014). A área de Estudo do Meio, neste projeto, é abordada de forma interdisciplinar, assumindo-se como uma área a privilegiada no processo de ensino-aprendizagem para que os/as alunos/as do ensino básico “desenvolvam de forma crítica, a relação entre ciências, tecnologia e sociedade e compreendam que a ciência resulta de um processo social coletivo e gradativo de construção de conhecimento” (Quinta et al., 2015, p. 781). A abordagem interdisciplinar define-se como o encontro e a cooperação entre duas ou mais disciplinas, cada uma das quais empregando ao nível da teoria ou da investigação empírica os seus próprios esquemas conceptuais (Quinta et al., 2015). A interdisciplinaridade, neste estudo, não se contenta com uma simples participação de diferentes disciplinas, mas implica a reorganização do processo de ensino-aprendizagem, numa colaboração entre disciplinas diferentes, resultando na integração mútua e enriquecimento recíproco (Pombo, 2004; Carvalho & Freitas, 2010). Para tal, a visita de estudo é utilizada como estratégia de ensino aprendizagem que permite trabalhar o terramoto numa perspetiva que possibilita uma abordagem interdisciplinar, abrangendo as áreas de Estudo do Meio, Português, Tecnologias da Informação e Comunicação e Artes Visuais.

Ferreira (2013) refere que é essencial que os/as alunos/as pesquisem as memórias locais para entender a importância de um evento histórico, que modificou toda a construção de uma cidade e, conseqüentemente, afetou o modo de vida de quem lá habitava e de quem lá vive hoje. O/a professor/a ao trabalhar a história local está a contribuir para que não se considere o país como um todo homogéneo (Ferreira, 2013), sendo esta uma das intencionalidades pedagógicas deste estudo durante as atividades implementadas com os/as alunos/as.

Na prática educativa, ao articular elementos científicos, políticos-sociais, humanísticos e técnicos, as ações humanas que a História procura analisar tornam-se evidentes, proporcionando assim um melhoramento do processo de ensino e aprendizagem dos/as alunos/as. Desta forma, o ensino deve ser abrangente e holístico, incluindo as diversas dimensões da didática (Proença, 1990). No contexto do Estudo do Meio, as Aprendizagens Essenciais “visam desenvolver um conjunto de competências de diferentes áreas do saber, nomeadamente Biologia, Física, Geografia, Geologia, História, Química e Tecnologia” (Direção-Geral de Educação, 2018, p.1). Para o 4.º ano

e no caso específico da minha prática interdisciplinar, prioriza-se a abordagem em Ciências Naturais em “reconhecer alguns fenómenos naturais (sismos, vulcões, ...) como manifestações da dinâmica e da estrutura interna da Terra e como agentes modificadores da paisagem” (Direção-Geral de Educação, 2018, p. 8) e em Ciências Sociais, “conhecer personagens e aspetos da vida em sociedade relacionados com os factos relevantes da história de Portugal” (Direção-Geral de Educação, 2018, p. 6). Para tal, foram criadas atividades específicas para os/as alunos/as apropriarem estes conhecimentos e envolverem-se nos seus processos de ensino-aprendizagem de forma a terem uma aprendizagem holística e global.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

No presente capítulo apresenta-se a questão de investigação e objetivos definidos para o projeto de investigação sobre a prática desenvolvida. Segue-se o enquadramento metodológico da investigação realizada e a sua adequação ao estudo. Apresentam-se, ainda, as técnicas e instrumentos para a recolha de dados e análise.

A presente investigação incidiu, fundamentalmente, na aprendizagem de conteúdos da área do Estudo do Meio através do envolvimento dos/as alunos/as do 4.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico na realização de uma visita de estudo. Neste sentido, a minha questão de investigação: “Que efeito tem a participação dos/as alunos/as na preparação, realização e exploração de uma visita de estudo na motivação para as aprendizagens de Estudo do Meio?”. Para responder à questão enunciada, surge um objetivo geral que se desdobra em dois específicos. O objetivo geral diz respeito a “Compreender se o envolvimento dos/as alunos/as nas visitas de estudo contribui para a aprendizagem e motivação na área do Estudo do Meio”. Os dois específicos são os seguintes: (i) Perceber como a participação na preparação da visita motiva para o processo de aprendizagem e (ii) Perceber como a exploração da visita de estudo contribui para o processo de aprendizagem.

1. Metodologia de investigação

Ponte (2002) refere que “todo o bom professor tem de ser também um investigador, desenvolvendo uma investigação em íntima relação com a sua função de professor” (p. 3). De acordo com a natureza do paradigma de investigação em causa, adotou-se uma abordagem eminentemente de natureza qualitativa, mas com aspetos quantitativos e com características aproximadas ao preconizado pela metodologia de investigação sobre a prática.

A investigação qualitativa, segundo Ribeiro (2008), desenvolve-se “numa situação natural, [rica] em dados descritivos, obtidos no contacto direto do pesquisador com a situação estudada” (p. 133). Nesta metodologia, enfatiza-se mais o processo do que o produto, procurando-se retratar a perspetiva dos/as participantes, numa perspetiva aberta, flexível e focada na realidade complexa e contextualizada (Ribeiro, 2008).

Nesta linha de pensamento, os autores Bogdan e Biklen (1994) apresentam cinco características da abordagem qualitativa: (i) “a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal” (p.47); (ii) “é descritiva”

(p.48); (iii) “os investigadores . . . interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos” (p.49); (iv) “os investigadores . . . tendem a analisar os seus dados de forma indutiva” (p.50); (v) “o significado é de importância vital na abordagem qualitativa” (p.50).

Em relação ao primeiro ponto, dado que “os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto . . . as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência” (p. 48), faço um paralelismo com o meu estudo, uma vez que a presente investigação é desenvolvida num contexto educativo, onde os dados são recolhidos diretamente no local e a interpretação dos dados é subjetiva, construída com base nas experiências. Tendo em conta o segundo ponto, a minha investigação é descritiva no sentido em que os dados recolhidos são registados através de representações ou palavras (notas de campo, fotografias, registo áudio, etc.) e porque há o esforço por parte da investigadora de “analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto o possível, a forma em que estes foram registados ou transcritos” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 48). Quanto ao terceiro ponto, sendo a presente investigação centrada em todo o processo didático-pedagógico envolvido na realização de uma visita de estudo, é evidente que esta característica da investigação qualitativa se adequa ao estudo, visto que mais do que a avaliar e refletir sobre o produto final, interessa perceber os principais desafios e dificuldades dos/as alunos/as. O quarto ponto diz respeito à não recolha de “dados ou provas com o objetivo de confirmar ou infirmar hipóteses construídas previamente; ao invés disso, as abstrações são construídas à medida que os dados particulares que foram recolhidos se vão agrupando” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 50). Este também é um interesse da presente investigação, uma vez que o objetivo não é confirmar hipóteses, mas sim construí-las à medida que as informações foram sendo recolhidas. Por fim, o significado é de extrema importância, pois preocupei-me “com aquilo que se designa por perspetivas participantes” (Bogdan & Biklen, 2013, p. 50), uma vez que foi do interesse do estudo valorizar as perspetivas dos/as intervenientes face ao que se investiga, tal como a forma de pensarem e interpretarem determinados factos.

Relativamente à abordagem quantitativa, Freixo (2018) sustenta que este “método . . . constitui um processo sistemático de colheita de dados observáveis e quantificáveis. É baseado na observação de factos objetivos, de acontecimentos e de fenómenos que existem independentemente do investigador” (p. 171). Nesta abordagem, os objetivos consistem primordialmente em encontrar relações entre variáveis, fazer descrições com base no tratamento estatístico de dados recolhidos.

Porém, Freixo (2018) afirma ainda que “o número permite: a precisão; uma maior objetividade; a comparação e a reprodução; a generalização para situações semelhantes” (p. 171). Nesta linha de pensamento, é possível compreender a importância desta metodologia e a razão pela qual se enquadra no meu projeto de investigação, uma vez que me permitiu recolher dados objetivos e quantificáveis, através dos inquéritos por questionário realizados aos/às alunos/as, que me possibilitou confrontá-los, comparativamente, com os dados da observação recolhida.

O método de investigação escolhido para a concretização do projeto de investigação, tal como já referi anteriormente, foi a metodologia de investigação sobre a prática, dado que este é o que mais se enquadra com o estudo que pretendo realizar. Ponte (2002) refere que a investigação sobre a prática, constitui um elemento determinante na identidade profissional dos/as docentes. Revela, também, que é fundamental que neste género de investigação o/a próprio/a investigador/a seja reflexivo/a, de modo a adquirir um maior conhecimento sobre si e, principalmente, sobre a prática realizada. Como tal, uma investigação sobre a prática é caracterizada por ser uma ação abrangente a qualquer profissional docente que permite realizar uma autorreflexão com o propósito de melhorar a sua prática progressivamente (Ponte, 2002).

O/A investigador/a reflete sobre as suas ações de forma a adquirir maior conhecimento sobre si e conseqüentemente melhorar a sua prática, o que implica estar em posição para se questionar. “O interesse do professor é realmente resolver um problema que o preocupa ou compreender a situação que o intriga e não apenas investigar por investigar” (Ponte, 2002, p. 13). Novamente segundo Ponte (2002):

[Toda] a investigação envolve quatro momentos principais: (i) a formulação do problema ou das questões do estudo, (ii) a recolha de elementos que permitam responder a esse problema; (iii) a interpretação da informação recolhida com vista a tirar conclusões, e (iv) a divulgação dos resultados e conclusões obtidas. (p. 13)

No que diz respeito ao presente estudo, esta metodologia enquadra-se, uma vez que pretende obter resposta à questão que orienta o projeto de investigação e através de uma reflexão contínua sobre a minha prática enquanto professora estagiária e com base no contexto educativo. Na prática, tive em consideração o questionamento e a reflexão de forma a construir conhecimentos e todas as propostas de intervenção foram elaboradas e planificadas com uma intencionalidade didática a partir de objetivos

definidos. Por fim, na presente investigação realizei uma sistematização da prática através das evidências das observações, recolha e registos de informações.

2. Técnicas e instrumentos de recolha de dados

Neste ponto do estudo, pretendo identificar e caracterizar os procedimentos a adotar relativos às técnicas de recolha e tratamento de dados, assim como explicitar a sua adequação à natureza do estudo. Durante a investigação, assumi o papel de professora estagiária e de investigadora, o que me permitiu estudar o contexto, participar ativamente nas relações do quotidiano do grupo onde intervimos, recolhendo dados e informações cruciais para a minha investigação.

As técnicas e instrumentos de recolha de dados são aspetos fundamentais durante o decorrer de uma investigação. Segundo os autores Ketele e Roegiers (1999), a recolha de dados define-se como um processo de obtenção de informações através de fontes diversificadas, com o objetivo de produzir resultados na recolha e tratamento da informação para solucionar um problema. Tendo em consideração as características da investigação qualitativa e da quantitativa, bem como os objetivos e questões de investigação, obtiveram-se os dados através da observação participante, inquérito por questionário aos/às alunos/as e recolha documental. Na tabela 1, apresento as técnicas e instrumentos utilizados na investigação.

Tabela 1

Técnicas e instrumentos de recolha de dados

		Instrumentos de recolha de dados	Registos	Documentos
Técnicas de recolha de dados	Observação participante	<ul style="list-style-type: none"> ○ Caderno de campo; ○ Telemóvel. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Notas de campo; ○ Registos fotográficos; ○ Registo vídeo; ○ Registo áudio. 	Não se aplica
	Inquérito por questionário	<ul style="list-style-type: none"> ○ Questionários. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Respostas dos alunos aos questionários. 	Não se aplica
	Recolha documental	<ul style="list-style-type: none"> ○ Guião de visita de estudo; ○ Trabalho de grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Respostas dos alunos aos guiões; 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Produções escritas dos alunos;

			○ Realização dos cartazes.	○ Produção dos cartazes temáticos dos grupos de trabalho.
--	--	--	----------------------------	---

2.1. Observação participante

A técnica de observação participante define-se “como uma investigação caracterizada por interações sociais intensas, entre investigador e sujeitos, no meio destes, sendo um procedimento durante o qual os dados são recolhidos de forma sistematizada” (Correia, 2009, p. 31). A observação participante está presente em todas as etapas do projeto, uma vez que esta observação é uma técnica de recolha de dados que consiste na observação e na participação do/a investigador/a. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 16) é a estratégia mais representativa da investigação qualitativa.

De acordo com Correia (2009), a observação vai evoluindo, iniciando-se numa fase mais descritiva, em que o/a investigador/a procura obter uma perspetiva geral dos aspetos sociais, das interações e do que acontece em campo. Posteriormente, seguem-se momentos de observação focalizada, em que se começa a ter como foco determinadas situações e/ou acontecimentos e por fim, a observação seletiva, depois de repetidas observações em campo, já na elaboração do relatório.

No que concerne ao estudo, a observação foi participativa direta e não estruturada, uma vez que foram utilizados registos em formato multimédia, como registos de áudios, fotografias e vídeo. A partir destes registos foram realizadas algumas das notas de campo, que tal como Bogdan e Biklen (1994) referem, são “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo” (p. 150). Nestas notas estão detalhadas e registadas atitudes e reações manifestadas pelos/as alunos/as durante a realização das tarefas, conversas ou outros apontamentos considerados relevantes. Contudo, para facilitar a interpretação dessas notas recorreu-se, também, ao registo fotográfico e/ou à gravação de vídeo, visto que contêm dados descritivos relevantes dos trabalhos elaborados pelos/as alunos/as.

2.2. Inquérito por questionário

O inquérito por questionário, de acordo com Batista et al., (2021), “permite auscultar um número significativo de sujeitos face a um determinado fenómeno social pela possibilidade de quantificar os dados obtidos e de se proceder a inferências e a generalizações” (p. 14-15). Esta técnica tem grande destaque na investigação em

Educação, uma vez que é constituída por um conjunto de perguntas que permitem compreender as atitudes e opiniões, dependendo da questão e dos objetivos do estudo (Batista et al., 2021).

Segundo Batista et al. (2021) os questionários podem ser caracterizados em três tipos: questionário só com perguntas abertas “a pessoa responde como quer, utilizando o seu próprio vocabulário, fornecendo os pormenores e fazendo os comentários que considera certos” (Ghiglione & Matalon, 1993, p. 126); questionários só com perguntas fechadas, em que existe a “formulação das questões, a sua ordem e a gama de respostas possíveis são previamente fixadas” (Ghiglione & Matalon, 1993, p. 70) e questionário misto.

Os questionários aplicados durante o presente projeto de investigação são de carácter misto. Esta opção foi tomada tendo em conta que, deste modo, são uma ferramenta útil “quando o investigador pretende obter informação qualitativa que sirva, por exemplo, como complemento ou elemento indicador do contexto da informação quantitativa obtida” (Batista et al., 2021, p. 18).

No decorrer da minha investigação, foram realizados dois questionários aos/às alunos/as. Um no início da investigação (Cf. Anexo A), com o objetivo de conhecer as conceções e conhecimentos dos/as alunos/as sobre visitas de estudo, mas também como forma de motivação para todo o processo sobre o tema a trabalhar, uma vez que o questionário me permite “não só organizar e controlar os dados, mas também saber e compreender o que as pessoas pensam” (Afonso, 2014). O segundo questionário (Cf. Anexo B), foi realizado no final da implementação prática do projeto, com o intuito de perceber qual o impacto que o projeto teve nas aprendizagens dos/as alunos/as e para compreender/perceber se os objetivos iniciais foram alcançados. Deste modo, as respostas de diferentes alunos/as podem ser comparadas e quantificadas, servindo de base para uma análise estatística.

2.3. Recolha documental

A recolha documental é uma técnica indireta que consiste na identificação dos documentos que consideramos relevantes para o estudo, sejam eles documentos oficiais ou pessoais, tal como as produções dos/as alunos/as (Hortas et al., 2016, p. 15). Segundo Walsh et al. (2002) a recolha documental “centra-se na informação sobre um determinado grupo constante dos vários registos escritos encontrados num determinado contexto” (p. 1055). No que diz respeito a esta investigação, a recolha documental baseou-se em todas as produções dos/as alunos/as, guiões construídos (Cf. Anexos C, D, E e F) e preenchidos durante a visita de estudo e informações escritas recolhidas

através de pesquisa que deu origem a um cartaz final. Assim, é possível afirmar que o foco são as produções dos/as alunos/as, sendo estas indispensáveis quando se trata de uma aprendizagem focada no/a aluno/a.

Todos estes documentos contribuíram para compreender o envolvimento e motivação dos/as alunos/as ao longo de todo o processo de investigação, ou seja, perceber se o facto dos/as alunos/as estarem envolvidos em todo o processo de aplicação da estratégia da visita de estudo apoia as aprendizagens e se conduz os/as alunos/as a aprendizagens significativas.

3. Procedimentos e técnicas de análise de dados

Após a recolha dos dados, obtidos através da utilização das diferentes técnicas e instrumentos de recolha, cruzei todos os dados recolhidos durante a investigação e procedi a uma análise de dados, que segundo Bogdan e Biklen (1994):

[É] o processo de busca e de organização sistemático de transcrições de . . . notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou. (p.205)

A análise de dados assume um papel fulcral numa investigação, dado que “não basta recolher dados, é preciso saber analisá-los e interpretá-los” (Amado, 2013, p.299). Neste sentido, procura-se interpretar e compreender os dados recolhidos através dos instrumentos anteriormente referidos. Assim, a técnica utilizada foi a análise de conteúdo.

3.1. Análise de conteúdo

A análise de conteúdo é uma técnica de tratamento de dados que se dedica a examinar todas as comunicações (Lima & Pacheco, 2006). A análise enquadra-se com o presente estudo, uma vez que pode ser quantitativa e qualitativa. Na interpretação de dados, quando estes têm fins descritivos, interpretativos ou explicativos, como foi o caso do projeto em causa, “o conteúdo presente nas unidades de registo é, pelo menos, tão importante na interpretação dos dados quanto a análise dos quadros de referência expressos pelas categorias” (Lima & Pacheco, 2006, p. 120).

Neste sentido, o conteúdo analisado restringiu-se à recolha de dados realizada através dos inquéritos por questionário, os guiões preenchidos durante a visita de estudo (produção individual dos/as alunos/as), as minhas notas de campo, os registos

fotográficos, as transcrições de áudio de cada uma das sessões e os cartazes finais (produção dos/as alunos/as em grupo). Importa referir que as aulas não foram transcritas na sua totalidade dado que existiu uma seleção dos aspetos mais relevantes para a investigação em questão. Foi fundamental organizar os dados recolhidos através de gráficos e tabelas de análise de conteúdo, de modo a conseguir analisá-los apropriadamente. É também importante referir que, na descrição da análise, os/as alunos/as são identificados com nomes através de siglas.

Numa última fase, para uma melhor organização e de forma a fazer uma interpretação dos dados fiel à realidade do contexto, optei por reunir toda a informação obtida relativa a cada uma das atividades através dos instrumentos de recolha de dados, com o objetivo de analisar esses mesmos dados e averiguar se houve progresso nas aprendizagens dos/as alunos/as, de modo a responder à questão de investigação, assim como, para verificar se os objetivos do projeto foram cumpridos.

CAPÍTULO 3

INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

O presente capítulo integra a descrição da intervenção pedagógica, nomeadamente, a descrição e interpretação da sequência de atividades desenvolvidas com os/as alunos/as no âmbito do projeto de investigação. Proponho-me caracterizar e descrever o contexto onde realizei o estudo e, posteriormente, apresento a descrição da intervenção pedagógica dividida em três fases: antes, durante e depois da visita de estudo.

1. Apresentação do contexto e dos participantes

A intervenção que aqui se apresenta ocorreu no âmbito da Unidade Curricular Estágio no 1.º e no 2.º Ciclos, entre 8 de janeiro e 28 de fevereiro de 2024, totalizando 7 semanas, em que a primeira semana foi de observação e as restantes, de segunda a quarta-feira, foram de intervenção. A investigação foi desenvolvida numa turma de 4.º ano de escolaridade, numa Escola Básica de um agrupamento escolar da rede pública, no concelho de Almada, distrito de Setúbal. A escola localiza-se numa zona urbana, com fácil acesso de carro ou transportes públicos, que integra alguns bairros sociais com população de diversas etnias e culturas, sendo que a maioria dos/as alunos/as vive próximo da escola.

O agrupamento a que a escola pertence tem como principal missão, conforme o *Projeto Educativo* (2018/2021):

Conduzir o ensino e a aprendizagem de forma a que todos os alunos se sintam incluídos e motivados a participar no seu processo de aprendizagem, permitindo a cada um atingir o seu potencial máximo, na construção de um percurso pessoal e académico, pautado pela responsabilidade, autonomia e competência. (p. 9)

A instituição tem como valências Jardim de Infância e 1.º Ciclo. É constituída por três edifícios, um de Jardim de infância, um de 1.º Ciclo e um comum. O edifício principal do 1.º Ciclo, abrange 2 pisos, que integram 9 salas de aulas, 4 salas para atividades de tempos livres, 2 gabinetes de trabalho, sala polivalente, sala de direção/coordenação e cozinha/refeitório. Conta ainda com 2 espaços de Educação Física, sendo um exterior e outro interior, o ginásio. O edifício comum é constituído por sala de professores, sala de recursos e biblioteca. O espaço exterior é composto por um parque, campo de futebol e uma horta.

Como consta no *Projeto Educativo* (2018/2021), a escola participa em vários projetos e atividades, consoante o ano de escolaridade. O 4.º ano, nomeadamente a turma onde foi realizado o estudo, participa nos seguintes: “Ambiente e Cidadania”, “Cidadania e Desenvolvimento: Nós somos o mundo”, “Biblioteca: Escola a ler”, “Embaixadores da Saúde”, “Desporto Escolar”, “Desporto para todos” e “Pontos de transição (Projeto XL)” e atividade de xadrez promovida pela Câmara Municipal de Almada.

A sala de aula da turma é de grande dimensão e tem boa iluminação, uma vez que duas das suas paredes são cobertas por janelas. A sala conta com 28 mesas individuais, uma secretária destinada à professora, dois armários para arrumação, um quadro e um projetor. As paredes estão preenchidas com cartazes criados pela professora e alunos/as sobre os conteúdos abordados no momento, contêm também as regras da turma construída e alguns desenhos.

No início do estágio as mesas estavam dispostas em filas (Cf. Anexo G). Ao longo dos dias, considerei que o espaço não estava a ser aproveitado da melhor forma, assim solicitei à professora titular a alteração da disposição das mesas de forma a potenciar o trabalho em grupos (Cf. Anexo H), ficando no restante tempo de estágio esta organização que se revelou uma melhor relação espaço/número de alunos.

A turma, é constituída por 24 alunos/as, sendo 14 do género feminino e 10 do género masculino, com idades compreendidas entre os 8 e os 11 anos. A turma integra 14 alunos/as portugueses, sendo 4 de etnia cigana, 3 alunos/as angolanos, 2 brasileiros, 2 de São-Tomé, 1 de Moçambique, 1 belga e 1 da Ucrânia. Relativamente às medidas de suporte à aprendizagem e inclusão, o *dossiê da turma* indica 9 alunos/as ao abrigo do Decreto-Lei n.º 54/2018, sendo que 5 alunos/as têm medidas universais com diferenciação pedagógica e acomodações curriculares, 4 têm medidas seletivas com adaptações curriculares não significativas, apoio psicopedagógico e antecipação e reforço das aprendizagens e existe ainda um/a aluno/a com Português Língua Não Materna (PLNM).

O nível socioeconómico dos encarregados de educação dos/as alunos/as é médio e médio-baixo, existindo 7 desempregados. Segundo o *dossiê da turma*, o nível de escolaridade da maioria dos encarregados de educação situa-se ao nível do ensino básico e secundário.

No que concerne à aprendizagem, a turma é, de um modo geral, conversadora, mas participativa e empenhada nas tarefas propostas, demonstrando sempre interesse e motivação em desenvolver novos saberes. A maioria dos/as alunos/as compreende e

aplica os conhecimentos adquiridos e os conteúdos trabalhados na realização de tarefas. Em relação à assiduidade e pontualidade, todos os dias muitos/as alunos/as chegam atrasados e na maioria dos dias há, pelo menos, uma criança a faltar¹.

Antes da intervenção que agora se apresenta, a turma tinha realizado somente uma visita de estudo. No 3.º ano de escolaridade foram ao Museu de Marinha e ao Planetário, ambos situados na freguesia de Santa Maria de Belém, no concelho de Lisboa. Em conversa com a professora titular, percebi que não é frequente realizarem-se visitas de estudo. No ano em que estagiei na escola, houve mesmo a indicação por parte da direção para a não realização de visitas de estudo, com exceção da visita de final de ano.

De acordo com a professora titular, a única visita de estudo realizada pela turma foi organizada e planeada pela coordenação e professores/as titulares, sendo que os/as alunos/as não tiveram qualquer intervenção na sua preparação. Relativamente ao transporte, deslocaram-se até ao local de autocarro fornecido pela Câmara Municipal de Almada, sendo que em nenhuma atividade de âmbito escolar os/as alunos/as utilizaram transportes públicos como meio de deslocação. No local da visita, os/as alunos/as não realizaram nenhuma recolha de informação, assumindo apenas o papel de observadores/as. Após a visita, também não realizaram qualquer tipo de exploração sobre o que observaram.

2. Descrição da intervenção pedagógica

A presente intervenção pedagógica, tal como foi mencionado anteriormente, foi desenvolvida numa turma de 4.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico, decorreu entre janeiro e fevereiro de 2024 e teve como principal objetivo envolver os/as alunos/as nas diversas etapas da realização de uma visita de estudo de forma a motivá-los/as para a aprendizagem de Estudo do Meio.

Desta forma, nesta secção do estudo, proponho-me a apresentar a organização da intervenção pedagógica assim como a descrição de cada uma das fases e respetivas sessões.

2.1. Organização da intervenção pedagógica e calendarização das sessões

Na primeira semana, de observação, foi partilhado com os/as alunos/as o propósito de terem na sala de aula uma professora estagiária. Expliquei o projeto de

¹ A primeira parte do subcapítulo: *Apresentação do contexto e dos participantes* foi realizada em conjunto com a minha colega de estágio.

investigação que pretendia implementar ao longo do estágio, destacando a necessidade da sua participação e colaboração.

Atendendo ao contexto e aos objetivos da investigação foram planificadas e implementadas 11 sessões de intervenção. Na abordagem inicial, expressei a intenção de realizar atividades abrangentes, envolvendo diversas áreas, com o intuito de realizar uma visita de estudo estabelecendo uma ligação com conteúdos lecionados em sala de aula. Durante a apresentação da investigação e dos seus objetivos, a turma demonstrou muito interesse e curiosidade. Foi explicado que seriam recolhidos diversos dados, através de registos escritos, fotográficos, áudio e vídeo. Por fim, os/as alunos/as foram informados sobre a necessidade de pedido de autorização dos/as encarregados/as de educação e assim foi agendada uma reunião. Nessa reunião de encarregados/as de educação foi abordado tudo o que já tinha sido referido aos/às alunos/as, incluindo os métodos de recolha de dados, a garantia de anonimato dos participantes e a sequência de atividades a desenvolver ao longo da minha intervenção enquanto investigadora e professora estagiária.

Na Tabela 2 é apresentada a síntese da calendarização das tarefas e, posteriormente, na secção seguinte, apresento a descrição mais detalhada de cada uma.

Tabela 2

Sequência de atividades

Etapas	Data	Tarefa	Áreas curriculares
Antes	22 de janeiro de 2024	Questionário “Antes da Visita de Estudo”	
	24 de janeiro 2024	Conhecer e Investigar o museu “Lisboa Story Centre”	Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) Português
	29 de janeiro 2024	Construção do itinerário para a visita de estudo ao “Lisboa Story Centre”	Português

	5 de fevereiro de 2024	Ideias para o Guião da visita de estudo	Estudo do Meio Português
Durante	14 de fevereiro de 2024	Visita de estudo ao “Lisboa Story Centre”	Estudo do Meio Português
Depois	21 de fevereiro de 2024	Partilha após a visita de estudo	Estudo do Meio Português
	21 de fevereiro de 2024	Início da realização do trabalho de grupo sobre a visita de estudo	Estudo do Meio Português Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) Artes Visuais
	23 de fevereiro de 2024	Continuação da realização do trabalho de grupo sobre a visita de estudo	Estudo do Meio Português Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) Artes Visuais
	26 de fevereiro de 2024	Finalização da realização do trabalho de grupo sobre a visita de estudo	Estudo do Meio Português Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) Artes Visuais
	28 de fevereiro de 2024	Apresentação do trabalho de grupo sobre a visita de estudo	Estudo do Meio Português Tecnologias de Informação e

			Comunicação (TIC)
	28 de fevereiro de 2024	Questionário “Depois da Visita de Estudo”	

2.2. Intervenção pedagógica

No seguimento do que foi mencionado, segue-se a apresentação e descrição detalhada, incluindo os objetivos definidos para todo o processo de intervenção e em cada uma das sessões dinamizadas, dividido em 3 fases: antes, durante e depois da visita de estudo, tal como mencionado no capítulo da Fundamentação Teórica. Para garantir o anonimato dos/as alunos/as em estudo, foram utilizados nomes codificados através de siglas.

2.2.1. Antes da Visita de Estudo – Etapa de Preparação

Após os/as alunos/as compreenderem a finalidade da intervenção, foi altura de avançar para a fase intitulada *Antes da Visita de Estudo*, esta etapa diz respeito a procedimentos que envolvem tanto a preparação da visita por parte do/a professor/a, quanto a participação dos/as alunos/as. Para tal, foram desenvolvidas 4 sessões nesta fase. Importa referir que o tema, terramoto de 1755, foi lecionado antes da realização da visita de estudo.

2.2.1.1. Questionário antes da Visita de Estudo (22/01/2024)

Esta etapa iniciou-se no dia 22 de janeiro, através do Inquérito “Antes da Visita de Estudo” (cf anexo A). A minha intenção em implementar este questionário foi familiarizar os/as alunos/as com os conteúdos que iríamos trabalhar nas sessões seguintes e verificar conhecimentos prévios sobre VE. Para tal, foi criada uma planificação, com 3 objetivos a alcançar: perceber a relação dos/as alunos/as com a ferramenta pedagógica visitas de estudo, perceber que tipo de envolvimento é que os/as alunos/as já tiveram com as visitas de estudo e compreender a motivação dos/as alunos/as para a preparação de uma VE.

Comecei por distribuir o inquérito - dividido em 5 perguntas de escolha múltipla e 4 perguntas abertas e li-o com os/as alunos/as. De seguida, expliquei que as questões servem para perceber o que entendem por uma visita de estudo, se já as realizaram, se sim, quais e onde, e até que ponto estiveram envolvidos/as, etc.

Disponibilizei 30 minutos aos/às alunos/as para responderem ao inquérito de forma individual e durante a sua realização esclareci dúvidas, maioritariamente sobre

interpretação das questões. Decidi, também, circular pela sala para identificar algumas conceções que os/as alunos/as tinham sobre as Visitas de Estudo.

No final dos 30 minutos, recolhi os inquéritos para os analisar e utilizar as respostas dos/as alunos/as como alicerce à minha intervenção, utilizando os seus conhecimentos prévios como ponto de partida.

2.2.1.2. Conhecer e Investigar o museu “Lisboa Story Centre” (24/01/2024)

A segunda sessão da Fase *Antes da Visita de Estudo* foi implementada no dia 24 de janeiro. Foi a primeira vez que os/as alunos/as tiveram contacto com a preparação de uma visita de estudo, sendo importante para os envolver e motivar em todo o processo, ideia defendida pelos autores Rato (2016) e Pares (2020). Esta atividade envolveu os objetivos das Aprendizagens Essenciais do 4.º ano do 1.º CEB de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e Português, nomeadamente:

Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC)

Domínio: Investigar e Pesquisar

- Formular questões simples que permitam orientar a recolha de dados ou informações;
- Planificar estratégias de investigação e pesquisa a realizar online;
- Utilizar o computador e outros dispositivos digitais como ferramentas de apoio ao processo de investigação e pesquisa;
- Realizar pesquisas, utilizando os termos selecionados e relevantes de acordo com o tema a desenvolver;
- Analisar a qualidade da informação recolhida;
- Validar a informação recolhida, com o apoio do professor, a partir do cruzamento de fontes e ou da natureza das entidades que a disponibilizam.

Português

Domínio: Leitura

- Fazer uma leitura fluente e segura, que evidencie a compreensão do sentido dos textos;
- Explicitar ideias-chave do texto;
- Identificar o tema e o assunto do texto ou de partes do texto.

Neste momento, já era de conhecimento da turma o local escolhido para a visita de estudo. Para ficarem a conhecer melhor o museu e para conseguirem realizar as propostas seguintes, propus que realizassem uma pesquisa no site oficial do “Lisboa Story Centre”. Tendo em conta que esta sessão tinha como objetivo a preparação da

visita de estudo, pretendeu-se que os/as alunos/as explorassem o site do museu “Lisboa Story Centre” para a futura construção do itinerário e dos guiões e, simultaneamente, desenvolvessem competências de pesquisa e de seleção de informação.

Organizei os/as alunos/as em grupos (figura 1), não só para potenciar o trabalho em grupo, mas também devido à falta de computadores que existiam dentro da sala. Neste sentido, depois dos grupos estarem formados, foram escritas no quadro algumas perguntas para que os/as alunos/as guiassem a sua pesquisa e a secção do site onde deveriam procurá-las, de modo a facilitar a pesquisa (tabela 3). Nesta atividade os/as alunos/as utilizaram e desenvolveram diversas competências de pesquisa e de organização e seleção de informação, o que se tornou numa tarefa importante e de treino para o futuro trabalho de grupo na *etapa exploração*.

Figura 1

Alunos/as em grupo a pesquisar no site “Lisboa Story Centre”



Tabela 3

Guião de organização da pesquisa

Questões que os alunos deverão procurar no site	Secção do site onde encontram as informações
O que o museu oferece?	“O que é?”
O museu é para quem?	“Para quem é?”

Como se pode chegar até ao espaço? E onde se localiza?	“Como chegar”
Qual a visão, o posicionamento e a promessa do museu?	“Visão – Posicionamento - Promessa”
Quais os preços para entrar no museu?	“Preçário”
Qual é o horário do museu?	“Horário”

Durante a atividade surgiram algumas dúvidas e dificuldades que me levaram a projetar o site no quadro e realizar a pesquisa juntamente com os/as alunos/as. Os/As alunos/as à medida que viam a minha projeção no quadro faziam igualmente nos seus computadores e de seguida passavam as informações para os cadernos, uma vez que eram informações importantes para as aulas seguintes. Todavia, no que toca às competências de português, os/as alunos/as ao pesquisar no site, foram capazes de fazer ligações entre vários conceitos e criaram ideias-chaves do texto de forma a compreender melhor diversas temáticas.

No final desta sessão, os grupos partilharam as suas pesquisas, nomeadamente, as respostas às questões, de modo a confirmarem que tinham informações idênticas. Esta tarefa tornou-se muito enriquecedora, uma vez que os/as alunos/as passaram a conhecer o local a visitar e prepararam-se para, nas sessões futuras, construírem o itinerário e criarem os guiões.

2.2.1.3. Construção do itinerário para a visita de estudo ao “Lisboa Story Centre” (29/01/2024)

A terceira sessão da Etapa *Antes da Visita de Estudo* foi implementada no dia 29 de janeiro. Nesta sessão foi realizado o itinerário da visita de estudo, consoante as informações recolhidas na sessão anterior. Assim, os objetivos desta sessão foram: desenvolvimento de competências de planeamento, organização e responsabilidade e envolvimento na preparação da visita de estudo e nos processos de ensino-aprendizagem. Esta atividade envolveu os objetivos das Aprendizagens Essenciais do 4.º ano do 1.º CEB de Português, nomeadamente:

Português

Domínio: Oralidade Expressão

- Participar com empenho em atividades de expressão oral orientada, respeitando regras e papéis específicos;

- Realizar exposições breves, a partir de planificação;
- Utilizar representações cartográficas.

Domínio: Escrita

- Utilizar processos de planificação, textualização e revisão, realizados de modo individual e/ou em grupo;
- Usar frases complexas para exprimir seqüências e relações de consequência e finalidade.

Neste sentido, desenvolveu-se uma conversa em turma para discutir o que é um itinerário, desta forma comecei por questionar sobre esse termo, como evidencia o seguinte diálogo:

Professora-estagiária: O que é um itinerário?

Aluno DIE: É as informações para quando formos à visita de estudo?

Aluno JP: Tem de ter o dia da visita de estudo, a localização ...

Aluna TR: É tipo as coisas sobre a visita de estudo.

Professora-estagiária: Muito bem! O itinerário pode ser de uma visita de estudo, mas também de uma viagem. Vocês nunca ouviram “eu vou para Itália e tenho de fazer o itinerário da minha viagem”, ou seja, tenho de planear a minha viagem. No 1.º dia vou ali fazer aquilo, no 2.º dia vou fazer aquilo, etc. Uma visita de estudo também tem de ser planeada.

Aluno DIE: Então temos de planear o dia, as horas, onde e isso tudo.

Professora-estagiária: Exatamente! Todos entenderam o que é um itinerário? Então quem é que me consegue explicar?

Aluno EL: Quando nós vamos planear uma visita de estudo e temos de ter tudo organizado.

Professora-estagiária: O que é que temos de ter organizado?

Turma: O dia, o horário, a localização, os objetivos, etc.

Através do diálogo apresentado, é perceptível que os/as alunos/as entenderam que um itinerário é o planeamento do trajeto a ser percorrido e para a preparação de uma VE é importante a recolha de dados sobre as formas de deslocação e horários como o horário de partida e chegada, percurso a realizar, entre outros (Pessoa, 1988). Comecei por questionar os/as alunos/as como iríamos até ao local e responderam de imediato que seria de autocarro privado, demonstrando assim que a única forma de

deslocação que estão familiarizados neste contexto são os transportes que a Câmara Municipal fornece. Quando referi que esse tipo de transporte não era uma opção, os/as alunos/as demonstraram admiração e questionaram-me o porquê. Expliquei que em cima de hora era impossível pedir um autocarro e que alugar seria muito caro. Perguntei, então, de que mais formas poderíamos deslocar-nos, não demorando muito até referirem os transportes públicos. Deste modo, projetei o *google maps* e em conjunto observámos o trajeto que teríamos de realizar desde a escola até à Praça do Comércio. Deste modo, conseguiram observar o caminho e ainda identificaram que teriam de passar o rio Tejo para a margem norte. Ainda no *google maps* colocaram a opção de transportes e sugeriu que realizássemos parte do percurso de metropolitano e depois de barco até ao Cais do Sodré e caminhássemos 900 metros até ao museu. O *google maps* deu inclusive a indicação de distância e calculou o tempo despendido no trajeto. Estas informações foram incluídas no itinerário, assim como: o dia da visita; a localização do museu; o trajeto a fazer para chegar ao museu; o horário de partida da escola; a duração da visita no museu e os objetivos da visita de estudo.

Os objetivos da visita foram discutidos e criados pelos/as alunos/as, ideia partilhada pelo autor Pessoa (1988), tal como demonstra o seguinte diálogo:

Professora-estagiária: E qual é o nosso objetivo com esta visita de estudo?

Aluno JP: Relembrar o que é que aconteceu em 1 de novembro de 1755.

Aluno EL: Sentir o terramoto?

Aluna LS: Conhecer mais sobre a história de Lisboa e as personagens.

Aluno VV: Ver e aprender.

Professora-estagiária: Nós já aprendemos muita coisa em sala de aula que vamos ver no museu, não é verdade?

Aluno VV: Compreender o impacto que o terramoto teve na cidade de Lisboa?

Aluna BT: Vamos ver as coisas que já sabemos, relacionar o que aprendemos na sala de aula com o museu.

Professora-estagiária: Muito bem! Várias ideias interessantes, vamos saber mais e ver coisas que já aprendemos em sala de aula, em vez de estarmos na sala de aula vamos estar no museu.

Aluna BT: Que fixe, devia ser sempre assim, professora.

Professora-estagiária: Vamos experienciar de uma forma interativa o que aconteceu na altura, principalmente no dia do terramoto.

No seguimento do diálogo, os objetivos da visita de estudo estabelecidos foram: conhecer mais sobre a História e da cidade de Lisboa; compreender o impacto que o terramoto de 1755 teve na cidade de Lisboa e consolidar e relacionar os conteúdos trabalhados em sala de aula no museu.

Por fim, passámos à dita construção do itinerário. Os/as alunos/as debateram horas, sugestões, etc e coletivamente reuniram todas as informações. O itinerário foi escrito nos cadernos pelos/as alunos/as. Contudo, importa referir que o meu objetivo inicial era os/as alunos/as construírem também o itinerário no computador, mas devido a limitações de tempo optei por ser eu a realizar o itinerário (Cf. Anexo I), com as informações discutidas em aula e, quando finalizado, imprimir um exemplar para cada aluno, de modo a terem-no no dia da visita.

2.2.1.4. Ideias para o Guião da visita de estudo (05/02/2024)

A última aula de preparação da Visita de Estudo foi referente à construção dos guiões realizada no dia 5 de fevereiro. Com o intuito de criar os guiões, os objetivos definidos para esta sessão foram: formular questões consoante curiosidades e conhecimentos prévios; desenvolver competências de planeamento, organização e responsabilidade e envolver os alunos na participação da visita de estudo e nos seus processos de ensino-aprendizagem. Esta atividade envolveu os objetivos das Aprendizagens Essenciais do 4.º ano do 1.º CEB de Estudo do Meio e Português, nomeadamente:

Estudo do Meio

Domínio: Sociedade

- Conhecer personagens e aspetos da vida em sociedade relacionados com os factos relevantes da história de Portugal, com recurso a fontes documentais.

Domínio: Natureza

- Reconhecer alguns fenómenos naturais (sismos) como manifestações da dinâmica e da estrutura interna da Terra e como agentes modificadores da paisagem.

Português

Domínio: Oralidade Expressão

- Participar com empenho em atividades de expressão oral orientada, respeitando regras e papéis específicos;
- Realizar exposições breves, a partir de planificação.

Domínio: Escrita

- Utilizar processos de planificação, textualização e revisão, realizados de modo individual e/ou em grupo;
- Usar frases complexas para exprimir seqüências e relações de consequência e finalidade.

Os/as alunos/as, na aula anterior, realizaram o itinerário para a visita de estudo, mas também foi importante terem um guião para poderem recolher informações relacionando-as com os objetivos da visita de estudo que definiram. Esta ideia é partilhada por Pessoa (1988) e Rato (2016), uma vez que afirmam que o guião transmite a ideia de que a visita é uma extensão do trabalho realizado em sala de aula e este deve estar bem construído e ter várias elementos que permitem aos/às alunos/as recolher a informação necessária durante a visita.

O intuito de destinar esta sessão à construção de um guião com os/as alunos/as foi de perceberem que a existência desta ferramenta veicula a ideia de que a visita é uma continuação do trabalho desenvolvido em sala, desta forma comecei por informar os/as alunos/as que durante a visita de estudo iriam ter um papel de observadores e investigadores. Que se pretendia que observassem tudo detalhadamente e investigassem sobre um tema específico, mais concretamente o Terramoto de 1755. Tal como demonstrado no seguinte diálogo:

Professora-estagiária: Nós não vamos passear, vamos fazer o quê?

Turma: Conhecer, aprender, estudar, rever o que já aprendemos, etc.

Professora-estagiária: Exato! Temos vindo a falar muito sobre o terramoto de Lisboa, mas o museu abrange uma grande parte da história de Portugal, mais especificamente de Lisboa. Contudo, vocês já sabem que depois de irmos à visita de estudo vamos realizar um trabalho de grupo que vai focar mais na parte do terramoto e desta forma é importante estarmos atentos, mas como é que vamos conseguir lembrarmo-nos de tudo para depois realizar o trabalho?

Aluno DB: Prestar bem atenção.

Professora-estagiária: Mas será que depois nos lembramos passado uma semana?

Aluno VV: Temos de fazer umas anotações.

Professora-estagiária: Muito bem, temos de fazer algumas anotações porque vamos fazer a visita numa sexta-feira depois para a outra semana é Carnaval e vocês podem se esquecer. Mas vamos anotar como?

Aluna LS: Alguma das professoras pode levar um papel ou um caderno e anotam um bocadinho as coisas, depois leem e nós relembramo-nos.

Professora-estagiária: Toda a turma concorda? Que as professoras é que devem anotar e vocês não?

Turma: Não.

Aluna HA: Nós podemos apontar os pontos mais importantes.

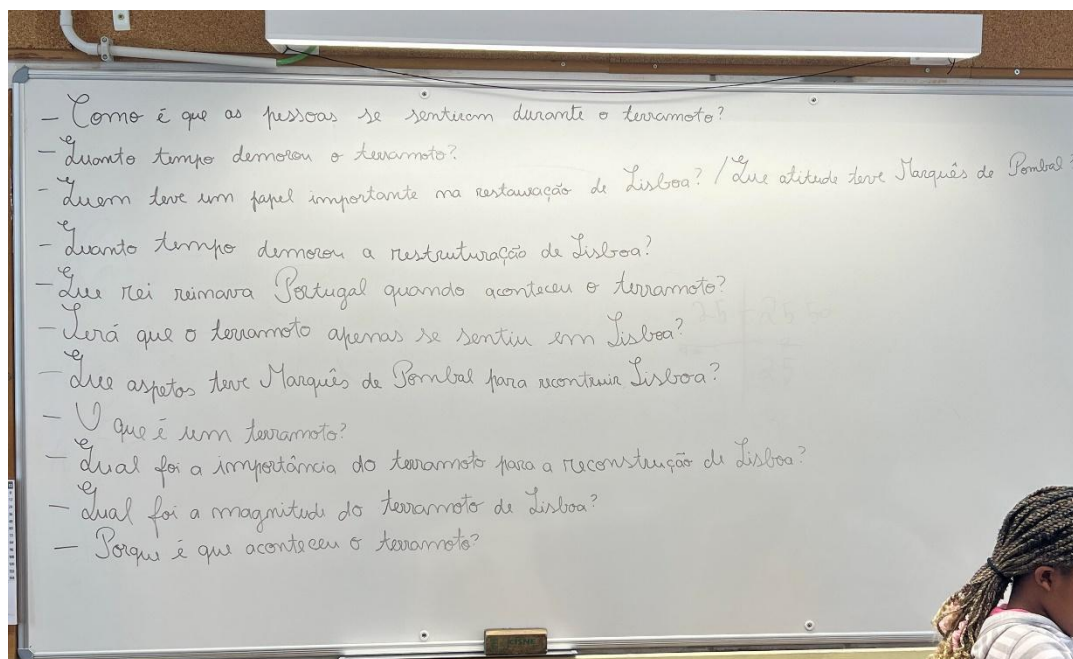
Aluna ML: Ou então podemos levar todos uma folha com informações e nós escrevemos lá.

Assim, os/as alunos/as acabaram por concordar em registar as informações que achassem importantes sobre o que observavam. Deste modo, apelei aos seus conhecimentos prévios e perguntei-lhes do que se lembravam de ter aprendido nas aulas anteriores sobre o terramoto e o que poderiam investigar no museu.

De seguida, juntei os/as alunos/as em grupos e informei-os que os guiões não iriam ser iguais para todos/as, existiam quatro no total. O intuito destes guiões diferentes é para depois se criarem grupos consoante os temas e realizarem diferentes trabalhos de grupo. Assim, em grupos aleatórios para a realização desta tarefa, pedi para discutirem ideias e sugestões e criarem várias questões pensando já num tema específico. Para tal, podiam utilizar a informação escrita anteriormente nas aulas e no manual de Estudo do Meio. Os alunos tiveram 45 minutos para realizar esta tarefa e no final, cada grupo partilhou as suas questões com a turma enquanto fui escrevendo no quadro, como apresenta a figura 2. À medida que os grupos apresentaram as suas propostas de temas e perguntas a investigar no museu, gerou-se uma discussão, uma vez que os restantes colegas indicavam se concordavam ou não com as perguntas e justificavam. É de salientar o entusiasmo dos/as alunos/as nesta sessão, dado que foi uma tarefa que nunca tinham realizado e a criação de questões acabou por ser comentada pelos/as alunos/as como divertida e diferente. Na nota de campo n.º 1 os/as alunos/as estão a comentar comigo e com os colegas que esta tarefa estava a ser diferente do que estão acostumados a fazer e que estavam ansiosos por ir à visita de estudo e encontrar as respostas às questões que estão a criar (Nota de campo, n.º 1 – 05/02/2024).

Figura 2

Questões apresentadas pelos/as alunos/as para a criação dos guiões.



No entanto, devido a limitações de tempo, já tinha algumas questões e temas dos guiões previamente pensados. Todavia, as questões construídas pelos/as alunos/as foram muito interessantes e pertinentes e acabaram por complementar os guiões que estavam anteriormente programados (Cf. Anexo C, D, E e F).

Foram criados 4 guiões, em que o tema primordial era o terramoto de dia 1 de novembro de 1755, com temáticas e perguntas distintas. Os temas foram: (1) O terramoto; (2) Dia 1 de novembro de 1755; (3) Reestruturação da Cidade de Lisboa; (4) Personagens importantes.

As questões do guião (1) passaram por explorar o fenómeno natural, o dito terramoto e descrever como é que as pessoas se sentiram. O guião (2) continha questões que envolviam o que este dia simbolizava, as consequências que o fenómeno provocou e em que regiões se sentiu. O guião (3) focava-se na cidade de Lisboa antes e depois do terramoto e a reedificação da capital. Por fim, o guião (4) foi direcionado para a exploração relativa às personagens que mais marcaram este processo, incluindo os arquitetos envolvidos na reestruturação da cidade.

Os guiões finais foram entregues aos/às alunos/as no dia da visita de estudo, juntamente com o itinerário, para que os lessem nos transportes e/ou antes de entrarmos no museu. Como referido anteriormente, os guiões tinham diferentes temas para 4 grupos de trabalho, desta forma a distribuição dos guiões pelos/as alunos/as foi de modo a serem criados grupos heterogéneos, no que concerne ao aproveitamento na

área de Estudo do Meio, para tal reuni-me, antecipadamente, com a professora titular e decidimos como seriam formados os grupos. A intenção da criação destes grupos específicos foi para que na *etapa de realização do trabalho de grupo* se potenciasse a entreajuda entre os elementos de cada grupo. Apenas no dia da visita é que os/as alunos/as souberem qual seria o seu grupo. Importa referir, também, que durante as atividades anteriormente propostas os grupos foram sempre aleatórios.

2.2.2. Durante a Visita de Estudo – Etapa de Realização (14/02/2024)

A etapa *Durante a Visita de Estudo* ficou marcada pela realização da visita de estudo, que aconteceu no dia 14 de fevereiro e teve a duração de uma manhã, entre as 9 horas e 30 minutos até às 14 horas. Esta sessão teve como objetivos: potenciar aprendizagens ativas; envolver os/as alunos/as no seu próprio processo de ensino-aprendizagem e desenvolver competências de compreensão oral para recolher informações. Esta visita de estudo envolveu os objetivos das Aprendizagens Essenciais do 4.º ano do 1.º CEB de Estudo do Meio e de Português, principalmente:

Estudo do Meio

Domínio: Sociedade

- Conhecer personagens e aspetos da vida em sociedade relacionados com os factos relevantes da história de Portugal, com recurso a fontes documentais.

Domínio: Natureza

- Reconhecer alguns fenómenos naturais (sismos) como manifestações da dinâmica e da estrutura interna da Terra e como agentes modificadores da paisagem.

Português

Domínio: Oralidade Compreensão

- Selecionar informação relevante em função dos objetivos de escuta e registá-la por meio de técnicas diversas;
- Distinguir entre factos e opiniões, informação implícita e explícita, essencial e acessório, denotação e conotação.

O dia da visita de estudo chegou e o meu primeiro passo foi dividir os/as alunos/as entre a professora titular e as duas professoras-estagiárias para que cada uma ficasse encarregue de 8 alunos/as. Esta estratégia foi implementada para ser mais seguro viajar de transportes, a que se acresceu a distribuição de colares com cores

diferentes para se distinguir as crianças sob a responsabilidade de cada uma das professoras.

Assim que saímos do recinto escolar tivemos a notícia de um imprevisto: um acidente na linha de metropolitano que íamos apanhar. Consequentemente tivemos de esperar 45 minutos até a chegada do próximo comboio, o que alterou o programa no itinerário. Aproveitei o tempo para criar um momento de aprendizagem ao questionar os/as alunos/as sobre conteúdos e temas que iríamos observar no museu e, como tínhamos detalhado os horários de toda a manhã e estava previsto regressar à escola às 13h, questionei a turma sobre qual a nova previsão (devido ao atraso inesperado) de chegada à escola. E os alunos responderam 13 horas e 45 minutos. Os/as alunos/as estavam fartos e cansados de esperar, felizmente quando apareceu o metro o entusiasmo voltou.

O caminho de metro foi tranquilo (figura 3), todavia quando chegámos ao barco alguns/algumas alunos/as estavam receosos/as com a novidade de andarem neste transporte marítimo. Perante esta situação, eu e as restantes professoras decidimos sentar-nos perto destes/as alunos/as e tentar acalmá-los/as conversando com eles/as durante os 7 minutos de viagem (figura 4).

Figura 3

Alunos/as no metro



Figura 4

Alunos/as no barco



Já no Cais do Sodré e com os pés assentes na “terra”, os/as alunos/as admitiram que gostaram muito do passeio de barco e que observaram Lisboa de outra perspetiva, aliás existiu um/a aluno/a a fazer referência ao Padrão dos Descobrimentos, dado que conseguiram avistá-lo de longe, dizendo que é uma homenagem à época da expansão marítima.

Na Praça do Comércio (figura 5), os/as alunos/as comentaram a sua estrutura, referindo que está muito diferente dos retratos que viram deste espaço antes do terramoto (Nota de campo, nº 2 – 14/02/2024).

Figura 5

Alunos/as na praça do comércio



Já no museu, fui informada que não seria possível a disponibilização dos auriculares para toda a turma, mesmo tendo sido solicitados previamente. Assim, três alunos/as tiveram de recorrer a um áudio-guia, que tinham de manter junto à orelha para

conseguirem ouvir. À medida que caminhamos pelo espaço, dois auriculares de outros/as alunos/as avariaram, ficando um total de cinco alunos/as sem auriculares. No final da visita, estes/as alunos/as informaram que não gostaram muito desta situação, uma vez que com o passar do tempo começou-lhes a doer o braço por estar a segurar o aparelho. De seguida, partilho algumas fotografias dentro do museu (figura 6, 7 e 8).

Figura 6

Aluno/a dentro do museu com o áudio-guia



Figura 7

Alunos/as no museu "Lisboa Story Centre"



Figura 8

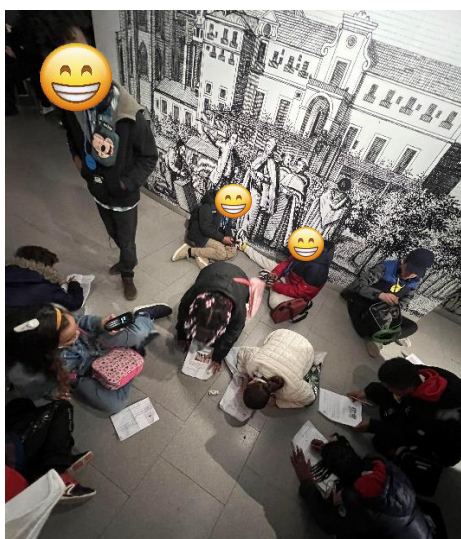
Alunos/as no capítulo 3 “O filme do terramoto”



A visita ao museu “Lisboa Story Centre” decorreu de acordo com as expectativas, os/as alunos/as demonstraram interesse e a maior parte conseguiu retirar informação pertinente para responder às questões dos guiões (figura 9). Todavia, já era do meu conhecimento que nesta turma existiam alunos/as com alguma dificuldade no que diz respeito à escrita, sendo que para estes/as a recolha de informação foi um desafio complementar. Apesar de compreenderem a informação, transcrevê-la para o papel era uma tarefa difícil. Perante esta situação indiquei que poderiam escrever apenas palavras-chave. Outra estratégia que poderia ter sido aplicada por mim seria realizar alguns guiões com respostas de escolha múltipla em vez de respostas abertas, visto existirem cinco alunos/as ao abrigo do Decreto-Lei n.º 54/2018, tendo medidas universais com diferenciação pedagógica.

Figura 9

Alunos/as a preencher os guiões no museu



O regresso à escola correu bem, mas em passo apressado. O plano seria os/as alunos/as chegarem por volta das 13 horas para almoçar e depois irem para a aula das 14 horas. Contudo apenas chegámos à escola às 14 horas, ou seja, à hora de início da aula da tarde que neste caso seria a aula de inglês lecionada por outra professora. Quando chegámos, fui pessoalmente falar com a professora e explicar o sucedido, a professora compreendeu e disse que aguardava até os/as alunos/as estarem prontos para iniciar a aula. Apesar do atraso, ao chegar à escola a felicidade e alegria dos/as alunos/as era notória, não paravam de falar dos momentos favoritos da visita e referiram, várias vezes, que gostariam de repetir a experiência (Nota de campo, nº 3 – 14/02/2024).

2.2.3. Depois da Visita de Estudo – Etapa de Exploração

Para o desenvolvimento desta terceira fase foram planificadas 4 sessões de forma a explorar e desenvolver aprendizagens e conhecimentos adquiridos durante a visita de estudo.

2.2.3.1. Partilha após a visita de estudo (21/02/2024)

Para a exploração da visita de estudo ao Lisboa Story Centre comecei por realizar uma partilha oral no dia 21 de fevereiro. Esta sessão teve como objetivos: fomentar a comunicação entre alunos/as e partilhar comentários e aprendizagens que retiraram durante a visita de estudo. Esta atividade envolveu os objetivos das Aprendizagens Essenciais do 4.º ano do 1.º CEB de Estudo do Meio, Português e Artes Visuais:

Estudo do Meio

Domínio: Sociedade

- Conhecer personagens e aspetos da vida em sociedade relacionados com os factos relevantes da história de Portugal, com recurso a fontes documentais.

Domínio: Natureza

- Reconhecer alguns fenómenos naturais (sismos) como manifestações da dinâmica e da estrutura interna da Terra e como agentes modificadores da paisagem.

Português

Domínio: Oralidade Expressão

- Participar com empenho em atividades de expressão oral orientada, respeitando regras e papéis específicos;
- Realizar exposições breves, a partir de planificação.

Como referido anteriormente, chegámos atrasados à escola, no entanto tinha como intenção ter uma breve conversa com os/as alunos/as sobre a visita de estudo e recolher os guiões para os levar para casa e observá-los antes da aula de iniciação ao trabalho de grupo para me apropriar das informações que os/as alunos/as recolheram e usar isso como ponto de partida para o trabalho. Infelizmente, com o stress e a pressa de chegar à escola, não houve tempo para termos essa partilha, mas os guiões foram recolhidos. Deste modo, antes de iniciarem os trabalhos de grupo, os/as alunos/as partilharam alguns pontos de vista sobre o dia da visita. Os pontos menos positivos já tinham sido realçados durante a visita, como o atraso do metro e o problema dos auriculares. Contudo, o feedback na sua maior parte foi positivo.

A maioria dos/as alunos/as destacaram os capítulos 3 e 4² do museu, capítulos esses referentes ao conteúdo focados nos guiões. O momento eleito como favorito foi o filme que visualizaram sobre o dia do terramoto, uma vez que tiveram a oportunidade de ver e sentir um bocadinho do que aconteceu naquele dia. Tal como evidencia o seguinte diálogo:

Professora-estagiária: Qual foi o vosso momento favorito de toda a visita de estudo?

Aluno EZ: Foi o filme onde vimos o terramoto.

Professora-estagiária: Quem é que também gostou muito deste momento e foi o seu favorito?

(18 alunos levantam o braço.)

Aluna BZ: Eu só fiquei triste porque no meu banco não senti muito a tremer, mas o filme foi fixe porque percebi muito melhor o que aconteceu.

Aluna HA: Eu gostei da sala que tivemos logo a seguir ao filme e vimos o Marquês de Pombal e a reconstrução.

² O núcleo 3 do museu é referente ao dia 1 de novembro de 1755, o dia de Todos os Santos. “Toda a tragédia da maior catástrofe natural de Lisboa e da Europa é vivida de forma realista através de uma experiência imersiva” (<https://www.lisboastorycentre.pt/pt/content/mem%C3%B3rias-da-cidade-o-que-%C3%A9>).

O núcleo 4 do museu era referente à Visão de Pombal, que apresenta o planeamento da cidade moderna no pós-terramoto e a reconstrução da cidade.

Mais tarde, os/as alunos/as referiram que o facto de já saberem muitas informações sobre o tema, uma vez que o terramoto de Lisboa de 1755 já tinha sido lecionado anteriormente, fê-los gostar ainda mais da atividade porque complementaram informações que aprenderam em contexto de sala de aula, tal como referido por Couto (2022) e Rebelo (2014). Ainda aludiram que durante a visita gostaram de retirar informação e escrever nos guiões, visto que nunca o tinham feito. Como evidencia o seguinte diálogo:

Professora-estagiária: E gostaram do facto de quando caminhávamos ouvíamos histórias diferentes? Consoante o capítulo em que estávamos, claro, ou preferiam ter estado sem isso?

Turma: Sim muito.

Professora-estagiária: Consideram que a visita de estudo foi importante para conhecermos mais sobre a história de Portugal, nomeadamente a parte do terramoto?

Turma: Sim, foi muito importante.

Professora-estagiária: Alguém se lembra de algum aspeto importante que não tenha sido falado em sala de aula?

Aluno VV: Como as pessoas sentiram-se, só no museu é que tive essa noção.

Aluno TS: A professora falou tudo muito bem, nós vimos tudo o que a professora falou.

Professora-estagiária: Então, acharam importante termos feito a visita de estudo para consolidar as coisas que aprendemos aqui em sala de aula?

Turma: Claro que sim.

Professora-estagiária: E para além de eu estar aqui a falar e a mostrar vídeos, vocês também conseguiram experienciar um bocadinho do terramoto, principalmente na parte do vídeo, viram como as pessoas se sentiram, as casas a cair, etc.

Aluno MA: Eu amei tudo, muito melhor aprender assim e também gostei muito quando estávamos na praça do comércio e vimos a estátua, aquilo é gigante.

2.2.3.2. Realização do trabalho de grupo sobre a visita de estudo (21/02/2024 a 26/02/2024)

A realização do trabalho de grupo iniciou-se no dia 21 de fevereiro e teve a duração de 3 aulas de 1 hora e 30 minutos, só se finalizando no dia 26 de fevereiro. Esta atividade teve por base a metodologia do Trabalho de grupo que incentiva o trabalho de investigação em grupo como forma de aquisição de conhecimentos e desenvolvimento de competências. Neste sentido, a realização deste trabalho teve

como objetivos: criar grupos equilibrados, de forma a existir uma co-aprendizagem entre alunos/as; fomentar o trabalho de grupo e a entreaajuda; proporcionar a melhoria da comunicação e das relações interpessoais no ambiente de trabalho; participar com empenho no trabalho; desenvolver competências de planeamento de trabalho, pesquisa e seleção de informação; desenvolver responsabilidade e autonomia e conseguir exprimir as aprendizagens e conhecimentos num produto final (cartaz). Para além dos objetivos mencionados anteriormente, com a realização deste trabalho pretendia que os/as alunos/as complementassem e consolidassem os conteúdos adquiridos na VE e aulas anteriores, como referem os autores Pessoa (1988), Rato (2016) e Faria (2014), e também que estabelecessem uma interligação entre a teoria e a prática (Oliveira, 2013), de forma a verificarem o carácter educativo deste contexto.

Esta atividade envolveu os objetivos das Aprendizagens Essenciais do 4.º ano do 1.º CEB de Estudo do Meio, Português, Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e Artes Visuais, principalmente:

Estudo do Meio

Domínio: Sociedade

- Conhecer personagens e aspetos da vida em sociedade relacionados com os factos relevantes da história de Portugal, com recurso a fontes documentais.

Domínio: Natureza

- Reconhecer alguns fenómenos naturais (sismos) como manifestações da dinâmica e da estrutura interna da Terra e como agentes modificadores da paisagem.

Português

Domínio: Oralidade Compreensão

- Selecionar informação relevante em função dos objetivos de escuta e registá-la por meio de técnicas diversas;
- Distinguir entre factos e opiniões, informação implícita e explícita, essencial e acessório, denotação e conotação.

Domínio: Leitura

- Fazer uma leitura fluente e segura, que evidencie a compreensão do sentido dos textos;
- Explicitar ideias-chave do texto;

- Identificar o tema e o assunto do texto ou de partes do texto;
- Expressar uma opinião crítica acerca de aspetos do texto (do conteúdo e/ou da forma).

Domínio: Escrita

- Utilizar processos de planificação, textualização e revisão, realizados de modo individual e/ou em grupo;
- Usar frases complexas para exprimir sequências e relações de consequência e finalidade;
- Superar problemas associados ao processo de escrita por meio da revisão com vista ao aperfeiçoamento de texto;
- Redigir textos com utilização correta das formas de representação escrita (grafia, pontuação e translineação, configuração gráfica e sinais auxiliares da escrita);
- Escrever textos, organizados em parágrafos, coesos, coerentes e adequados às convenções de representação gráfica.

Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC)

Domínio: Investigar e Pesquisar

- Formular questões simples que permitam orientar a recolha de dados ou informações;
- Planificar estratégias de investigação e pesquisa a realizar online;
- Utilizar o computador e outros dispositivos digitais como ferramentas de apoio ao processo de investigação e pesquisa;
- Realizar pesquisas, utilizando os termos selecionados e relevantes de acordo com o tema a desenvolver;
- Analisar a qualidade da informação recolhida;
- Validar a informação recolhida, com o apoio do professor, a partir do cruzamento de fontes e ou da natureza das entidades que a disponibilizam.

Artes Visuais

Domínio: Interpretação e Comunicação

- Dialogar sobre o que vê e sente, de modo a construir múltiplos discursos e leituras da(s) realidade(s);
- Apreciar as diferentes manifestações artísticas e outras realidades visuais;
- Transformar os conhecimentos adquiridos em novos modos de apreciação do mundo, através da comparação de imagens e/ou objetos.

Domínio: Experimentação e criação

- Manifestar capacidades expressivas e criativas nas suas produções plásticas, evidenciando os conhecimentos adquiridos.

Num primeiro momento, os/as alunos/as identificaram quais os/as colegas que tinham o guião igual ao seu, os/as seus/suas colegas de grupo, formando-se assim 4 grupos de 6 elementos cada. Já em grupo, partilharam as informações que recolheram durante a visita de estudo. Depois desta partilha, começaram a trabalhar.

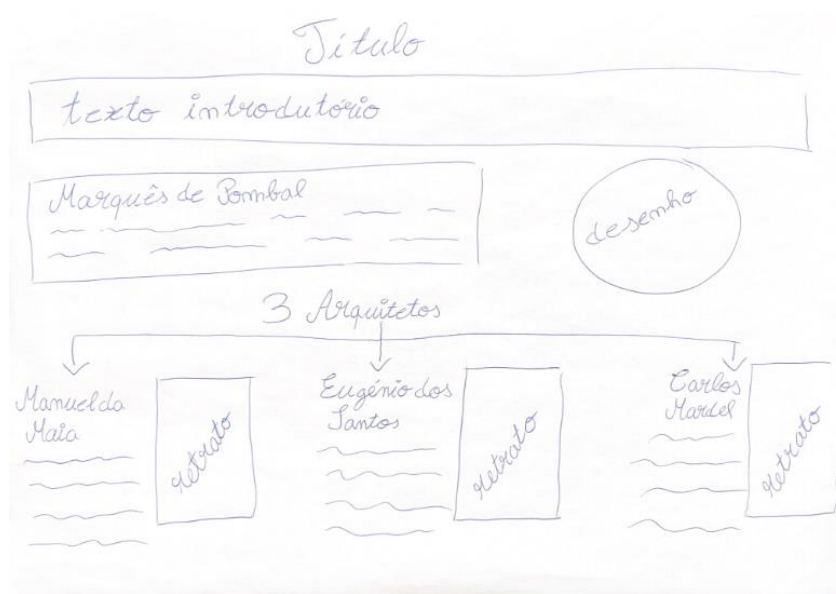
Informei e escrevi no quadro alguns pontos importantes que deveriam constar no cartaz, o produto final a realizar, que seria apresentado à turma e exposto na escola para que toda a comunidade educativa tivesse acesso. Seria feito em cartolina A3 e deveria incluir as informações recolhidas no museu, assim como outras que resultariam de uma pesquisa digital e analógica, sendo sugerido que utilizassem o computador, o manual ou livros da biblioteca da escola. Devido a limitações de tempo, este trabalho de grupo não pode ser muito complexo. Assim, cada grupo identificou as ideias e dados que considerava mais importantes e fundamentais sobre o tema do seu guião, para transmitir aos/às colegas da turma e de outras turmas.

Uma das partes mais importantes deste trabalho foi a pesquisa de informação. Os/As alunos/as normalmente apresentam grandes dificuldades em selecionar informação, visto que tendem a recolher em demasia, não sabendo fazer a seleção do mais importante. Nesta fase tinha planeado intervir e ajudar no sentido de ensiná-los/as a diferenciar o fundamental do acessório, para desenvolverem competências de seleção e tratamento de dados para, em futuros projetos, serem mais autónomos e responsáveis. Contudo, fiquei muito surpresa quando percebi que os/as alunos/as não demonstraram ter quaisquer dificuldades a pesquisar livremente na Internet. Por outro lado, na análise e tratamento de informação foi diferente, selecionaram informação repetida de diversos sites, nesta altura intervim e ajudei a tratar a informação e a organizar melhor informação os dados a colocar no cartaz. A forma como ajudei foi circundar a informação idêntica com a mesma cor, para perceberem que apesar de estarem escritas de forma diferente a informação era a mesma.

Na organização do cartaz, numa folha A4 fiz um esboço de como deveria estar a informação e desenhos no cartaz, com a ajuda e opinião dos/as alunos/as (figura 10).

Figura 10

Esboço do cartaz “Personagens importantes”



Relativamente à pesquisa e à organização do trabalho, sugeri que, devido ao curto tempo para a realização do trabalho, dividissem tarefas, mas que no final de cada pesquisa individual deveriam partilhar o que descobriam e, em conjunto, tratar a informação. Este processo é importante, uma vez que todos os elementos do grupo têm de ter conhecimento sobre todo o trabalho para que na apresentação sejam capazes de responder a qualquer pergunta mesmo que não seja sobre as suas pesquisas. No entanto, os grupos tiveram algumas dificuldades em gerir conflitos. Em todos os grupos existiam alunos/as que assumam um papel de liderança, ou seja, alunos/as que guiarão mais o projeto. Esta posição pode ser positiva para o grupo, mas neste caso os/as “líderes” queriam fazer tudo à sua maneira e não ouviam a opinião dos/as colegas. Depois de várias queixas de diferentes alunos/as decidi intervir e falar com cada grupo para que todos/as ouvissem as ideias dos/as colegas, permitindo que todos/as participasse e dessem a sua opinião, para depois chegarem a um consenso. Depois desta breve conversa, os grupos conseguiram entender-se melhor e, conseqüentemente, trabalhar de forma mais organizada.

Após finalizadas as pesquisas, os grupos passaram para a construção dos cartazes. Para tal, escreveram as informações recolhidas de forma visível e desenharam imagens relacionadas com o tema para tornar os cartazes mais apelativos. Importa referir que a escolha de apresentar através do cartaz em cartolina foi minha, uma vez

que considere que seria o processo mais colaborativo e rápido de ser realizado em sala de aula e que eu conseguiria dar mais apoio e ajuda.

2.2.3.3. Apresentação do trabalho de grupo sobre a visita de estudo (28/02/2024)

A sessão da apresentação dos trabalhos de grupo realizou-se no dia 28 de fevereiro e teve como objetivos a partilha do trabalho, exprimindo as suas aprendizagens e conhecimentos retirados ao longo de toda a atividade desenvolvida num discurso oral fluido e com segurança. Esta atividade envolveu os seguintes objetivos das Aprendizagens Essenciais de Estudo do Meio e Português do 4.º ano do 1.º CEB:

Estudo do Meio

Domínio: Sociedade

- Conhecer personagens e aspetos da vida em sociedade relacionados com os factos relevantes da história de Portugal, com recurso a fontes documentais.

Domínio: Natureza

- Reconhecer alguns fenómenos naturais (sismos) como manifestações da dinâmica e da estrutura interna da Terra e como agentes modificadores da paisagem.

Português

Domínio: Oralidade Expressão

- Planear, produzir e avaliar discursos orais breves, com vocabulário variado e frases complexas, individualmente ou em grupo;
- Participar com empenho em atividades de expressão oral orientada, respeitando regras e papéis específicos;
- Realizar exposições breves, a partir de planificação.

Os/as alunos/as pediram-me para treinar durante uns minutos antes de apresentarem. Neste momento, a turma surpreendeu-me, uma vez que usaram a estratégia de escreverem as informações que iriam dizer numa folha e começaram a tentar decorar (figura 11 e 12). Passado uns minutos, os/as alunos/as sabiam as suas falas, sem olhar para o papel. Este momento de entreaajuda foi muito gratificante, notou-

se o empenho e vontade por parte dos/as alunos/as para conseguirem realizar uma boa apresentação.

Figura 11

Alunos/as a passarem as suas falas para um papel

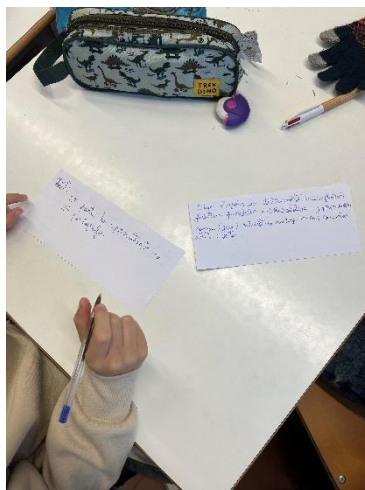
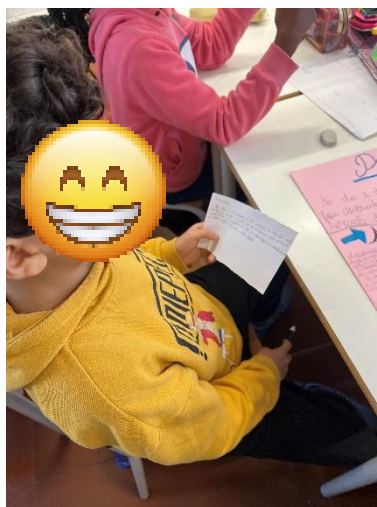


Figura 12

Aluno/a a treinar a sua apresentação com a ajuda de um/a colega.



Importa referir que os/as alunos/as não estavam habituados a realizar apresentações orais, muito menos em grupo, desta forma tornou-se numa tarefa muito enriquecedora tanto a nível do conteúdo a ser trabalhado da área de Estudo do Meio, como a nível de desenvolvimento de expressão oral.

As apresentações correram bem e demoraram entre 4 e 6 minutos. A maior parte dos/as alunos/as conseguiu decorar as falas e até mesmo os/as alunos/as que são mais envergonhados e que têm mais dificuldades a ler, tiveram um bom desempenho, olhando de vez em quando para o papel. No final de cada apresentação, os grupos que

apresentaram colocaram as questões que tinham nos guiões aos/às colegas, de modo a verificar se estavam atentos/as à apresentação e se a apresentação estava explícita. De seguida, os/às colegas que assistiram, também tiveram oportunidade de tirar dúvidas e fazer observações e sugestões de melhoria, o que acabou por se tornar em mais um momento de aprendizagem. De seguida, partilho fotografias do momento da apresentação dos diferentes grupos (figura 13, 14, 15 e 16).

Figura 13

Apresentação do grupo “Terramoto de 1755”



Figura 14

Apresentação do grupo “Dia 1 de novembro de 1755”

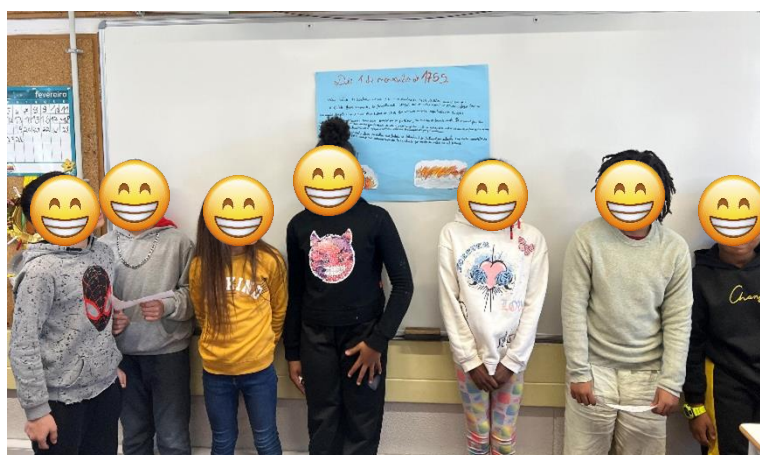


Figura 15

Apresentação do grupo “Reestruturação da cidade de Lisboa”

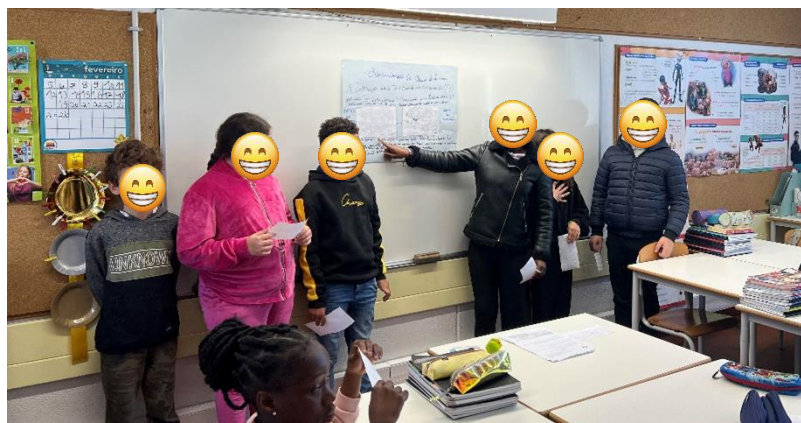
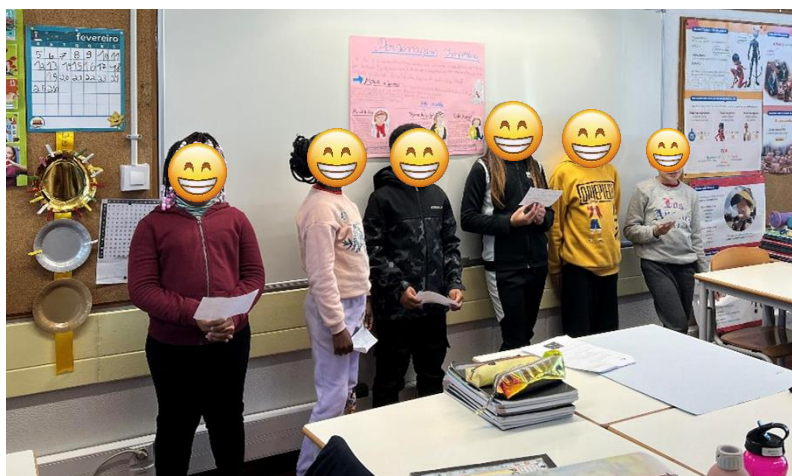


Figura 16

Apresentação do grupo “Personagens importantes”



2.2.3.4. Questionário Depois da Visita de Estudo (28/02/2024)

A última sessão, no dia 28 de fevereiro, foi destinada ao inquérito *Depois da Visita de Estudo* (cf anexo B). Esta sessão teve como intuito perceber se todo o processo de preparação, realização e exploração da visita de estudo foi importante para o processo de aprendizagem dos/as alunos/as. Assim foram definidos três objetivos: compreender se os/as alunos/as gostaram da atividade desenvolvida; compreender se a experiência de preparar, realizar e explorar uma visita de estudo motivou os/as alunos/as para a aprendizagem do conteúdo e identificar quais as aprendizagens que os/as alunos/as retiraram com esta atividade.

Distribui o inquérito (Cf. anexo B), que li, para os/as alunos/as preencherem em 30 minutos. Após o preenchimento dos inquéritos procurei obter um feedback oral de todo o processo desenvolvido. Para tal, coloquei várias questões: “Qual foi a vossa parte

favorita de toda a atividade?"; "Com a realização da visita de estudo compreenderam melhor os conteúdos que temos vindo a lecionar na área de Estudo do Meio?"; "Consideram que planearam de forma correta a visita de estudo?"; etc.

Os/as alunos/as partilharam que adoraram toda a atividade desenvolvida ao longo das semanas, que nunca tinham tido uma experiência como esta e que o facto de estarem envolvidos/as em todo o processo, motivou-os/as para todas as etapas e, conseqüentemente, fê-los/as estar mais interessados/as pela aprendizagem.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS/RESULTADOS

O presente capítulo encontra-se organizado de modo a dar visibilidade à análise dos dados sobre a temática deste estudo, depois de recolhidos e organizados. A investigação teve três etapas distintas que possibilitam, de uma forma mais concreta, fornecer respostas:

- Questionário Antes da Visita de Estudo;
- Trabalho de grupo sobre a Visita de Estudo;
- Questionário Depois da Visita de Estudo.

Neste sentido, a análise dos dados recolhidos teve por base os seguintes instrumentos de análise, descritos e expostos no capítulo 2: inquérito por questionário, registos fotográficos, vídeo e áudio, notas de campo e as produções dos/as alunos/as.

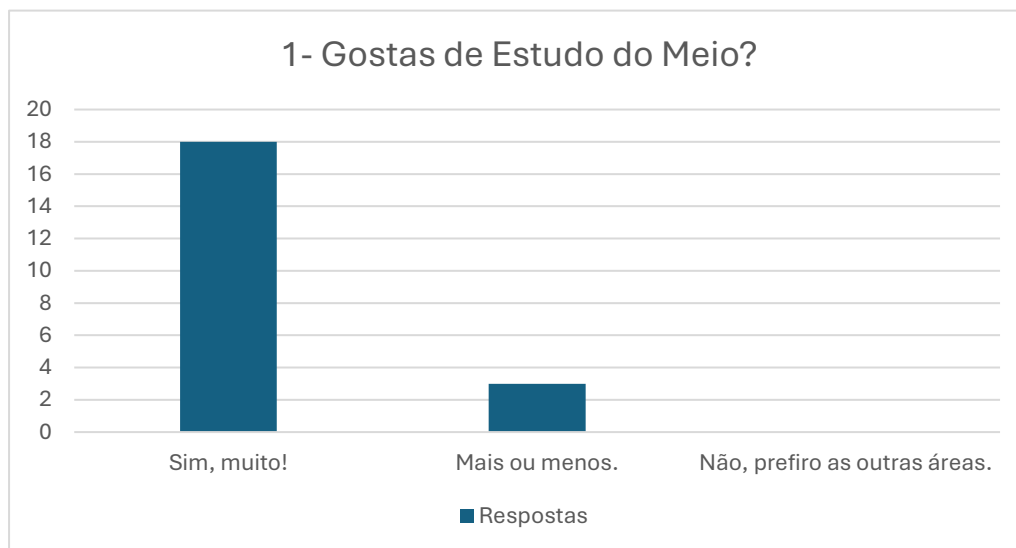
1. Questionário Antes da Visita de Estudo (22/01/2024)

De forma a avaliar o conhecimento prévio dos/as alunos/as acerca das visitas de estudo optei por realizar um questionário inicial no dia 22/01/2024, composto por oito questões que permitiram analisar o panorama geral da turma quanto às conceções relativas ao tema. Importa referir que a turma é constituída por 24 alunos/as, mas apenas 21 alunos/as responderam a este inquérito, uma vez que um/a aluno/a esteve durante as 3 primeiras semanas de intervenção ausente no estrageiro e dois/duas alunos/as faltavam às aulas regularmente, principalmente nos primeiros dias da intervenção, e só começaram a ser mais assíduos/as a meio da intervenção.

A primeira questão do questionário permitia aprender o interesse dos/as alunos/as pela área de Estudo do Meio.

Figura 17

Respostas dos/as alunos/as à questão “Gostas de Estudo do Meio?”



Com base nas respostas, figura 17, verifica-se que a grande maioria da turma revela gostar muito da área de Estudo do Meio, tendo em conta os/as 18 alunos/as que responderam “Sim, muito!”. Por outro lado, apenas 3 alunos/as responderam que gostavam “mais ou menos” e não existiu nenhum/a aluno/a a dizer que não gostava desta área disciplinar e preferia outra. Deste modo, constata-se que a área de Estudo do Meio é muito apreciada pela maioria da turma, o que se tornou num ponto muito positivo para o desenrolar do estudo, uma vez que se foca maioritariamente em conteúdos desta área.

Com a segunda questão, pretendia que os/as alunos/as expressassem o que consideravam ser uma visita de estudo. Importa referir que, de modo a não influenciar as respostas, não foi feita qualquer abordagem prévia ao tema.

Figura 18

Respostas dos/as alunos/as à questão “Sabes o que é uma visita de estudo?”



Tabela 4

Respostas à questão 2.1. Se respondeste “Sim”, diz o que entendes por visita de estudo.

Alunos/as	Respostas
1	“Uma visita de estudo é quando vamos para um lugar diferente estudar.”
2	“É algum lugar que se vai aprender coisas.”
3	“Uma visita de estudo é quando nós vamos a um museu ou outros sítios aprender novas coisas ou vais melhorar as coisas que já aprendeste.”
4	“Eu saio da escola e vou aprender.”
5	“Nas visitas de estudo vemos coisas do passado.”
6	“Sair da escola para aprender coisas.”
7	“Onde vamos a um lugar estudar.”
8	“Uma visita de estudo é quando vamos visitar coisas.”
9	Sem resposta.
10	“Para mim é quando eu entro num museu.”
11	“Uma visita de estudo é quando vamos a um museu por exemplo vais estudar o que temos no museu: fósseis, vestígios e etc.”
12	“Visita de estudo é uma saída que a professora organiza com o dono do lugar para nós aprendermos.”
13	“Eu entendi que uma visita de estudo é para ver coisas.”
14	“Uma visita de estudo é quando vamos a um sítio tipo quando vamos visitar um sítio chama-se visita de estudo.”
15	“Vamos aprender mais coisas”.
16	“É um local onde pessoas, escolas, famílias etc, vão passar um tempo.”
17	“Eu entendo o que me disserem por visitas de estudo.”
18	“A visita é onde visitas museus, piscinas e outros locais. Se diz do nome visitas de estudo a gente visita e aprende muito.”
19	“Visita de estudo significa um passeio por vários sítios com os alunos e a professora e aprender coisas novas.”
20	“Uma visita de estudo é quando visitamos algum lugar e ao mesmo tempo estudamos.”

Com base nas respostas obtidas verifiquei que apenas 1 aluno/a refere que não sabia o que é uma visita de estudo (figura 18). No questionário frisei que só respondia à questão 2.1. (tabela 4) quem tivesse respondido "Sim." à questão 2, desta forma apenas 20 alunos/as responderam o que entendiam por uma visita de estudo. A grande parte dos/as alunos/as indicou que uma visita de estudo era a saída do espaço escolar em que aprendiam e/ou estudavam fora da sala de aula, demonstrando assim ter alguma noção deste termo. Todavia, nas respostas dos/as alunos/as nenhum/a indica o processo de preparação e exploração de uma VE, nem o seu envolvimento nessas etapas. Como é indicado o momento de realização, constata-se que não consideram os momentos pré e pós a VE como integrantes nessa atividade e que nunca estiveram envolvidos ativamente na organização de uma VE. Este dado revelou ser importante, uma vez que os objetivos deste estudo vão ao encontro do envolvimento dos/as alunos/as nas várias etapas de forma a motivá-los/as para as aprendizagens.

A questão 3 permitiu-me perceber as experiências anteriores dos/as alunos/as relativamente às VE. A primeira parte desta questão serviu para entender se já tinham realizado VE e onde.

Figura 19

Respostas dos/as alunos/as à questão "Alguma vez foste a uma visita de estudo?"

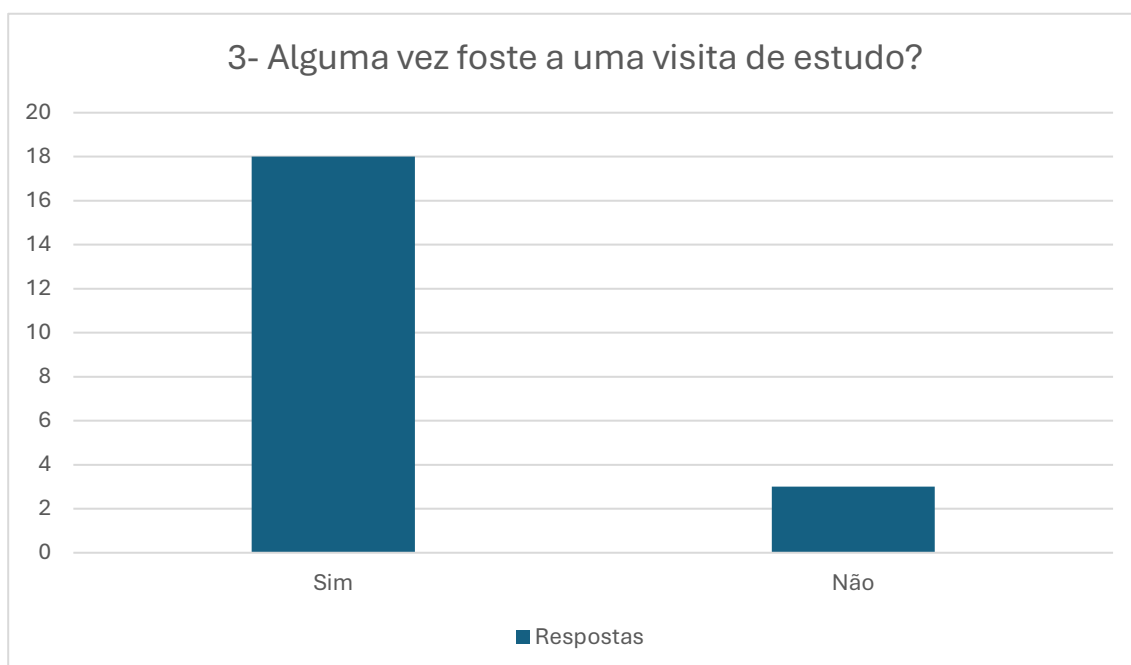


Tabela 5

Respostas dos/as alunos/as à subquestão “Se respondeste “Sim”, foste onde?”

Alunos/as	Respostas
1	“Eu fui ao museu da marinha e ao planetário.”
2	“Onde o meu professor trabalhava.”
3	“Fomos ao museu da marinha e ao planetário.”
4	“Eu fui aos insufláveis e fui para a escola.”
5	“Fui ao planetário da marinha.”
6	“No museu da marinha.”
7	“Museu da marinha.”
8	“Fui ao museu da marinha.”
9	“Museu da marinha.”
10	“Eu fui para o museu da marinha e ao planetário.”
11	“Eu fui ao museu da marinha.”
12	“Uma que me lembro é que eu fui à biblioteca ouvir umas histórias.”
13	“A última visita de estudo que eu fui foi ao museu da marinha.”
14	“Eu já fui ao museu da marinha e já fui ao planetário.”
15	“Eu fui ao museu.”
16	“Ao museu da marinha com a escola.”
17	Sem resposta.
18	Sem resposta.
19	“Fui ao planetário, ao museu da marinha.”
20	“Ao museu da marinha e ao planetário.”
21	Sem resposta.

Ao analisar o gráfico (figura 19) pude verificar que apenas 18 alunos/as já tinham realizado uma visita de estudo, sendo os locais mais mencionados o Museu da Marinha e o Planetário (tabela 5), integrados numa VE realizada no 3.º ano de escolaridade. 3 alunos/as indicaram que nunca realizaram uma VE, dado que nos primeiros anos do 1.º ciclo frequentaram outras escolas e nestas escolas não realizaram nenhuma visita, sendo os motivos desconhecidos.

Ainda na mesma questão, foi inquirido aos/às alunos/as como se deslocaram até ao local da visita e se já tinham aprendido algum conteúdo durante uma VE.

Tabela 6

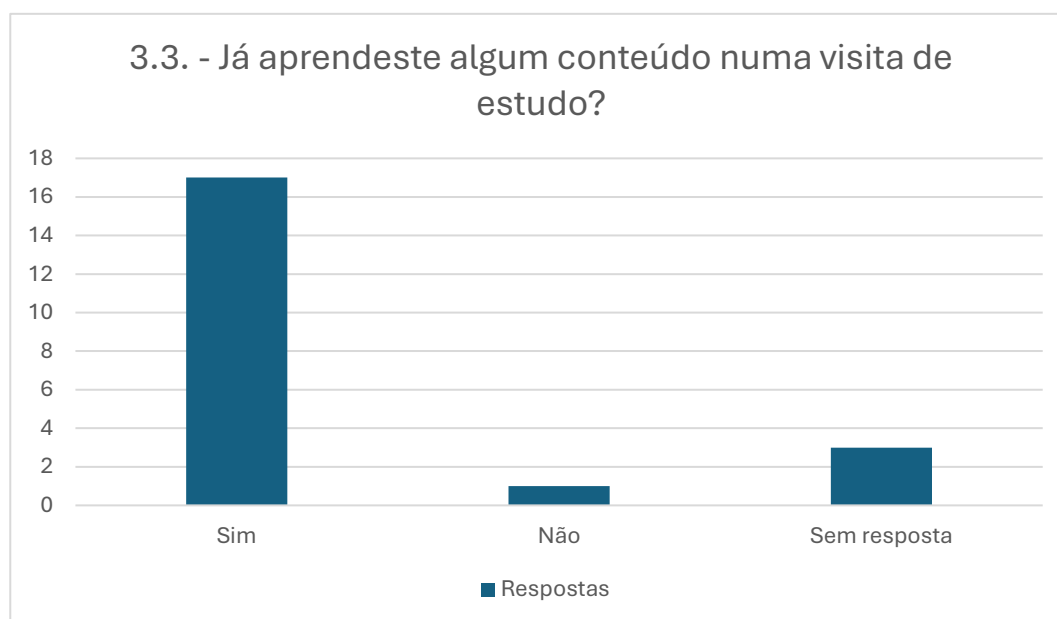
Respostas dos/as alunos/as à subquestão “Como é que te deslocaste até ao local da visita?”

Alunos/as	Respostas
1	“Eu me desloquei de autocarro.”
2	“Fui de autocarro.”
3	“De autocarro.”
4	“Eu fui de autocarro.”
5	“Desloquei-me de autocarro.”
6	“De autocarro.”
7	“Eu fui de autocarro.”
8	“Desloquei-me de autocarro.”

9	“Autocarro.”
10	“Eu fui de autocarro.”
11	“Eu desloquei-me de autocarro.”
12	“A pé.”
13	“Eu fui de autocarro.”
14	“Fui da escola de autocarro e cheguei lá.”
15	Resposta não perceptível.
16	“De autocarro.”
17	Sem resposta.
18	Sem resposta.
19	“Fomos de autocarro.”
20	“Transportes públicos.”
21	Sem resposta.

Figura 20

Respostas dos/as alunos/as à subquestão “Já aprendeste algum conteúdo numa visita de estudo?”



Consegue-se verificar através das respostas dos/as alunos/as (tabela 6) que o modo de deslocação em visita de estudo com qual estavam familiarizados era o autocarro fornecido pela Câmara Municipal. Relativamente à questão 3.3. (figura 20), 17 alunos/as afirmaram que já tinham aprendido um conteúdo durante a realização de uma visita de estudo e 1 indicou que não, revelando que a realização de VE é importante não só para consolidar conhecimentos anteriormente lecionados em sala de aula, mas também para a aquisição de novos conhecimentos.

Por fim, a quarta questão direcionava-se para apelar ao interesse dos/as alunos/as em participar na organização de uma visita de estudo e de que maneira gostariam de o fazer.

Figura 21

Respostas dos/as alunos/as à questão “Gostavas de participar na preparação de uma visita de estudo?”



Tabela 7

Respostas dos/as alunos/as à subquestão “Se respondeste “Sim”, de que forma gostavas de participar?”

Alunos/as	Respostas
1	<i>“Eu de participar escolhendo o lugar.”</i>
2	Sem resposta.
3	<i>“Eu gostava de preparar para irmos de autocarros e para irmos numa visita que ensine muitas coisas importantes que gostássemos, aqueles que têm mais dificuldades como aqueles que têm menos.”</i>
4	<i>“Eu gostaria de ir de carro.”</i>
5	<i>“Gostava de escolher o dia.”</i>
6	<i>“Para arranjar o autocarro.”</i>
7	Resposta não perceptível.
8	<i>“Gostaria de escolher o horário e o transporte.”</i>
9	<i>“Gostaria de escolher o dia.”</i>
10	<i>“Eu gostaria de preparar as horas e o que iríamos falar.”</i>
11	<i>“Eu gostaria de arranjar o local onde iríamos a um museu de artes e seria às 9h.”</i>
12	<i>“Como nós iríamos.”</i>
13	Resposta não perceptível.
14	<i>“É um museu que está aberto de manhã e fecha às 20h, o museu chama-se museu das coisas do passado.”</i>

15	<i>“Eu gostaria de escolher a hora da visita de estudo.”</i>
16	<i>“Gostaria de participar, porque tem coisas giras e novas para ver e gostava também de preparar o horário da visita.”</i>
17	<i>“Eu gostaria muito de organizar os autocarros.”</i>
18	Sem resposta.
19	<i>“Escolher hora e dia.”</i>
20	<i>“Escolhendo o local que é o estádio do sporting e o horário é as 3 e meia.”</i>
21	<i>“Ver coisas.”</i>

Através do gráfico (figura 21) é perceptível que a maior parte da turma demonstra interesse em participar na organização da visita de estudo, uma vez que 19 dos 21 alunos responderam “Sim”. Ao analisar as respostas dos/as alunos/as à questão 4.1. (tabela 7) percebe-se que as respostas mais frequentes envolvem o planeamento do local, do dia, do horário e do meio de transporte.

Uma vez que pretendia direcionar a aprendizagem dos/as alunos/as para o tema a ser trabalhado, a partir do recurso à metodologia VE, a escolha do local da visita já tinha sido selecionada previamente por mim. No entanto, este não foi o único motivo, também foi devido a limitações de tempo, visto que apenas tive 6 semanas, 3 dias em cada, para o desenvolvimento do estudo. O local escolhido foi o Museu “Lisboa Story Centre”, contudo, as horas, transporte e todos os processos de preparação foram discutidos e definidos com os/as alunos/as. A escolha deste local foi ao encontro das aprendizagens essenciais do 4.º ano de Estudo do Meio, uma vez que “[neste] ano de escolaridade . . . prioriza-se a abordagem de fenómenos naturais, factos e datas relevantes da História de Portugal” (Direção-Geral de Educação, 2018, p. 3) e este museu integra núcleos referentes a esses temas.

De uma forma global, percebi que os/as alunos/as já estavam familiarizados com a temática das visitas de estudo, tinham noção do que se trata, mas nunca estiveram envolvidos na sua preparação. Quanto a trabalhos realizados após uma VE num contexto de exploração e consolidação de aprendizagens, constata-se que foi somente feito à base de desenhos sobre os momentos favoritos, ou seja, uma abordagem pobre e pouco impulsionadora de aprendizagens. Consegui também perceber a motivação dos/as alunos/as em descobrir todo o processo que iria acontecer nas próximas semanas e por saberem que iriam ter um papel ativo e as suas opiniões e vontades iriam ser priorizadas.

2. Trabalho de grupo sobre a Visita de Estudo

2.1. Realização do Trabalho de Grupo sobre a Visita de Estudo (21/02/2024 a 26/02/2024)

Depois da preparação e realização da visita de estudo, lancei o desafio de procederem à realização de um trabalho de grupo, conforme descrito no capítulo 3 ponto 2.2.3.2. Com esta atividade procurei, numa perspetiva interdisciplinar, envolver várias áreas e conteúdos de Estudo do Meio, tais como, conhecimento de datas, factos, personagens e aspetos da vida em sociedade importantes da história de Portugal e o reconhecimento do fenómeno natural sísmológico. Simultaneamente, a partir da abordagem ao terramoto de 1755, pretendi que os/as alunos/as trabalhassem questões relacionadas com outras áreas: na área do Português, leitura e a escrita; que se apropriassem das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), através da pesquisa digital dos conteúdos; das competências em Artes Visuais, através da construção de um cartaz.

A atividade potencializou o interesse dos/as alunos/as acerca do conhecimento histórico da cidade de Lisboa, mais concretamente sobre o terramoto do dia 1 de novembro de 1755. Para tal foram investigados quatro temas específicos: (1) O terramoto; (2) Dia 1 de novembro de 1755; (3) Restituição da Cidade de Lisboa; (4) Personagens importantes. Neste subcapítulo será perceptível que os/as alunos/as revelaram-se motivados/as para a investigação do seu tema e envolvidos/as nas tarefas estabelecidas em grupo. Na *etapa de preparação* os/as alunos/as construíram guiões (cf. Anexo C, D, E e F), o que se tornou numa estratégia de motivação para as aprendizagens, nomeadamente para as etapas seguintes, tal como foi exposto no capítulo 3, ponto 2.2.1.4. (Cf. Nota de campo, nº 1). Durante a *etapa de realização*, a VE no museu, tiveram de investigar/procurar as informações de forma a responderem às questões dos guiões, ou seja, foi o momento em que os/as alunos/as acumularam informações para depois aplicarem nos trabalhos.

Numa primeira fase, a minha intervenção foi mais presente, dadas as dificuldades iniciais que surgiram. À medida que me apercebi que o ritmo de trabalho estava mais consolidado e que cada grupo estava focado nas suas questões, partilhando dúvidas e comunicando entre si, tomei um papel predominantemente de observadora. Na realização do trabalho, os grupos demonstraram um bom grau de organização na recolha de informação e escolha de materiais para a apresentação.

De seguida, é apresentada a análise das produções individuais dos/as alunos/as, os guiões, e das produções em grupo, os cartazes.

Grupo A – Terramoto de 1755

O grupo A, composto por 5 elementos, ficou encarregue de investigar o tema “Terramoto de 1755”. A primeira questão do guião era referente ao significado do termo terramoto.

Tabela 8

Respostas dos/as alunos/as à questão do guião “O que é um terramoto?”

Alunos/as	Respostas
1	<i>“Quando a terra treme.”</i>
2	<i>“Uma que o solo treme bem forte e tu até podes cair podes morrer porque o teto cai.”</i>
3	<i>“é um tipo de situação que faz tudo tremer cair.”</i>
4	<i>“Um terramoto é quando a terra treme e as casas, prédios começam a cair.”</i>
5	<i>“É um tipo de situação que faz tudo tremer e cair.”</i>

Os/As alunos/as, nas suas respostas (tabela 8) revelam, de um modo geral, entender que quando acontece esta catástrofe natural, a terra/solo treme, apesar de não saberem definir concretamente o que é um terramoto e no museu também não existir nenhuma explicação. Assim, pode-se deduzir que os/as alunos/as conseguiram tirar esta conclusão através da experiência vivida no museu, uma vez que quando visualizaram o filme no capítulo 3 os seus bancos tremeram.

A interpretação destas respostas permitiu perceber que as crianças denotavam dificuldade na compreensão do termo terramoto, mesmo que este tenha sido trabalhado em contexto sala de aula. A dificuldade revelada quanto aos termos científicos relacionados com a sismografia e, conseqüentemente, em explicar como se origina um terramoto, conduz à conclusão de que o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula não teve o sucesso pretendido. No entanto, aquando da realização dos trabalhos de grupo, através da investigação que desenvolveram, os/as alunos/as conseguiram compreender melhor esta temática e transmiti-la aos/às colegas na apresentação. Assim, aprenderam o significado deste fenómeno natural. Esta constatação permite, por um lado, verificar a potencialidade das VE e a sua exploração como metodologia para uma aprendizagem ativa, participada e efetiva. Por outro lado, possibilita-me refletir que a abordagem a este conteúdo em sala de aula não terá sido clara e eficaz, uma vez que o conteúdo foi abordado em sala de aula antes da realização da visita ao “Lisbon Story Center”. Levarei isto como aprendizagem para a minha futura prática docente, fazendo diferente, prestando mais atenção à explicação desta catástrofe natural, uma vez que é um dos pontos mais importantes para a compreensão deste tema.

Com a segunda questão, os/as alunos/as tinham de indicar como foi retratado o terramoto no museu.

Tabela 9

Respostas dos/as alunos/as à questão do guião “Como é retratado o terramoto no museu?”

Alunos/as	Respostas
1	<i>“Através de um filme.”</i>
2	<i>“Com as coisas caíram do filme.”</i>
3	<i>“Através do filme ou as coisas a cair.”</i>
4	Sem resposta
5	<i>“Através do filme ou as coisas a cair.”</i>

Através das respostas (tabela 9) é perceptível que 4 dos/as 5 alunos/as estiveram atentos/as e indicaram que foi através do filme apresentado no núcleo 3³ do museu que observaram o terramoto e as suas consequências para a cidade de Lisboa. Contudo, 1 aluno/a não respondeu a esta questão, que poderá ter sido por esquecimento ou porque não entendeu a questão, o que acho difícil porque as questões foram criadas e discutidas na turma.

Com a questão 3, pretendia que os/as alunos/as fossem reflexivos e identificassem como é que as pessoas se sentiram durante esta catástrofe.

Tabela 10

Respostas dos/as alunos/as à questão do guião “O que é que as pessoas sentiram durante o terramoto?”

Alunos/as	Respostas
1	<i>“Aflitos e assustados.”</i>
2	<i>“Aflitos e mal”</i>
3	<i>“Pessoas ficaram assustadas.”</i>
4	<i>“As pessoas sentiram muito medo e tristeza.”</i>
5	<i>“As pessoas ficaram assustadas.”</i>

As respostas dos/as alunos/as (tabela 10) indicam que a visualização do filme e de outros elementos presentes no percurso expositivo conduziram os/as alunos/as à perceção dos sentimentos e emoções das pessoas que viveram o terramoto de 1755. Demonstrando ter estado atentos e recetivos aos elementos expositivos, nomeadamente audiovisuais, presentes no museu.

A última questão, era direcionada para a hora e duração do terramoto.

³ Núcleo 3 - 1 de novembro de 1755, o dia de Todos os Santos

Tabela 11

Respostas dos/as alunos/as à questão do guião “A que horas aconteceu o terramoto e quanto tempo durou?”

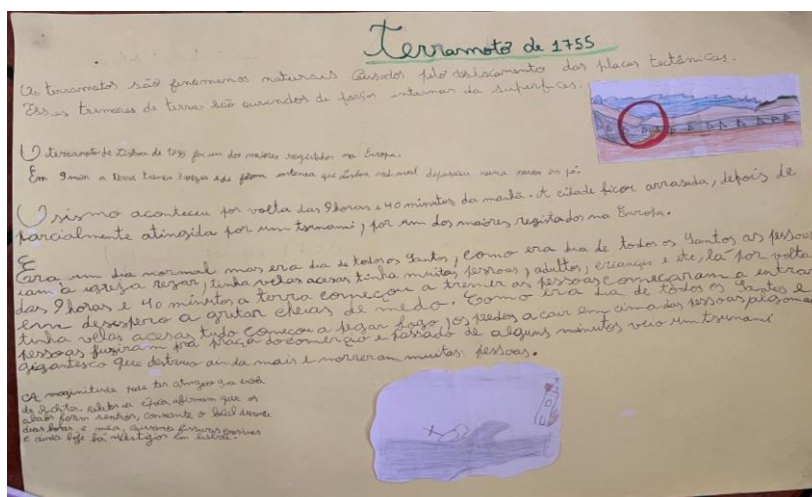
Alunos/as	Respostas
1	“Aconteceu por volta das 9h30/40.”
2	“às 9h 30.”
3	“9h40.”
4	“Aconteceu às 9h30 ou 9h40 e o terramoto durou nove minutos praí..”
5	“Às 9h30.”

Através das respostas dos/as alunos/as (tabela 11) todos/as apreenderam a mesma informação, que o terramoto se iniciou entre as 9 horas e 30 minutos e as 9 horas e 40 minutos. Isto evidencia que esta temática foi explícita no museu e os/as alunos/as, no seu papel de participantes, tiveram atentos às informações lá presentes. O/A aluno/a n.º 4 ainda acrescentou que teve a duração de cerca de 9 minutos. No entanto, esta informação não foi dita no museu o que podemos considerar que este/a aluno/a poderá ter ido pesquisar antes da visita e ter este conhecimento pré-adquirido. Assim, em última análise, o facto de os/as alunos/as terem ficado a saber mais do que é dito/explicado no museu justifica que a aplicação de todas as etapas da VE é de facto motivador para a aprendizagem e para a aquisição de conhecimentos em Estudo do Meio.

Nas aulas dedicadas à realização do trabalho de grupo os/as alunos/as usaram as informações recolhidas no guião, através de investigação e pesquisa de informação online e dos conhecimentos que adquiriram durante a visita de estudo para criarem um cartaz de apresentação e partilha dos conhecimentos adquiridos (figura 22).

Figura 22

Cartaz final do grupo com o tema “Terramoto de 1755”



Através da análise do cartaz intitulado “Terramoto de 1755”, compreendeu-se que o grupo se guiou pelas perguntas feitas no guião para a criação do produto final, revelando a pertinência desta ferramenta de apoio ao trabalho autónomo dos grupos de trabalho. No cartaz é evidenciado o significado de um terramoto, termo que não conseguiu ser explicado durante a visita de estudo, como podemos observar através da tabela 8. Deste modo, é importante frisar que há aprendizagens feitas autonomamente pelas crianças e partilhadas com os/as colegas, sobre assuntos que desconheciam antes e que não aprenderam na ida ao museu, mas sim a partir da sua investigação para a construção do cartaz. Este facto revela, efetivamente, que as atividades pós-visita são fundamentais para a aprendizagem de novos conteúdos, tal como defendem os autores Souza et al., (2017) e Pessoa (1988). Também a metodologia VE, nas suas múltiplas fases, é uma ferramenta importante para a aprendizagem autónoma, ativa e participada. Neste cartaz, o grupo indica outras aprendizagens que adquiriu, como a hora que se iniciou e a magnitude da escala de Richter do terramoto, descrevem como as pessoas se sentiram, com base no que observaram no museu e nas suas pesquisas, e algumas das consequências desta catástrofe. Este cartaz integra também dois desenhos feitos pelo grupo, um deles que é a representação do deslocamento das placas tectónicas e outro do maremoto e incêndio marcados naquele dia.

Grupo B – Dia 1 de novembro de 1755

Ficou atribuído ao grupo B, composto por 5 elementos, investigar o tema “Dia 1 de novembro de 1755”. A primeira questão do guião que os/as alunos/as tiveram de investigar no museu e posteriormente em sala de aula era referente ao que se tinha passado no dia 1 de novembro de 1755.

Tabela 12

Respostas dos/as alunos/as à questão do guião “O que aconteceu no dia 1 de novembro de 1755?”

Alunos/as	Respostas
1	<i>“No dia 1 de novembro o dia de todos os santos foram às igrejas e deixaram velas e sofreram uma consequência que foi: o terramoto e o fogo.”</i>
2	<i>“O que aconteceu no dia 1 de novembro foi o terramoto e as velas incendiaram casas e igrejas.”</i>
3	<i>“Dia 1 de novembro de 1755...”</i>
4	<i>“Dia 1 de novembro de 1755 é o dia de todos os santos.”</i>
5	<i>“Dia 1 de novembro é o dia de todos os santos.”</i>

Com base nas respostas obtidas (tabela 12), 4 alunos/as reconhecem que este acontecimento tornou-se um marco importante, uma vez que nesse dia, que era feriado,

aconteceu o terramoto que marcou a história de Portugal e da Europa. 2 alunos/as completaram as suas respostas e referiram que neste dia aconteceu um terramoto que provocou um incêndio. Com estas respostas, os/as alunos/as demonstram ter consolidado conhecimentos lecionados em contexto sala de aula. O/A aluno/a nº. 3 não completou a sua resposta, assim sendo podemos considerar que se esqueceu de escrever ou que não captou informação suficiente para dar resposta.

A segunda questão do guião do grupo B permitiu-me perceber se os/as alunos/as conseguiram associar que o facto de ser feriado neste dia piorou a catástrofe.

Tabela 13

Respostas dos/as alunos/as à questão do guião “Dia 1 de novembro era feriado. Que consequências teve este facto?”

Alunos/as	Respostas
1	<i>“Dia 1 de novembro...”</i>
2	<i>“É dia de todos os santos, todas as pessoas que iam à igreja deixaram as velas acesas e ficou tudo incendiado nas suas casas e igrejas.”</i>
3	<i>“Era o dia de todos os santos o que piorou porque as pessoas tinham velas e com o tremer da terra elas caíram e fizeram incêndios.”</i>
4	<i>“É o dia de todos os santos, muitas pessoas juntas em igrejas, incêndios provocados pelas velas e casas a cair.”</i>
5	<i>“Foi dia de todos os santos.”</i>

Ao analisar as respostas dos/as alunos/as (tabela 13) é perceptível que 3 alunos/as conseguiram fazer a ligação do facto de ser feriado do Dia de Todos os Santos contribuiu para um alto número de fatalidades, visto que neste dia as pessoas costumam ir à missa e tinham por hábito acender velas nas igrejas e em suas casas. Com o estremecer da terra, as velas acabaram por cair, o que provocou muitos incêndios e simultaneamente piorou os acontecimentos deste dia. Demonstrando assim terem aprendido aspetos da vida em sociedade relacionados com um acontecimento relevante da história de Portugal. Mais uma vez, alguns/mas alunos/as a não darem respostas completas. Esta situação poderá ter sido por distração, uma vez que o museu é muito abrangente e provavelmente não conseguiram captar a informação com atenção ou por simples esquecimento.

Por fim, a última pergunta era direcionada para a abrangência geográfica do terramoto, questionando se apenas teria sido sentido na cidade de Lisboa.

Tabela 14

Respostas dos/as alunos/as à questão do guião “O terramoto apenas foi sentido na cidade de Lisboa? Se não, onde mais foi sentido?”

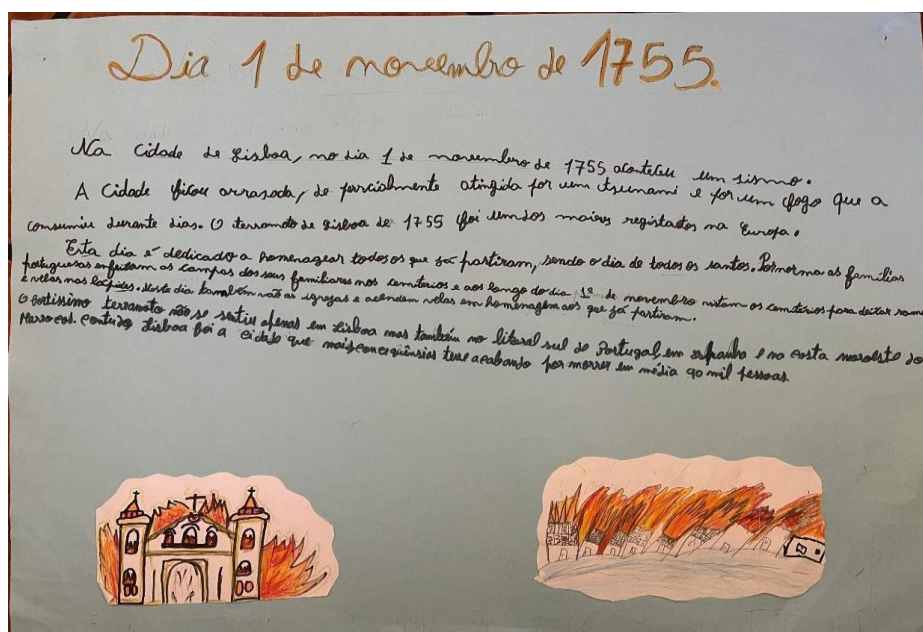
Alunos/as	Respostas
1	“Não porque foi aos Marrocos, mas Lisboa foi mais atingida em 1755.”
2	“Não, mas Lisboa foi a mais atingida pelo terramoto 1755 e também pelo tsunami.”
3	“Não foi só em Lisboa, mas a Lisboa foi o mais atingido do terramoto de 1755.”
4	“Não, mas Lisboa foi a mais atingida pelo terramoto de 1735.”
5	“Não, mas Lisboa foi a mais atingida.”

Segundo o que foi apurado, através da tabela 14, todos/as os/as alunos/as mencionaram que a cidade de Lisboa não foi a única atingida pelo terramoto, mas foi onde se sentiu com maior intensidade. O/A aluno/a nº. 1 indica que o terramoto também foi sentido em Marrocos, podemos deduzir que esta informação lhe chegou nas aulas lecionadas pela professora estagiária ou através das pesquisas feitas, uma vez que no museu não há nenhuma indicação temática a este respeito. Assim, esta questão não tinha uma resposta explícita no museu e o intuito seria os alunos pesquisarem-na, quando realizassem o trabalho, com a ajuda dos recursos digitais.

Já em contexto de sala de aula, os/as alunos/as realizaram uma pesquisa de todas as informações solicitadas no guião, utilizando também os conhecimentos que adquiriram durante a visita de estudo e criaram um cartaz de apresentação (figura 23).

Figura 23

Cartaz final do grupo com o tema “Dia 1 de novembro de 1755”



Através da análise do cartaz intitulado “Dia 1 de novembro de 1755”, na figura 22, entende-se que o grupo se baseou no guião. Mencionando algumas das suas aprendizagens como descrevendo o que aconteceu neste dia, o facto de nesse dia ser feriado e isso ter potenciado mais estragos e perdas de vidas humanas, expõe algumas consequências do fenómeno e ainda indicam em que zonas se sentiu este terramoto, demonstrando mais uma vez que as atividades pós-visita são fundamentais para a aprendizagem de novos conteúdos. Para completar o cartaz e torná-lo mais apelativo, o grupo B decidiu desenhar uma igreja em chamas e casas tortas, a arder e com água, com o intuito de representar o seu desabamento e o maremoto.

Grupo C – Reestruturação da Cidade de Lisboa

O grupo C, composto por 5 elementos, ficou responsável por investigar o tema “Reestruturação da Cidade de Lisboa”. A primeira questão do guião remetia para as consequências urbanísticas devidas ao terramoto.

Tabela 15

Respostas dos/as alunos/as à questão do guião “O que aconteceu em Lisboa devido ao terramoto?”

Alunos/as	Respostas
1	Resposta não perceptível
2	<i>“As casas caíram as pessoas morreram e ficaram feridas”</i>
3	<i>“Devido ao terramoto Lisboa ficou toda destruída.”</i>
4	<i>“As casas ficaram destruídas.”</i>
5	<i>“Aconteceu um maremoto e um incêndio devido ao terramoto.”</i>

Ao analisar as respostas (tabela 15), os/as alunos/as pelo que ouviram nos áudio-guias e pelo que viram no museu, não tiveram dúvidas em indicar que a cidade de Lisboa, depois do terramoto de 1755, ficou destruída, dando exemplos das casas que caíram, pessoas que morreram e ficaram feridas.

A questão 2 relaciona-se com o tempo que demorou a reestruturação da cidade de Lisboa.

Tabela 16

Respostas dos/as alunos/as à questão do guião “Quantos anos demorou a reestruturação de Lisboa?”

Alunos/as	Respostas
1	<i>“9 anos.”</i>
2	Sem resposta
3	Sem resposta

4	Sem resposta
5	Sem resposta

Como é perceptível pela tabela 16, apenas 1 aluno/a respondeu a esta questão e disse 9 anos, a realidade é que no museu não existiu nenhuma informação que pudesse dar resposta a esta questão, só posteriormente na realização do trabalho de grupo, com pesquisa, é que os/as alunos/as ficaram esclarecidos/as sobre esta temática.

A terceira e última questão faz uma ligação entre Lisboa antes e depois do terramoto, nomeadamente as suas diferenças.

Tabela 17

Respostas dos/as alunos/as à questão do guião “Quais as principais diferenças de Lisboa antes e depois do terramoto?”

Alunos/as	Respostas à questão 3 - Quais as principais diferenças de Lisboa antes e depois do terramoto?
1	<i>“Tudo desordenado. Ruas organizadas, esgotos, ruas perpendiculares.”</i>
2	<i>“Antes as casas eram apertadas agora são retas e paralelas. As casas eram altas e baixas depois e eram da mesma altura a gaiola.”</i>
3	<i>“As principais diferenças de antes e depois do terramoto é que antes as pessoas construíram as casas em cima umas das outras, mas depois as casas eram organizadas, os passeios eram calçadados, os prédios eram da mesma cor e altura e os prédios têm uma estrutura antissísmica eles não cair.”</i>
4	<i>“Antes do terramoto as casas ficavam todas juntas e depois as casas paralelas e perpendiculares.”</i>
5	<i>“As principais diferenças foram que as casas ficaram juntas e fizeram esgotos e as casas eram perpendiculares tiveram maquetes e estruturas antissísmicas.”</i>

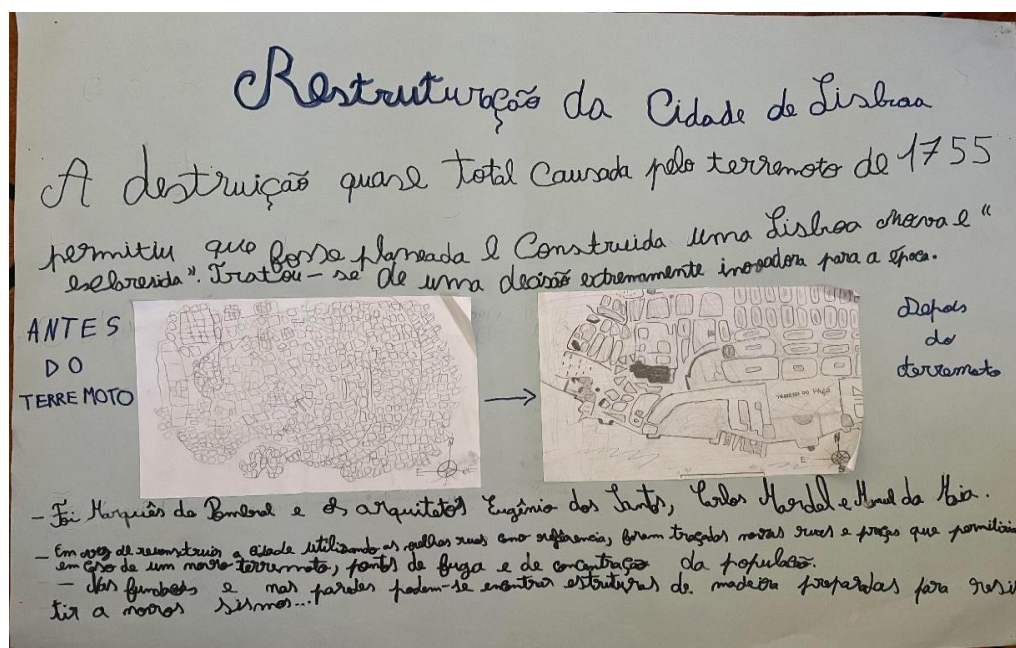
Ao analisar as respostas dos/as alunos/as (tabela 17), conseguimos perceber que as principais diferenças destacadas foram as características urbanística de Lisboa anterior ao terramoto, nomeadamente as ruas estreitas e casas baixas e sem espaço entre elas. Depois do terramoto e da cidade ser reconstruída, os/as alunos/as apontam algumas mudanças como o traçado de ruas largas, paralelas e perpendiculares, a implementação de esgotos e as casas altas e construídas com estruturas antissísmicas. Através das respostas dos/as alunos/as é visível as aprendizagens adquiridas sobre as características urbanísticas da cidade de Lisboa antes e depois de ser afetada pelo terramoto de 1755. É possível analisar que esta foi a questão com as respostas mais completas, isto deveu-se ao facto de ter sido uma das temáticas que os/as alunos/as demonstraram mais interesse durante a lecionação do conteúdo em sala de aula, mas também no museu foi um dos capítulos onde os/as alunos/as ficaram mais

entusiasmados/as, como referido no capítulo 3, ponto 2.2.3.1, dado que era o tema que tinha vindo a ser trabalhado nas semanas anteriores.

Nas aulas de realização do trabalho de grupo, os/as alunos/as pesquisaram todas as informações recolhidas no guião, utilizando também os conhecimentos que adquiriram durante a visita de estudo e criaram um cartaz de apresentação (figura 24).

Figura 24

Cartaz final do grupo com o tema “Restruturação da cidade de Lisboa”



Através da análise do cartaz intitulado “Restruturação da cidade de Lisboa”, entende-se que o grupo se guiou pelas perguntas feitas no guião para a criação do produto final. No cartaz são apresentadas as aprendizagens do grupo, explica-se que Lisboa ficou destruída depois do terramoto de 1755, mas salienta-se que graças a esta ocorrência é que foi possível planear a reconstrução da cidade. No fundo do cartaz são enumeradas algumas das diferenças e características de Lisboa antes e depois do terramoto. Estas diferenças também são exibidas através de desenhos, um desenho da planta de Lisboa antes do terramoto, onde se observa a organização urbanística de então, e outro desenho da nova Lisboa, organizada de forma ortogonal.

Grupo D – Personagens importantes

O grupo D, composto por 5 elementos, ficou responsável de investigar o tema “Personagens importantes”. A primeira questão pretendia que os/as alunos/as demonstrassem conhecimentos relacionados com o tema que foram trabalhados nas aulas anteriores. No entanto, também foi mencionado durante a VE que D. José I foi o

rei que reinava aquando do terramoto. Como é perceptível pelas respostas dos/as alunos/as (tabela 18), todos/as responderam corretamente à questão.

Tabela 18

Respostas dos/as alunos/as à questão do guião “Que rei reinava Portugal quando aconteceu o terramoto?”

Alunos/as	Respostas
1	<i>“D. José I.”</i>
2	<i>“D. José I.”</i>
3	<i>“D. José I.”</i>
4	<i>“Foi D. José I.”</i>
5	<i>“Foi D. José I.”</i>
6	<i>“Foi D. José I.”</i>

Com a segunda questão, os/as alunos/as teriam de enumerar personagens que tiveram um papel importante na reconstrução de Lisboa.

Tabela 19

Respostas dos/as alunos/as à questão do guião “Quem teve um papel importante na reestruturação de Lisboa?”

Alunos/as	Respostas
1	<i>“Marquês de Pombal, Manuel da Maia, Carlos Mardel e Eugénio dos Santos.”</i>
2	<i>“O Marquês de Pombal, Manuel da Maia, Eugénio dos Santos e Carlos Mardel.”</i>
3	<i>“Foi Marquês de Pombal, Manuel da Maia, Eugénio dos Santos e Carlos Mardel.”</i>
4	<i>“Foi Sebastião José de Carvalho e Melo ou Marquês de Pombal, Manuel da Maia, Carlos Mardel e Eugénio dos Santos.”</i>
5	<i>“Foi Marquês Pombal, Manuel da Maia, Eugénio dos Santos e Carlos Mardel.”</i>
6	<i>“Marquês de Pombal, Manuel da Maia, Eugénio dos Santos e Carlos Mardel.”</i>

Na análise das respostas à questão 2 (tabela 19), verifica-se que todos/as responderam de forma idêntica, referindo Marquês Pombal como uma das personagens mais importantes, assim como os 3 arquitetos emblemáticos nesse processo – Manuel da Maia, Eugénio dos Santos e Carlos Mardel. Assim sendo, os/as alunos/as demonstra ter conhecimento de personagens importantes da história de Portugal.

Com a terceira questão pretendia que os/as alunos/as referissem quem foi Sebastião José de Carvalho e Melo.

Tabela 20

Respostas dos/as alunos/as à questão do guião “Quem foi Sebastião José de Carvalho e Melo?”

Alunos/as	Respostas
1	<i>“1 ministro.”</i>
2	<i>“Foi o primeiro-ministro do rei mais conhecido como Marquês de Pombal.”</i>
3	<i>“Marquês de Pombal o primeiro-ministro do rei.”</i>
4	<i>“Ele era ministro do rei e era mais conhecido como Marquês de Pombal.”</i>
5	<i>“Foi Marquês de Pombal e o ministro do rei chamado José I.”</i>
6	<i>“Foi o Marquês de Pombal o 1 ministro.”</i>

Com base nas respostas (tabela 20), nota-se que os/as alunos/as perceberam que Sebastião José de Carvalho e Melo era o nome do 1.º ministro do rei D. José I, que ficou conhecido como Marquês de Pombal. Demonstram, novamente, ter conhecimento de duas personagens relevantes na história de Portugal,

A última questão referia-se às medidas mais importantes que Marquês de Pombal decidiu implementar após o terramoto.

Tabela 21

Respostas dos/as alunos/as à questão do guião “Quais as principais medidas de Marquês de Pombal logo após o terramoto?”

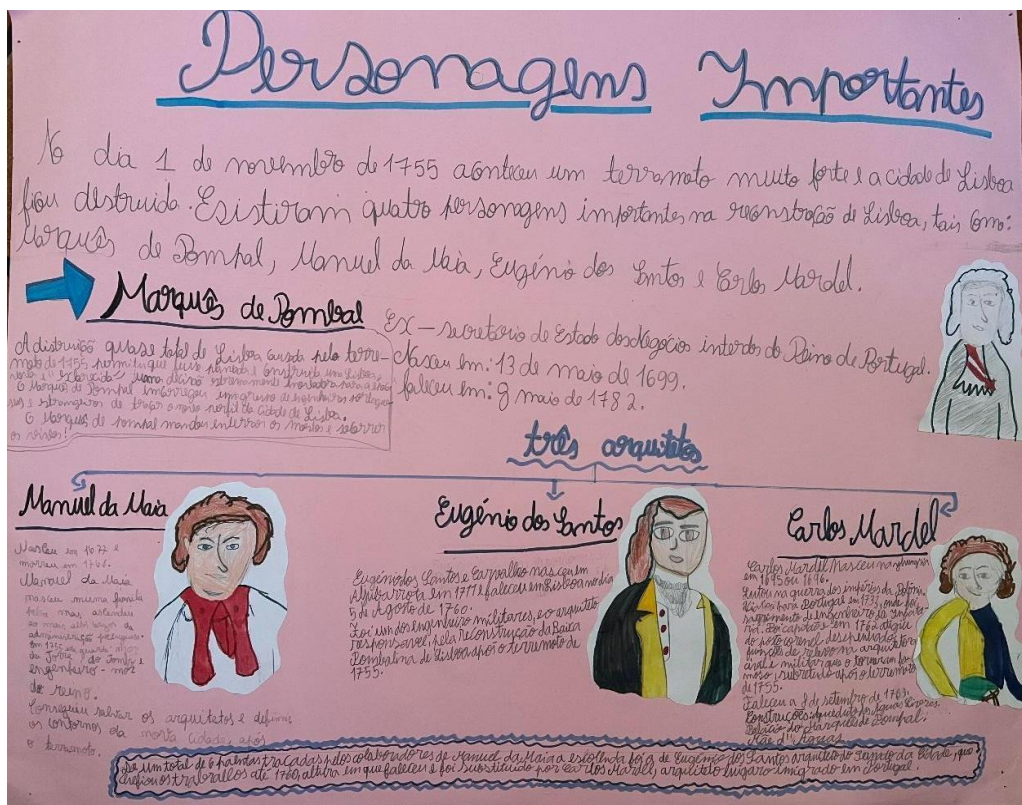
Alunos/as	Respostas
1	<i>“Enterrar os mortos, tratar dos vivos, prender os ladrões,”</i>
2	<i>“Socorrer os vivos, enterrou os mortos deu comida ao necessitado, prendeu os ladrões e reconstruiu Lisboa.”</i>
3	<i>“Ele socorreu os vivos e enterrou os mortos e prendeu os fugitivos. E reconstruiu Lisboa.”</i>
4	<i>“Socorreu os vivos, enterrou os mortos deu comida aos necessitados, prendeu os ladrões e reconstruiu Lisboa.”</i>
5	<i>“Ele socorreu os vivos, enterrou os mortos e prendeu os ladrões. E reconstruiu Lisboa.”</i>
6	<i>“Enterrou os mortos, socorreu os vivos deu comida, prendeu os presos e reconstruiu Lisboa.”</i>

Como é evidente, através da tabela 21, os/as alunos/as completaram as suas respostas referindo as 3 medidas que aprenderam mais importantes mencionadas pelo Marquês: enterrar os mortos, tratar/socorrer os vivos e prender os ladrões.

Nas aulas de realização do trabalho de grupo, os/as alunos pesquisaram todas as informações recolhidas no guião e, também, com base no que observaram e aprenderam durante a visita de estudo, criaram um cartaz de apresentação (figura 25).

Figura 25

Cartaz final do grupo com o tema “Personagens importantes”



O grupo D, responsável por investigar e pesquisar o tema “Personagens importantes”, desenvolveu um cartaz (figura 25) bastante apelativo devido aos retratos desenhados pelos elementos do grupo. Cada retrato está acompanhado por uma pequena biografia das personagens importantes na reconstrução de Lisboa, tal como Marquês de Pombal e os 3 arquitetos: Manuel da Maia, Eugénio dos Santos e Carlos Mardel.

2.2. Apresentações do Trabalho de Grupo sobre a Visita de Estudo (28/02/2024)

No seguimento da atividade anterior, realizaram-se as apresentações para expor à turma todos os trabalhos desenvolvidos. Esta atividade, do âmbito interdisciplinar envolveu as áreas e conteúdos de Estudo do Meio, na medida que abordam o conteúdo terramoto de 1755 e da área do Português, nomeadamente da expressão oral.

Como já foi referido no capítulo da Intervenção Pedagógica, ponto 2.2.3.3, os/as alunos/as não estavam habituados a realizar apresentações orais, contudo sempre se demonstram muito motivados, apesar de receosos em falar para a turma, tal como evidencia o seguinte diálogo:

Aluno/a VV: Professora, estou muito entusiasmado/a por fazer esta apresentação porque o meu grupo vai os surpreender com a nossa apresentação, vai ser mesmo fixe!

Professora-estagiária: Ainda bem, é sinal de que estás muito empenhado em realizar uma boa apresentação.

Aluno/a DL: Eu estou a adorar fazer o trabalho, mas tenho vergonha de apresentar.

Professora-estagiária: Percebeu DL, não estás habituada a fazer apresentações, mas pensa que é uma boa forma de mostrares à turma o que tu sabes sobre este tema e simultaneamente também vais ensinar-lhes coisas que eles não sabem.

Aluna DL: Tem razão professora, vou dar o meu melhor!

Antes da apresentação, os/as alunos/as decidiram dividir as informações presentes no cartaz pelos elementos do grupo. Utilizaram diversas formas de se preparem para este momento, a forma mais usual foi a estratégia de escreverem as informações que iriam apresentar numa folha para a tentar decorar. Passado uns minutos, os/as alunos/as começaram a dizer, sem olhar para o papel, as suas falas para os/as outros/as colegas (figura 26). Este momento de entreajuda foi muito gratificante, notando-se o empenho e vontade por parte de todos/as para conseguirem realizar uma boa apresentação.

Figura 26

Entreajuda dos/as alunos/as a decorar as apresentações



As apresentações correram bem e o momento após cada apresentação foi muito esclarecedor, uma vez que o grupo que apresentava teve a oportunidade de colocar as questões que tinha nos guiões aos/às colegas, de forma a verificar se estavam atentos/as à apresentação e se esta estava explícita de modo à turma entender e aprender os conteúdos. De seguida, os/as colegas que assistiram, também tiveram

oportunidade de tirar dúvidas e fazer observações e sugestões de melhoria, o que acabou por se tornar em mais um momento de aprendizagem.

O Grupo A – Terramoto de 1755 - colocou as questões do guião e a turma conseguiu responder corretamente, assim demonstra que as informações do cartaz foram úteis e a apresentação foi clara e que aprenderam os conteúdos esperados. Um/a colega ainda fez uma observação sobre a quarta questão “A que horas aconteceu o terramoto e quanto tempo durou?”, como evidencia o segundo diálogo:

Aluno/a TS: Eu sei que o terramoto aconteceu por volta das 9h 40 da manhã, mas vocês não indicaram quanto tempo durou e eu também não ouvi estas informações durante a visita no museu.

(a turma sussurra e concorda com o comentário do/a colega/a)

Elemento do grupo VV: Para responder à tua questão, através da pesquisa em diversos sites conseguimos ver que o terramoto aconteceu por volta das 9 horas e 40 minutos e lemos num site que a terra tremeu 3 vezes durante 17 minutos, mas esquecemo-nos de pôr.

Ao analisar o diálogo é possível perceber que os/as colegas que assistiram estavam atentos não só às apresentações, mas como também foram ao encontro dos conhecimentos que adquiriram durante a visita para argumentar e criticar construtivamente o trabalho. Apesar disto, os/as alunos/as deram um feedback muito positivo a este trabalho e elogiaram principalmente o desenho da deslocação das placas tectónicas (figura 27) de forma a representar o terramoto e a forma como o grupo explicou o fenómeno.

Figura 27

Desenho que representa o deslocamento das placas tectónicas.



O grupo B – Dia 1 de novembro de 1755 - no final da sua apresentação, colocou também as questões do seu guião à turma. Os colegas responderam corretamente às questões e referiram que a apresentação foi clara e enriquecedora

O grupo quis dar ênfase à última questão: “O terramoto apenas foi sentido na cidade de Lisboa? Se não, onde mais foi sentida” (Cf. Notas de campo n.º 3). Após a apresentação, o grupo disse que esta questão não estava explícita durante a visita, então realizaram várias pesquisas e conseguiram encontrar a resposta, admitiram também à turma que era um dos pontos que estavam mais ansiosos por partilhar, uma vez que consideravam que ninguém saberia (Nota de campo, nº 3 – 28/02/2024).

Apesar da apresentação ter sido elogiada, a estética do cartaz do grupo foi criticada por alguns/mas alunos/as, como evidencia o seguinte diálogo:

Aluno/a BT: Eu gostei da vossa apresentação, mas as letras estão muito pequenas, não consigo ler nada cá de trás. (Cf. Figura 28)

Aluno/a DE: Eu concordo, mas os desenhos estão muito fixes!

É perceptível neste diálogo que os/as colegas/as conseguem ser críticos tanto sobre a apresentação prestada, como quanto à construção do próprio cartaz, dando assim sugestões de melhoria, para uma futura apresentação.

Figura 28

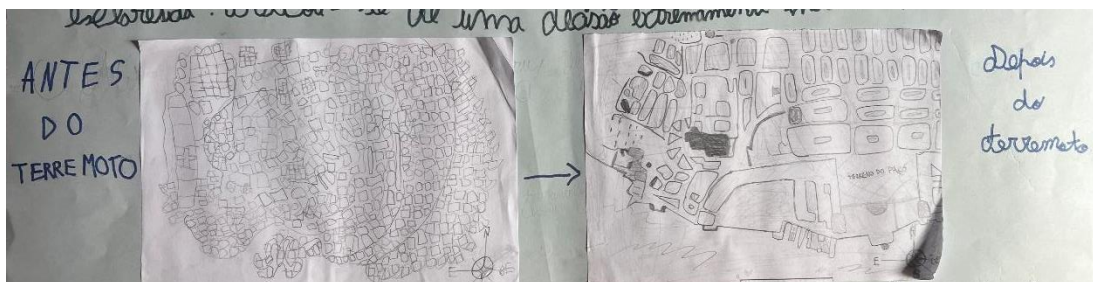
Apresentação do grupo “Dia 1 de novembro de 1755”, vista do meio da sala de aula.



O grupo C – Restruturação da cidade de Lisboa - durante a sua apresentação deu muita importância aos desenhos presentes no cartaz (figura 29) e utilizou as imagens para descrever a cidade antes e depois do terramoto, o que enriqueceu muito a apresentação.

Figura 29

Desenhos, presentes no cartaz, da representação da cidade de Lisboa antes e depois do terramoto.



Quando foram colocadas as questões do guião, a turma conseguiu responder a quase todas, à exceção da segunda questão “Quantos anos demorou a reestruturação de Lisboa”, havendo assim uma discórdia entre o grupo e a turma, como apresenta o seguinte diálogo:

Aluno/a EL: Não sei responder a isso e não ouvi vocês a dizerem na apresentação.

Elemento do grupo MR: Na realidade nós não encontramos esta informação específica através da nossa pesquisa, apenas temos conhecimento que demorou muito tempo.

Apesar deste percalço, este grupo foi bastante elogiado pela sua apresentação, os/as alunos/as indicaram que estava muito completa e que os desenhos estavam muito bem construídos, não tendo assim grandes dúvidas ou críticas a colocar no final deste momento.

O grupo D – Personagens importantes - teve o trabalho mais elogiado esteticamente pelos colegas (Cf. Nota de campo nº 4). Os/as alunos/as comentaram que adoraram os retratos dos arquitetos e do Marquês Pombal e a estética do trabalho fê-los estar ainda mais interessados no momento de apresentação, até questionaram o grupo como é que fizeram os desenhos tão perfeitos (Nota de campo, nº 4 – 28/02/2024).

Após a apresentação, todas as questões do guião foram respondidas corretamente pelos/as colegas. Em acréscimo, os/as alunos/as admitiram que toda a informação presente nos guiões já tinha sido lecionada em sala de aula e no museu e

que, por isso, conseguiram consolidar estes conhecimentos. Contudo, o grupo decidiu investir mais na história e biografias destas 4 personagens importantes de modo a dá-los a conhecer à turma.

A presente atividade, realização e apresentação do trabalho de grupo, demonstrou que as visitas de estudo podem ter um papel fundamental na compreensão de conteúdos da área de Estudo do Meio, no caso deste estudo, o fenómeno sísmico e o terramoto de 1755.

A atividade destacou-se por ter sido bastante extensa, dado que para a concretização do cartaz foi necessária a pesquisa e recolha de informação, organização do texto e construção estética do cartaz e, ainda, a preparação da apresentação oral. Ao longo destas etapas ficou claro o elevado esforço e empenho dos grupos e uma atitude de responsabilidade individual e coletiva na medida em que cada elemento de cada grupo estava designado para tarefas específicas de forma a garantir a participação de todos no cartaz e na apresentação oral.

Como é mencionado no documento Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, pretende-se que o/a aluno/a, à saída da escolaridade obrigatória, seja um cidadão “munido de múltiplas literacias que lhe permitam analisar e questionar criticamente a realidade, avaliar e selecionar a informação, formular hipóteses e tomar decisões fundamentadas no seu dia a dia” (Martins et al., 2017, p. 16). E, também, “livre, autónomo, responsável e consciente de si próprio e do mundo que o rodeia . . . capaz de pensar crítica e autonomamente, criativo, com competência de trabalho colaborativo e com capacidade de comunicação” (Martins et al., 2017, p. 16). Neste sentido, este trabalho em grupo possibilita que os/as alunos/as se sintam confortáveis para partilhar e expressar a sua opinião acerca do seu desempenho enquanto elementos do grupo e enquanto espectadores/as das apresentações dos colegas. A apresentação do cartaz foi um momento crucial, não só pela partilha das investigações feitas e divulgação do conhecimento, mas também, para que compreendessem a importância da oralidade e da postura para que sejam ouvidos/as e compreendidos/as durante uma exposição.

De uma forma geral, como pode ser comprovado através de todas as evidências apresentadas ao longo deste subcapítulo, os/as alunos/as demonstraram estar motivados e envolvidos pessoalmente no processo de aprendizagem.

3. Questionário Depois da Visita de Estudo (28/02/2024)

De forma a perceber se todo o processo de preparação, realização e exploração da VE foi importante para o processo de aprendizagem optei por realizar um questionário final no dia 28/02/2024. Este era composto por nove questões que

pretendiam suportar uma análise onde se percebesse se os/as alunos/as se envolveram na atividade desenvolvida e se todo o processo os/as motivou para a o processo de ensino-aprendizagem.

Na primeira questão do questionário pretendia que os/as alunos/as expressassem se gostaram de organizar e participar na visita de estudo ao Lisboa Story Centre e, consoante as suas escolhas, justificassem.

Figura 30

Respostas dos/as alunos/as à questão “Gostaste de organizar e participar na visita de estudo ao Lisboa Story Centre?”

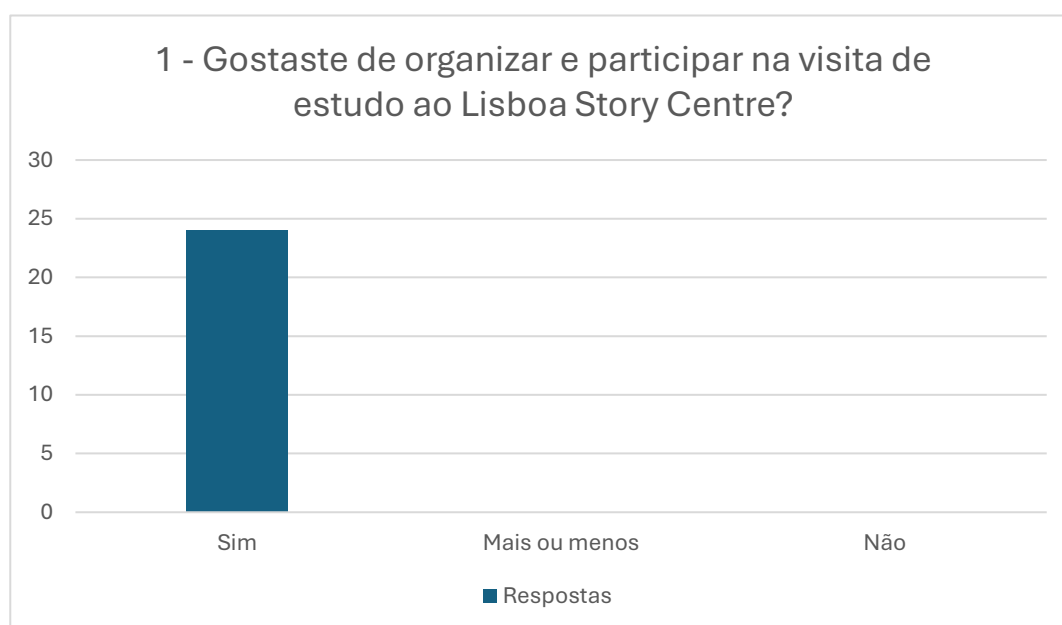


Tabela 22

Respostas dos/as alunos/as à subquestão “Justifica a tua resposta anterior.”

Alunos/as	Respostas
1	<i>“Eu gostei de participar e organizar porque conhecemos mais sobre a história de Lisboa e eu gostei de fazer o itinerário.”</i>
2	<i>“Sim gostei bastante da visita de estudo porque ela foi bastante interativa.”</i>
3	<i>“Eu gostei porque aprendi mais e adorei, foi divertido.”</i>
4	<i>“Eu não gostei, eu amei foi muito bom e aprendi muitas outras coisas.”</i>
5	<i>“Eu gostei de ir à visita de estudo porque aprendi muitas coisas.”</i>
6	<i>“Sim, porque era muito original e bonito.”</i>
7	<i>“Porque eu aprendi muitas coisas do terramoto.”</i>
8	Resposta não perceptível.
9	<i>“Sim, porque planeámos tudinho.”</i>
10	<i>“Porque aprendemos muitas sobre o terramoto.”</i>
11	<i>“Eu gostei de organizar o inquérito com as estagiárias.”</i>
12	<i>“Eu gosto de Lisboa.”</i>

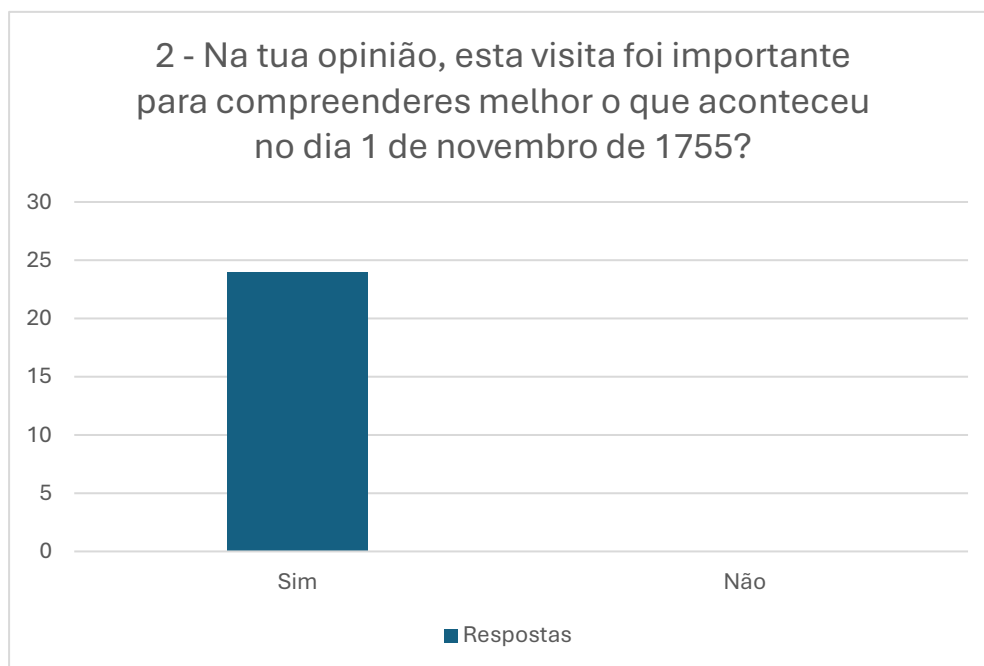
13	<i>“Eu não gostei eu amei adorei. Gostei do trajeto e dentro na parte que tinha os cheiros e as imagens e o filme e os auto-guias, foi muito fixe.”</i>
14	<i>“É porque eu gosto de participar em trabalho em equipa e de organizar.”</i>
15	<i>“Eu gostei porque aprendi mais e achei divertido.”</i>
16	<i>“Porque eu amo visitas na escola e trabalhar em grupo.”</i>
17	<i>“Eu gostei de organizar e participar na visita de estudo, primeiro foi muito divertido organizar como íamos à visita de estudo, segundo a visita de estudo foi maravilhosa.”</i>
18	Resposta não perceptível.
19	<i>“Eu gostei porque sentimos os cheiros das especiarias vimos sobre o terramoto e sentimos sobre o terramoto adorei.”</i>
20	<i>“Sim, porque foi divertido ir até ao metro, mas não gostei da parte de estar á espera e amei andar de barco a minha 2.^a vez.”</i>
21	<i>“Foi muito giro e divertido e aprendi muito, também adorei o filme do terramoto.”</i>
22	<i>“Sim gostei de participar e aprender novas coisas.”</i>
23	<i>“Sim porque o museu era muito giro.”</i>
24	<i>“Porque vi o filme sobre o terramoto e gostei de planear o itinerário.”</i>

Ao analisar o gráfico (figura 29) e as respostas, percebe-se que todos/as os/as alunos/as gostaram do processo de organizar e participar nesta atividade. O cruzamento destas com as respostas à questão 4 do questionário inicial (figura 21), em que foi questionado se os/as alunos/as gostariam de organizar uma visita de estudo, é perceptível que os/as alunos/as gostaram do processo e do grau de envolvimento que lhes foi sugerido. Com base nas respostas obtidas na tabela 22, grande parte dos/as alunos/as justifica que gostou desta atividade porque aprenderam mais, nomeadamente sobre o conteúdo e caracterizaram o dia da visita como sendo divertida, interativa e original. Outros/as alunos/as justificaram a sua escolha indicando alguns aspetos da preparação e exploração da visita de que gostaram mais.

A segunda questão direciona-se para as aprendizagens sobre o conteúdo. Deste modo, foi questionado se a visita foi importante para compreender melhor o que aconteceu no dia 1 de novembro de 1755, uma vez que o conteúdo já tinha sido lecionado em sala de aula.

Figura 31

Respostas dos/as alunos/as à questão “Na tua opinião, esta visita foi importante para compreenderes melhor o que aconteceu no dia 1 de novembro de 1755?”



A análise do gráfico (figura 31) permite afirmar que todos/as os/as alunos/as afirmaram que a visita de estudo foi importante para compreender melhor o que aconteceu no dia 1 de novembro de 1755.

Ainda na mesma questão, procurei saber se os/as alunos/as aprenderam algo de novo e, se sim, o que aprenderam.

Figura 32

Respostas dos/as alunos/as à subquestão “Durante a visita de estudo aprendeste algo de novo sobre o terramoto de 1755?”

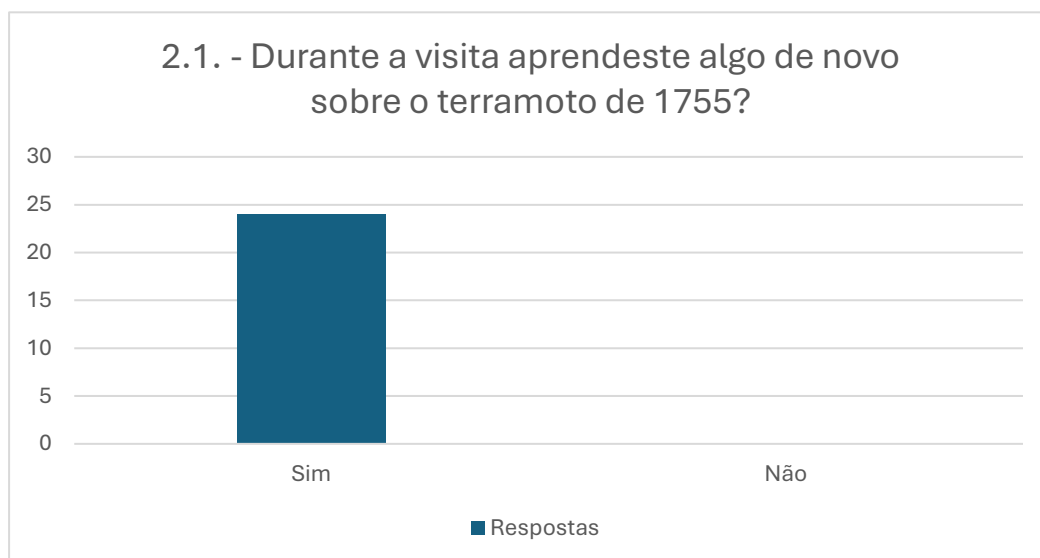


Tabela 23

Respostas dos/as alunos/as à subquestão “Se respondeste “Sim”, o que é que aprendeste de novo?”

Alunos/as	Respostas
1	<i>“Eu aprendi que o terramoto foi muito mau e bom para Lisboa e vi a cara do Marquês de Pombal.”</i>
2	<i>“Sim aprendi os três nomes dos arquitetos que restauraram Lisboa, Manuel da Maia, Eugénio dos Santos e Carlos Mardel.”</i>
3	<i>“Eu nada dessas coisas pois, mas agora aprendi muito essas coisas do terramoto isso gostei muito.”</i>
4	<i>“Como as pessoas se sentiram e nos aprendemos que horas começou e que horas acabou.”</i>
5	<i>“Aprendi que os terramotos formam através do desabamento das placas tectónicas.”</i>
6	<i>“Sim, que Marquês de Pombal tinha reconstruído Lisboa.”</i>
7	<i>“Porque eu aprendi muitas coisas do terramoto.”</i>
8	Resposta não perceptível.
9	Sem resposta
10	<i>“Que foi até Marrocos.”</i>
11	Resposta não perceptível.
12	<i>“Eu aprendi que antigamente Lisboa não se chamava assim.”</i>
13	<i>“Aprendi que os terramotos formam através do deslocamento das placas tectónicas.”</i>
14	<i>“Eu aprendi como se é formado um terramoto também até onde ele se pode sentir.”</i>
15	<i>“Eu aprendi como era o terramoto e as especiarias.”</i>
16	<i>“Eu aprendi tudo o que eu não sabia aprendi quanto tempo demorou o terramoto e como as pessoas se sentiram.”</i>

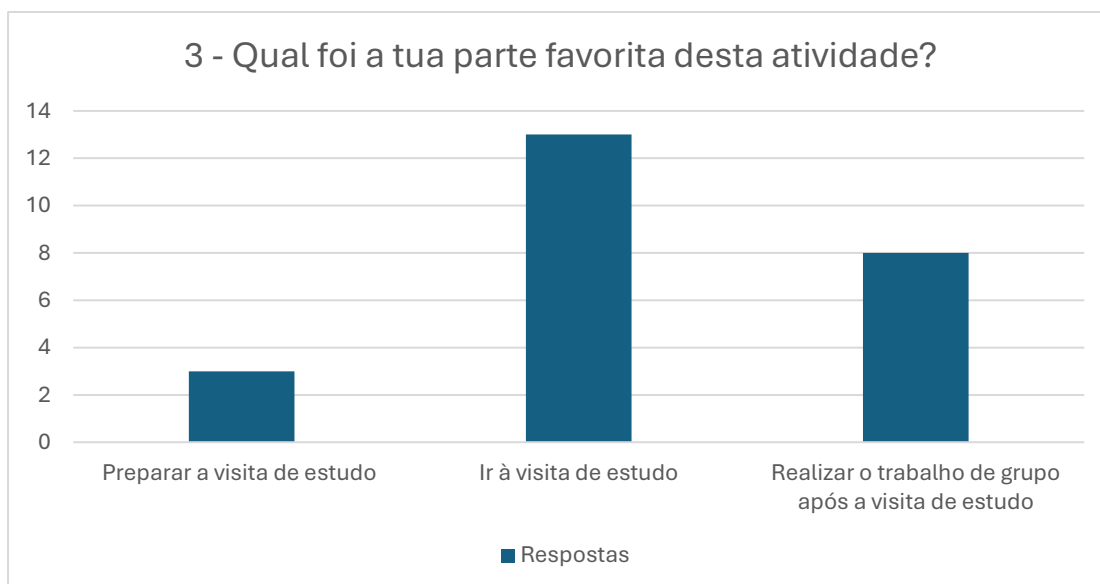
17	<i>“Eu aprendi os nomes e também aprendi como aconteceu o terramoto.”</i>
18	<i>“Eu respondi sim porque eu vi como o tsunami aconteceu e também que sobreviveram crianças e senti o terramoto.”</i>
19	<i>“Aprendeste os nomes do rei.”</i>
20	<i>“Que nós gostamos de ver o terramoto e os nomes dos arquitetos.”</i>
21	<i>“Aprendi mais coisas sobre a visita, sobre o terramoto, aprendi a ver como era o terramoto que foi fixe e chocante.”</i>
22	<i>“Aprendi os nomes dos arquitetos.”</i>
23	<i>“Aprendi coisas do terramoto que não sabia.”</i>
24	<i>“Que as pessoas ficaram feridas porque os edifícios caíram e houve incêndios.”</i>

Os/as 24 alunos/as afirmaram (gráfico na figura 32) ter aprendido algo de novo sobre o conteúdo durante a visita. As aprendizagens descritas pelos/as alunos/as são diversas (tabela 23), alguns/mas dizem ter aprendido mais sobre o terramoto, o que as pessoas sentiram e como aconteceu exatamente o sismo, o maremoto e o incêndio, outros/as salientam ter aprendido o nome dos arquitetos, que já tinham sido mencionados em sala de aula, mas de uma forma breve.

Na questão 3, os/as alunos/as teriam de fazer uma escolha, selecionando qual o seu momento favorito de todo o processo: preparação, realização ou exploração.

Figura 33

Respostas dos/as alunos/as à questão “Qual foi a tua parte favorita desta atividade?”



Através da análise do gráfico (figura 33) verifica-se que o momento favorito de maior parte da turma foi a realização da visita de estudo, resposta de 13 dos/as 24 alunos/as. O segundo momento mais escolhido foi a realização do trabalho de grupo após a visita de estudo, com 8 votos, e por fim, com 3 votos, foi a preparação da visita de estudo. Importa referir que durante o momento do preenchimento deste inquérito

existiu alguma discórdia nesta questão, uma vez que os/as alunos/as estavam com dificuldades em escolher apenas um momento, tal como evidencia o seguinte diálogo:

Aluno DR: Professora posso escolher as três opções?

Professora-estagiária: Não consegues selecionar um momento favorito?

Aluno DR. Não, é impossível, eu amei todos!

Aluno JP: Eu também professora, queria escolher todos, é difícil.

(Continuei a circular pela sala)

Aluno TE: Professora, estávamos a falar em grupo e tínhamos a dúvida se podíamos escolher todos os momentos?

Professora-estagiária: Então, mas gostaram assim tanto de todos os momentos que não conseguem escolher um?

Aluno DIO: Sim, professora!

A última questão revelou-se importante para perceber se os/as alunos/as, nos próximos anos letivos, gostariam de realizar mais visitas de estudo e se gostariam de, novamente, ter um papel ativo na sua preparação e organização.

Figura 34

Respostas dos/as alunos/as à questão “Nos próximos anos letivos, vais pedir aos teus professores para realizarem visitas de estudo?”



Tabela 24

Respostas dos/as alunos/as à subquestão “Se respondeste “Sim”, propunhas que os alunos participassem também no planeamento e organização dessas visitas de estudo?”

Alunos/as	Respostas
1	<i>“Claro que sim, assim eles podiam saber como se faz uma visita de estudo.”</i>
2	<i>“Sim eu iria querer ir em outra visita de estudo.”</i>
3	<i>“Sim.”</i>
4	<i>“Sim.”</i>
5	<i>“Sim.”</i>
6	<i>“Sim.”</i>
7	<i>“Sim.”</i>
8	<i>“Sim.”</i>
9	<i>“Sim, colocava a minha turma antiga do primeiro ciclo, porque ajudaram-me a nossa professora também.”</i>
10	<i>“Sim.”</i>
11	<i>“Sim gostaria porque eu gostei de organizar.”</i>
12	<i>“Sim.”</i>
13	<i>“Sim.”</i>
14	<i>“Claro que sim, pois eles são os meus amigos e colegas.”</i>
15	<i>“Sim, gostei de participar.”</i>
16	<i>“Sim porque eu amo visitas de estudo.”</i>
17	<i>“Sim os alunos e os professores planeavam tudo igual à visita de estudo.”</i>
18	<i>“Sim.”</i>
19	<i>“Sim porque os meus colegas também gostaram de ir.”</i>
20	<i>“Sim, porque nos divertimos e conseguimos aprender mais coisas sobre essa matéria e visitar um museu que nos ajudou nas respostas.”</i>
21	Sem resposta
22	<i>“Sim.”</i>
23	<i>“Sim.”</i>
24	<i>“Sim.”</i>

Como é possível observar através da figura 34 e da tabela 24, todos/as os/as alunos/as afirmaram querer realizar mais visitas de estudo e que gostariam de estar envolvidos na sua preparação e organização.

Tendo por base as evidências apresentadas neste capítulo, pode-se indicar que a participação ativa na preparação, realização e exploração da visita de estudo, motivou os/as alunos/as para o processo de ensino-aprendizagem, influenciando simultaneamente a sua predisposição para aprender os conteúdos da área de Estudo do Meio. Com a realização da VE foi possível concretizar atividades interdisciplinares de maneira a articular conteúdos relativos a várias áreas curriculares, com foco na área de Estudo do Meio.

De seguida, apresenta-se a tabela 25 com o intuito de sintetizar e fazer um cruzamento com os objetivos específicos do estudo e as aprendizagens, competências e conceitos adquiridos pelos/as alunos/as, suportadas pelas várias atividades implementadas.

Tabela 25

Aprendizagens, competências e conceitos desenvolvidos pelos/as alunos/as de acordo com os objetivos específicos do estudo

Objetivos específicos	Aprendizagens, competências e conceitos	Atividades
Perceber como a participação na preparação da visita motiva para o processo de aprendizagem	Desenvolvimento de estratégias de investigação e pesquisa e seleção de informação online.	- Conhecer e investigar o museu “Lisboa Story Centre”.
	Desenvolvimento de competências de planeamento, organização e responsabilidade.	- Construção do itinerário para a visita de estudo ao “Lisboa Story Centre”; - Ideias para o Guião da visita de estudo.
	Utilização de representações cartográficas em suporte digital.	- Construção do itinerário para a visita de estudo ao “Lisboa Story Centre”.
	Análise da qualidade da informação recolhida.	- Conhecer e investigar o museu “Lisboa Story Centre”; - Construção do itinerário para a visita de estudo ao “Lisboa Story Centre”.
	Fomentar o trabalho de grupo e entreajuda.	- Conhecer e investigar o museu “Lisboa Story Centre”;

		<ul style="list-style-type: none"> - Construção do itinerário para a visita de estudo ao “Lisboa Story Centre”; - Ideias para o Guião da visita de estudo.
	Desenvolvimento de responsabilidade e autonomia.	<ul style="list-style-type: none"> - Ideias para o Guião da visita de estudo; - Visita de estudo ao “Lisboa Story Centre”
Perceber como a exploração da visita de estudo contribui para o processo de aprendizagem	Aprender a partir da experiência vivida (através de simuladores de terremotos, sentiram o chão a tremer e vivenciaram sensações e sons relacionados com os acontecimentos do dia 1 de novembro de 1755).	<ul style="list-style-type: none"> - Visita de estudo ao “Lisboa Story Centre”.
	Reconhecer e compreender o fenómeno natural - sismo.	<ul style="list-style-type: none"> - Realização do trabalho de grupo sobre a visita de estudo; - Apresentação do trabalho de grupo sobre a visita de estudo.
	Compreender a trilogia de fenómenos naturais envolvidos - o sismo, o maremoto e os incêndios.	<ul style="list-style-type: none"> - Visita de estudo ao “Lisboa Story Centre”; - Realização do trabalho de grupo sobre a visita de estudo; - Apresentação do trabalho de grupo sobre a visita de estudo.

	<p>Saber a que horas que se iniciou o terramoto de 1755 e sua duração.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Visita de estudo ao “Lisboa Story Centre”; - Realização do trabalho de grupo sobre a visita de estudo; - Apresentação do trabalho de grupo sobre a visita de estudo.
	<p>Compreender como o facto de ser feriado do Dia de Todos os Santos contribuiu para um alto número de fatalidades.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Visita de estudo ao “Lisboa Story Centre”; - Realização do trabalho de grupo sobre a visita de estudo; - Apresentação do trabalho de grupo sobre a visita de estudo.
	<p>Compreender quais as zonas em que foi sentido o terramoto de 1755.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Realização do trabalho de grupo sobre a visita de estudo; - Apresentação do trabalho de grupo sobre a visita de estudo.
	<p>Aprender as características urbanísticas da cidade de Lisboa antes e depois do terramoto de 1755.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Visita de estudo ao “Lisboa Story Centre”; - Realização do trabalho de grupo sobre a visita de estudo; - Apresentação do trabalho de grupo sobre a visita de estudo.

	<p>Saber quais as personagens mais relevantes durante este período - D. José I; Marquês de Pombal; Manuel da Maia; Eugénio dos Santos; Carlos Mardel.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Visita de estudo ao “Lisboa Story Centre”; - Realização do trabalho de grupo sobre a visita de estudo; - Apresentação do trabalho de grupo sobre a visita de estudo.
	<p>Compreender quais as principais medidas de Marquês de Pombal logo após o terramoto.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Visita de estudo ao “Lisboa Story Centre”; - Realização do trabalho de grupo sobre a visita de estudo; - Apresentação do trabalho de grupo sobre a visita de estudo.
	<p>Promover o trabalho em grupo e o espírito de cooperação entre os/as participantes.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Realização do trabalho de grupo sobre a visita de estudo; - Apresentação do trabalho de grupo sobre a visita de estudo.
	<p>Desenvolvimento de estratégias de investigação e pesquisa e seleção de informação online.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Realização do trabalho de grupo sobre a visita de estudo.
	<p>Exprimir a informação recolhida num cartaz de apresentação.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do trabalho de grupo sobre a visita de estudo.

	Planeamento e produção de discursos preparados para apresentação a público restrito.	- Apresentação do trabalho de grupo sobre a visita de estudo.
	Saber ser crítico e reflexivo sobre o seu trabalho e o trabalho dos/as colegas.	- Apresentação do trabalho de grupo sobre a visita de estudo.

A análise da tabela 25 evidencia as aprendizagens, competências e conceitos adquiridos pelos/as alunos/as ao longo das semanas de intervenção, resultado das atividades propostas. Esse panorama permite, por um lado, avaliar o potencial das visitas de estudo e sua exploração enquanto metodologia para uma aprendizagem ativa, colaborativa e eficaz. Em última instância, o facto de os/as alunos/as terem ampliado o seu conhecimento para além do que foi exposto no museu reforça que o seu envolvimento em todas as etapas da VE é, efetivamente, motivador para a aquisição de conhecimentos em Estudo do Meio. Interessa, também, ressaltar que houve aprendizagens autónomas realizadas pelos/as alunos/as e compartilhadas com os/as colegas, sobre temas desconhecidos anteriormente e que não foram abordados na visita ao museu, mas sim investigados para a criação do cartaz. Esse aspeto demonstra a importância das atividades pós-visita na construção de novos saberes. Assim, conclui-se que a metodologia das VE em suas diversas etapas, revela-se uma ferramenta valiosa para promover uma aprendizagem autónoma, ativa e colaborativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio é uma etapa do percurso acadêmico marcado por dificuldades, superações, trabalhos, reflexões e vivências marcantes. Este momento proporciona, ao/à futuro/a professor/a, um leque de experiências em que é necessário encarar os factos da prática pedagógica docente. O estágio permitiu-me estar em contacto com a prática pedagógica no contexto de uma turma de 4.º ano de escolaridade. Proporcionou experiências únicas e memoráveis, como o contacto com uma nova realidade e a possibilidade de articular as componentes práticas e teóricas aprendidas ao longo da licenciatura em Educação Básica e Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Matemática e Ciências Naturais no 2.º Ciclo do Ensino Básico nas várias unidades curriculares.

Ao terminar a análise dos dados surgiu a necessidade de refletir sobre todo o processo de intervenção pedagógica desenvolvido durante o Estágio no 1.º e no 2.º Ciclo. As opções metodológicas do estudo enquadram-se numa abordagem de investigação quantitativa e qualitativa com características aproximadas ao preconizado pela metodologia de investigação sobre a prática. Os dados foram recolhidos através de técnicas como a observação participante, o inquérito por questionário e a recolha documental. Para recolher os dados organizei uma intervenção pedagógica composta em onze sessões, em que duas foram a aplicação de inquérito por questionário, três a preparação da VE, uma a realização da VE e cinco a exploração da VE.

Para o desenvolvimento do estudo foi criada uma questão de investigação: *Como a participação dos/as alunos/as na preparação, realização e exploração de uma visita de estudo motiva para as aprendizagens de Estudo do Meio?*, de forma a dar resposta a esta questão recorri a um objetivo geral: Compreender se o envolvimento dos/as alunos/as nas visitas de estudo contribui para a aprendizagem e motivação na área do Estudo do Meio, e dois objetivos específicos:

- Perceber como a participação na preparação da visita motiva para o processo de aprendizagem;
- Perceber como a exploração da visita de estudo contribui para o processo de aprendizagem.

Respondendo às questões apresentadas acima, foram tidas em conta algumas referências apresentadas na fundamentação teórica que mencionam que a VE é uma estratégia motivadora para os/as alunos/as, principalmente se estiverem envolvidos/as nas várias etapas da sua organização. Esta, para além de uma quebra na rotina escolar diária, é, à partida, um fator motivacional e estimulante do processo de ensino-

aprendizagem. Sendo uma atividade que faz uma ligação entre o local da visita e a sala de aula, potencia a mobilização de conhecimentos que ligam a aprendizagem experiencial da VE com experiências anteriores ou posteriores realizadas em sala de aula (Behrendt & Franklin, 2014; Oliveira, 2013; Couto, 2022).

A análise das gravações áudio e vídeo, das produções dos/as/as alunos, das notas de campo e, conforme tudo o que foi dito o envolvimento dos/a alunos/as nas diferentes tarefas propostas, assim como, a qualidade dos trabalhos finais, permitiram-me perceber que a investigação, que aqui se apresenta, revelou um caminho enriquecedor para a motivação e a aquisição de aprendizagens interdisciplinares e significativas. Consequentemente, o envolvimento da turma nas várias etapas da visita demonstrou um maior empenho e entusiasmo (Rato, 2016). Evidenciou-se também uma correlação entre as visitas de estudo e o desenvolvimento de conhecimentos nas áreas de Estudo do Meio, Português, Tecnologias de Informação e Comunicação e Artes Visuais. As atividades que mobilizam várias áreas disciplinares, como a construção de um itinerário, de um guião, o trabalho de grupo e as apresentações orais em grupo, envolveram diversos conceitos, mas também permitiram aos/às alunos/as pôr em prática esses mesmos conceitos tendo por base a metodologia das visitas de estudo.

Relativamente ao tema do meu projeto, verifiquei que os/as alunos/as durante a implementação das tarefas se encontravam motivados/as e participativos/as ao longo de todo o processo de aprendizagem e se sentiam como agentes ativos da mesma, entregaram-se totalmente às tarefas propostas. Um aspeto muito facilitador foi o facto de os/as alunos/as gostarem particularmente desta área disciplinar e do tema, o terramoto de 1 de novembro de 1755, a que acresceu saberem desde o início o que iam fazer ao longo das próximas semanas, espoletou muito interesse. As aprendizagens ocorreram de forma gradual ao longo dos momentos planificados e considero que todo o processo desenvolvido foi tanto ou mais importante que os resultados. Os/as alunos/as compreenderam os conceitos abordados e conseguiram interligá-los através das diversas atividades propostas.

A integração da interdisciplinaridade enquanto metodologia de trabalho possibilitou uma prática mais consistente dos diversos conteúdos e das diversas áreas. A visita de estudo, focando a área de Estudo do Meio, potencializou uma aprendizagem interdisciplinar no 1.º Ciclo do Ensino Básico tornando a aprendizagem mais abrangente e significativa. Desta forma, ao unir as vantagens do enfoque nas VE e da metodologia interdisciplinar, alcançámos uma abordagem coesa e enriquecedora para o processo educativo. Esta articulação favoreceu um maior envolvimento dos/as alunos/as no seu

processo de ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, uma maior apropriação dos conteúdos trabalhados.

No que diz respeito à metodologia adotada na presente investigação, mais concretamente, à investigação sobre a prática, tal como referido no Capítulo 2, esta abordagem enquadra-se no estudo pelo facto de o investigador refletir sobre a prática exercida e tentar melhorá-la. Deste modo, sendo uma futura profissional da área de educação, foi fundamental refletir sobre a minha prática ao longo deste estudo.

Ao longo da intervenção pedagógica senti algumas dificuldades, mas considero que ultrapassei os desafios. Quando iniciei a intervenção, em conversa com a professora titular, percebi que não é frequente realizarem-se visitas de estudo. No presente ano, em que estagiei na escola, houve mesmo a indicação por parte da direção para a não realização de visitas de estudo, com exceção da visita de final de ano. Deste modo, foi necessário falar com os membros da direção da escola para tentar ter a aprovação deste estudo e só com o pedido pessoal ao diretor é que tive permissão.

A gestão do tempo foi outro grande desafio. Coordenar com a minha colega de estágio os projetos de investigação, visto que também estava a implementar o seu neste estágio, para além de todas as atividades regulares e projetos em que a turma estava envolvida e que, muitas vezes, fazia com que tivéssemos de alterar o planeado, foi outro dos desafios que envolveram a implementação deste projeto de investigação sobre a prática.

Outra dificuldade foi a utilização de algumas das técnicas e instrumentos de recolha de dados, nomeadamente os registos de áudio e notas de campo. Ao estar maioritariamente envolvida através da observação participante, por vezes e apesar de contar com o apoio da professora cooperante e da minha colega de estágio, nem sempre conseguia captar todos os momentos que mais enriqueceriam o presente relatório. Também senti uma certa pressão devida às exigências na preparação dos materiais, no desenvolvimento das tarefas propostas e na planificação das intervenções, especialmente ao conciliar com os restantes trabalhos propostos pelas outras Unidades Curriculares do Mestrado. No entanto, com a minha determinação e a perceção de que os/as alunos/as se sentiam entusiasmados e motivados com todas as tarefas, consegui ultrapassar os obstáculos que surgiram tentando dar sempre o meu melhor.

Outro potencial entrave à concretização deste projeto foi a forma de concretização da deslocação/ transporte das crianças no dia da visita, uma vez que não foi possível ter um autocarro da Câmara Municipal e um aluguer um seria muito caro. No entanto, em vez destes impedimentos me desanimarem, decidi não desistir e o facto

de ter resolvido este problema e ter levado a turma de transportes públicos, foi algo que também demonstra um envolvimento e a minha capacidade para resolução de problemas e de levar avante percursos didáticos que considero interessantes.

Quando tiver como professora titular de uma turma irei utilizar esta ideia, de forma a não ficar dependente dos recursos da escola e a realizar visitas de estudo que envolvam a ida de transportes públicos, dado que foi enriquecedor para a própria aprendizagem, uma vez que os/as alunos/as tiveram de trabalhar com a ferramenta digital *google maps* e explorar calendários, horários, trajetos, etc.

Posso afirmar que também existiram muitos pontos fortes neste estágio. Importando destacar algumas características da turma com que realizei a minha investigação e prática educativa, bem como a prática da professora cooperante. Estes aspetos foram importantes para que o estágio se tornasse pessoalmente enriquecedor. A turma, apesar de habituada a uma prática docente de cariz mais tradicional, demonstrou grande disponibilidade para embarcar neste desafio, o que favoreceu o desenvolvimento das tarefas relacionadas com o meu projeto de investigação. Considero que a cooperação entre alunos/as e a união evidente durante a prática foi essencial para que este percurso com um grupo de 4.º ano decorresse de uma maneira cooperativa, participada e dinâmica. Os/as alunos/as destacaram-se por serem desafiadores/as e participativos/as, o que me colocava à prova como professora estagiária de maneira a atender às suas necessidades e interesses, nunca esquecendo o meu papel como mediadora e o meu objetivo enquanto investigadora.

Surgiu também a oportunidade de recorrer ao uso das novas tecnologias, uma vez que em diferentes fases os/as alunos/as utilizaram os computadores. O uso de computadores não era uma prática habitual para a turma, sendo que alguns/mas alunos/as nunca tinham tido oportunidade de os utilizar, por isso este também foi um fator que contribuiu para a sua evidente motivação.

No início da intervenção tive a oportunidade de organizar e realizar uma reunião com os encarregados de educação de forma a dar-lhes a conhecer todo o estudo que ia desenvolver. Estes/as também ficaram muito interessados/as e partilharam que os/as educandos/as já tinham informado alguns detalhes e que estavam muito entusiasmados/as. Este momento tornou-se muito enriquecedor para o meu percurso, uma vez que me permitiu colocar mais uma vez no papel de titular de uma turma e desenvolver uma prática muito importante no dia a dia de uma docente, o contacto com os/as encarregados/as de educação.

No que concerne à minha intervenção e estágio numa turma de 4.º ano, considero-os muito positivos. A turma facilitou a minha presença e cooperou em todas as etapas do meu percurso, em que foi evidente o progresso nas suas aprendizagens, dia após dia. Ajudaram-me, também, a ultrapassar as minhas inseguranças na prática. Além disso, foi muito gratificante ver a aceitação de todas as minhas propostas de trabalho, a motivação inerente e o gosto demonstrado pelo próprio trabalho.

Em modo de reflexão, confesso que pretendo ser uma professora que além de ensinar também quer que os/as alunos/as tenham uma voz ativa nas aulas. Assim, com esta investigação, pude perceber a importância de o/a aluno/a ter um papel ativo no seu processo de ensino-aprendizagem e tentarei, na minha prática, permitir que os/as alunos/as estejam incluídos ativamente no processo de aprendizagem e tenham espaço para se expressar livremente.

Em suma, considero que este projeto foi muito enriquecedor para mim, enquanto futura professora, pois permitiu-me colocar em prática metodologias de ensino que nunca tinha implementado e conhecimentos desenvolvidos ao longo dos anos, através da licenciatura e do mestrado. Também me deu a oportunidade de enfrentar desafios que surgiram e torná-los em momentos de evolução profissional para mim e, fundamentalmente, potenciais ocasiões de aprendizagem para os/as alunos/as.

Quando professora irei, sem dúvida, dar continuidade a este tipo de experiências enriquecedoras e de crescimento pessoal e coletivo.

REFERÊNCIAS

- Afonso, N. (2014). *Investigação Naturalista Em Educação*. Fundação Manuel Leão.
- Agrupamento. (2018-2021). Projeto Educativo do Agrupamento "Pluralidade: Inclusão, Diversidade, Sucesso".
- Almeida, A. & Vasconcelos, C. (2013). *Guia prático para atividades fora da escola*. Fonte da Palavra.
- Amado, J. (2013). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Batista, B., Rodrigues, D., Moreira, E., & Silva, F. (2021). Técnicas de recolha de dados em investigação: Inquirir por questionário e/ou inquirir por entrevista. *Reflexões em torno de Metodologias de Investigação: recolha de dados*, 2, 13-36.
- Behrendt, M., & Franklin, T. (2014). A review of research on school field trips and their value in education. *International Journal of Environmental and Science Education*, 9(3), 235-245.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto editora.
- Botton, F. F. (2011). E A TERRA CONTINUA A TREMER: 1755–O GRANDE TERREMOTO. *Revista Desassossego*, (6), 25-37.
- Carvalho, C. C. F. (2012). *Visitas de Estudo Virtuais: contributos para uma outra aprendizagem da História na era da sociedade da informação*. [Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/66396>
- Carvalho, G. S. D., & Freitas, M. L. A. V. D. (2010). *Metodologia do estudo do meio*. Plural Editores.
- Correia, M. D. C. B. (2009). A observação participante enquanto técnica de investigação. *Pensar enfermagem*, 13(2), 30-36.
- Couto, S. (2022). As Visitas de Estudo no Ensino da História. *REVISTA PLURI*, 5(1), 107-126.
- Cunha, F. & Uva, M. (2016). A aprendizagem cooperativa: perspetiva de docentes e crianças. *Revista Interações*, 12 (41), 133-159.
<https://doi.org/10.25755/int.10839>

- DeWitt, J., & Osborne, J. (2007). Supporting teachers on science-focused school trips: Towards an integrated framework of theory and practice. *International journal of science education*, 29(6), 685-710.
- Dewitt, J., & Storksdieck, M. (2008). A Short Review of School Field Trips: Key Findings from the Past and Implications for the Future. *Visitor Studies*, 11(2), 181-197.
- Dimas, I. D., Lourenço, P. R. & Miguez, J. (2005). Conflitos e Desenvolvimento nos Grupos e Equipas de Trabalho - uma abordagem integrada. *Psychologica*, 38, 103-109.
- Direção-Geral de Educação. (2018). Aprendizagens Essenciais de Educação Artística – Artes Visuais do 4.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico.
- Direção-Geral de Educação. (2018). Aprendizagens Essenciais de Estudo do Meio do 4.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico.
- Direção-Geral de Educação. (2018). Aprendizagens Essenciais de Português do 4.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico.
- Direção-Geral da Educação. (2018). Orientações Curriculares para as Tecnologias da Informação e Comunicação.
- Domingos, A., Henriques, R. P., Ferreira, S., Perdigão, R., & Gomes, S. (2019). *O papel das visitas de estudo no desenvolvimento curricular integrado: o caso prático de um projeto transdisciplinar*. Universidade do Porto.
- Faria, A. R. C. (2014). *Visitas de estudo: um desafio pedagógico no ensino da história*. [Relatório Final de Prática de Ensino Supervisionada, Instituto Politécnico de Viana do Castelo]. Repositório Científico do Instituto Politécnico de Viana do Castelo. <http://hdl.handle.net/20.500.11960/1585>
- Ferreira, C. & Almeida, A. (2014). O interesse dos alunos pela área do estudo do meio.. In C. Tomás & C. Gonçalves (Org.). VI Encontro do CIED - I Encontro Internacional em Estudos Educacionais. Avaliação: Desafios e Riscos (pp. 301-316). Lisboa: CIED
- Ferreira, J. I. B. (2013). *O Terramoto de 1 de Novembro 1755: contexto histórico-geográfico. Uma perspectiva de aula construtiva*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra]. Repositório Científico da Universidade de Coimbra. <https://hdl.handle.net/10316/36000>
- Ferreira, M. A., & Blanco, B. Z. (2020). *Guião didático: por que é que o chão se move?* Editorial Universidad de Sevilla.

- Freinet, C. (1975). *As técnicas Freinet da Escola Moderna*. Editorial Estampa.
- Freixo, M. J. (2018). *Metodologia Científica, Fundamentos Métodos e Técnicas* (5ª ed.). Edições Piaget
- Gabinete da Secretária de Estado Adjunta e da Educação e do Secretário de Estado da Educação. (2019). Despacho n.º 6147/2019. *Diário da República* 2ª série, 126 (julho): 18990 - 18992.
<https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/despacho/6147-2019-122920121>
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (1993). *O Inquérito – Teoria e Prática* (2ª ed.). Celta Editora.
- Hortas, M. J., Campos, J., Martins, C., Cruz, C., & Vohlgemuth, L. (2016). *Introdução às metodologias de investigação e intervenção: Recolha e análise de dados*. Instituto Politécnico de Lisboa.
- Ketele, J.-M. d., & Roegiers, X. (1993). *Metodologia da Recolha de Dados*. Instituto Piaget
- Lima, J. Á., & Pacheco, J. A. (2006). *Fazer Investigação, Contributos para a elaboração de dissertações e teses*. Porto Editora
- Lisboa Story Centre. (s.d.). Obtido de Lisboa Story Centre:
<https://www.lisboastorycentre.pt/pt>
- Marques, J., Oliveira, S., Ferreira, P. C., & Veiga-Simão, A. M. (2019). Trabalho Colaborativo no 1º Ciclo: Suporte Percebido e Regulação Partilhada. *Cadernos de Pesquisa*, 49(171), 204-223.
- Martins, A. B. R., & dos Santos Freire, E. (2013). O envolvimento dos alunos nas aulas de educação física: um estudo de caso. *Pensar a prática*, 16(3).
- Martins de Souza, V., Bonifácio, V., & Rodrigues, A. V. (2017). Etapas de planificação do pré, durante e pós-visita de estudo: uma revisão de literatura. *Enseñanza de las ciencias*, (Extra), 1605-1610.
- Martins, G. D. O., Gomes, C. A. S., Brocardo, J., Pedroso, J. V., Camilo, J. L. A., Silva, L. M. U., ... & Rodrigues, S. M. C. V. (2017). Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória.
- Ministério da Educação. (2004). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico - 1.º Ciclo* (4th ed.). Departamento da Educação Básica.

- Oliveira, H. (2013). As potencialidades didáticas das visitas de estudo: a perceção dos alunos sobre a aprendizagem desenvolvida. *Respuestas de la geografía ibérica a la crisis actual, 1680-1687*. <http://hdl.handle.net/10216/64778>
- Oliveira, M. M. G. T. (2008). *As Visitas de Estudo e o ensino e a aprendizagem das Ciências Físico-Químicas: um estudo sobre concepções e práticas de professores e alunos*. [Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho]. Repositório da Universidade do Minho. <https://hdl.handle.net/1822/8326>
- Peixoto, M. I. (2014). *A importância da literacia em contexto pré-escolar*. [Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Viana do Castelo]. Repositório Científico do Instituto Politécnico de Viana do Castelo. <http://hdl.handle.net/20.500.11960/1695>
- Pessoa, A. M. (1988). *Como organizar uma visita de estudo?*. Centro de Recursos Educativos da Escola Superior de Educação de Setúbal.
- Pombo, O. (2004). *Interdisciplinaridade: ambições e limites*. Relógio d'Água.
- Prates, V. (2020). *As visitas de estudo como estratégia potencializadora do desenvolvimento das competências dos alunos no ensino profissional*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/49147>
- Presidência do Conselho de Ministros. (2018). Decreto-Lei n.º 54/2018. *Diário da República 1ª série, 129 (julho)*: 2918 - 2928. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/54-2018-115652961>
- Proença, M. C. (1990). *Ensinar/Aprender História - Questões de didáctica aplicada*. Livros Horizonte.
- Ponte, J. P. (2002). Investigar a nossa própria prática. *Refletir e investigar sobre a prática profissional*, 5-28.
- Quadra, G. R., & D'ávila, S. (2016). Educação Não-Formal: Qual a sua importância? *Revista Brasileira de Zootecias*, 17(2), 24-27.
- Quinta e Costa, M., Ribeiro, V., & Monteiro, I. (2015). A promoção da atitude interdisciplinar no ensino do estudo do meio: um projeto de investigação. *Educação, Territórios e Desenvolvimento Humano: Atas do I Seminário Internacional, Vol. II—Comunicações Livres*, 779-789.
- Rato, V. (2016). *A importância das visitas de estudo na aprendizagem: Conceções de alunos e professores*. [Relatório de Estágio, Instituto Politécnico de Lisboa].

Repositório Científico do Instituto Politécnico de Lisboa.
<http://hdl.handle.net/10400.21/6467>

- Rebelo, B. (2014). *Visitas de estudo: Uma estratégia de aprendizagem*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias].
Repositório Científico Lusófona. <http://hdl.handle.net/10437/5908>
- Ribeiro, E. A. (2008). A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. *Revista Evidência*, 4(4).
- Santos, S., Cardoso, A. P., & Lacerda, C. (2016). A planificação na perspetiva dos professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico. *Atas do XIII Congresso SPCE, Estudos Curriculares e Práticas Educativas*, 1045-1053.
- Scarpato, M. (2004). As técnicas Freinet. In A. L. Carlini, A. M. Caricatti, L. d. Guimarães, M. Scarpato, & Y. M. Foroni (Eds.), *Os procedimentos de ensino fazem a aula acontecer* (pp. 99-107). Avercamp.
- Scarpato, M. (2017). A livre expressão na Pedagogia Freinet. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 12(1), 620-628.
- Silva, S. (2013). Aprendizagem ativa. *Revista Ensino. Editora Segmento. Edição*, 257.
- Souza, V., João, P., & Lin, Y. (2017). Preparação de visitas de estudo pelos professores com recurso a websites de museus de ciência do Brasil, China e Portugal, *Indagatio Didactica*, 9 (4), 161-178.
- Veiga, F. H., Festas, I., Taveira, C., Galvão, D., janeiro, I., Conboy, J., ... & Nogueira, J. (2012). Envolvimento dos alunos na escola: conceito e relação com o desempenho académico-sua importância na formação de professores. *Revista portuguesa de pedagogia*, (46-2), 31-47. https://doi.org/10.14195/1647-8614_46-2_2
- Walsh, D. J., Tobin, J. J., & Graue, M. E. (2002). A voz interpretativa: Investigação Qualitativa em Educação de Infância. In B. Spodek (Org.), *Manual de Investigação em Educação de Infância* (pp. 1037-1066). Fundação Calouste Gulbenkian.

ANEXOS

Anexo A - Questionário Antes da Visita de Estudo

Nome: _____

Turma: _____ Data: ___/___/___

Responde às próximas perguntas com base nas tuas vivências dos anos anteriores na escola.

1. Gostas de Estudo do Meio?

Sim, muito! Mais ou menos. Não, prefiro as outras áreas.

2. Sabes o que é uma visita de estudo?

Sim Não

2.1. Se respondeste “Sim”, diz o que entendes por visita de estudo.

3. Alguma vez foste a uma visita de estudo?

Sim Não

3.1. Se respondeste “Sim”, foste onde?

3.2. Como é que te deslocaste até ao local da visita?

3.3. Já aprendeste algum conteúdo numa visita de estudo?

Sim Não

4. Gostavas de participar na preparação de uma visita de estudo?

Sim Não

4.1. Se respondeste “Sim”, de que forma gostavas de participar?

Anexo B - Questionário Depois da Visita de Estudo

Nome: _____

Turma: _____ Data: ___/___/___

Agora que participaste em todo o processo da visita de estudo ao Lisboa Story Centre, responde às seguintes questões.

1. Gostaste de organizar e participar na visita de estudo ao Lisboa Story Centre?
Pinta a opção mais adequada.



Sim



Mais ou menos



Não

- 1.1. Justifica a tua resposta anterior.

2. Na tua opinião, esta visita foi importante para compreenderes melhor o que aconteceu no dia 1 de novembro de 1755?

Sim Não

- 2.1. Durante a visita aprendeste algo de novo sobre o terramoto de 1755?

Sim Não

- 2.1.1. Se respondeste "Sim", o que é que aprendeste de novo?

3. Qual foi a tua parte favorita desta atividade? Coloca um “X” na opção mais adequada.



Preparar a visita de estudo.



Ir à visita de estudo.



Realizar o trabalho de grupo após a visita de estudo.

4. Agora que já sabes como se organiza uma visita de estudo, gostavas de planear mais visitas?

Sim

Não

5. Nos próximos anos letivos, vais pedir aos teus professores para realizarem visitas de estudo?

Sim

Não

5.1. Se respondeste “Sim”, propunhas que os alunos participassem também no planeamento e organização dessas visitas de estudo?

Anexo C – Guião (1) Terramoto de 1755

Nome: _____ Turma: _____

Guião

Tema: Terramoto de 1755



O que é um terramoto?

Como é retratado o terramoto no museu?

O que é que as pessoas sentiram durante o terramoto?

A que horas aconteceu o terramoto e quanto tempo durou?

Anexo D – Guião (2) Dia 1 de novembro de 1755

Nome: _____ Turma: _____

Guião

Tema: Dia 1 de novembro de 1755

O que aconteceu no dia 1 de novembro de 1755?

Dia 1 de novembro era feriado. Que consequência teve este facto?

O terramoto apenas foi sentido na cidade de Lisboa? Se não, onde mais foi sentido?



Anexo E – Guião (3) Restruturação da cidade de Lisboa

Nome: _____ Turma: _____

Guião

Tema: Restruturação da cidade de Lisboa

O que aconteceu em Lisboa devido ao terramoto?

Quantos anos demorou a restruturação de Lisboa?

Quais as principais diferenças de Lisboa antes e depois do terramoto?



Anexo F – Guião (4) Personagens importantes

Nome: _____ Turma: _____

Guião

Tema: Personagens importantes

Que rei reinava Portugal quando aconteceu o terramoto?

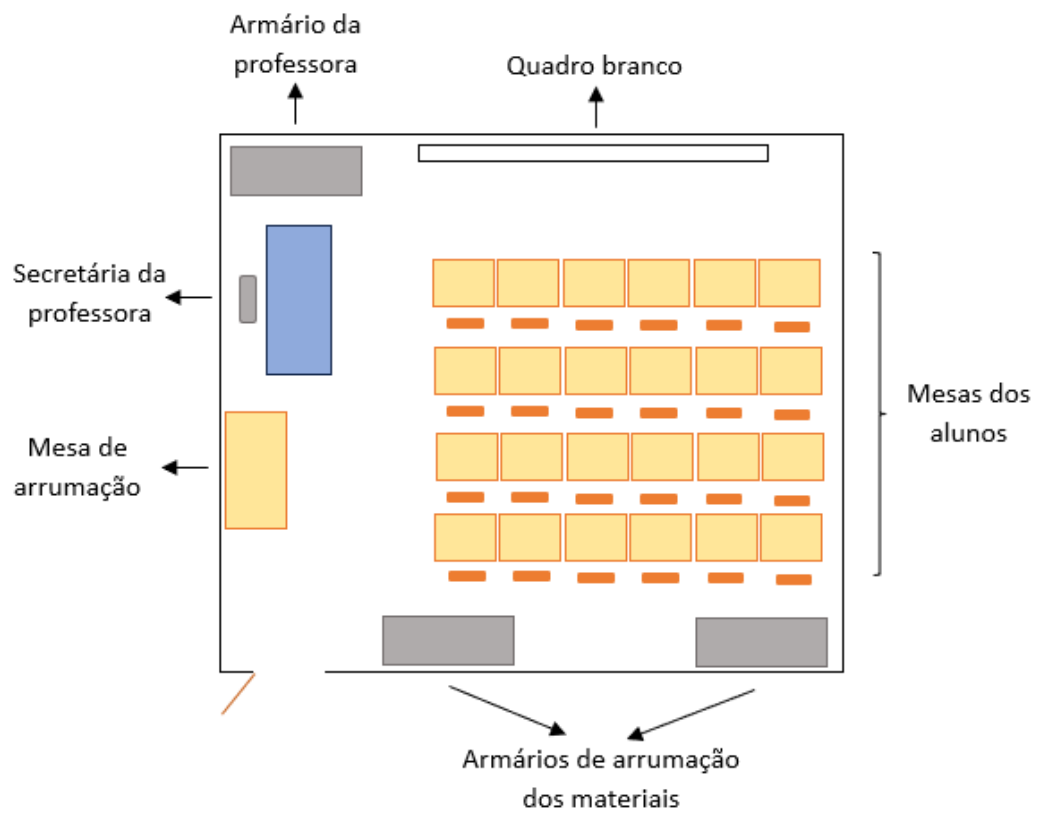
Quem teve um papel importante na reestruturação de Lisboa?

Quem foi Sebastião José de Carvalho e Melo?

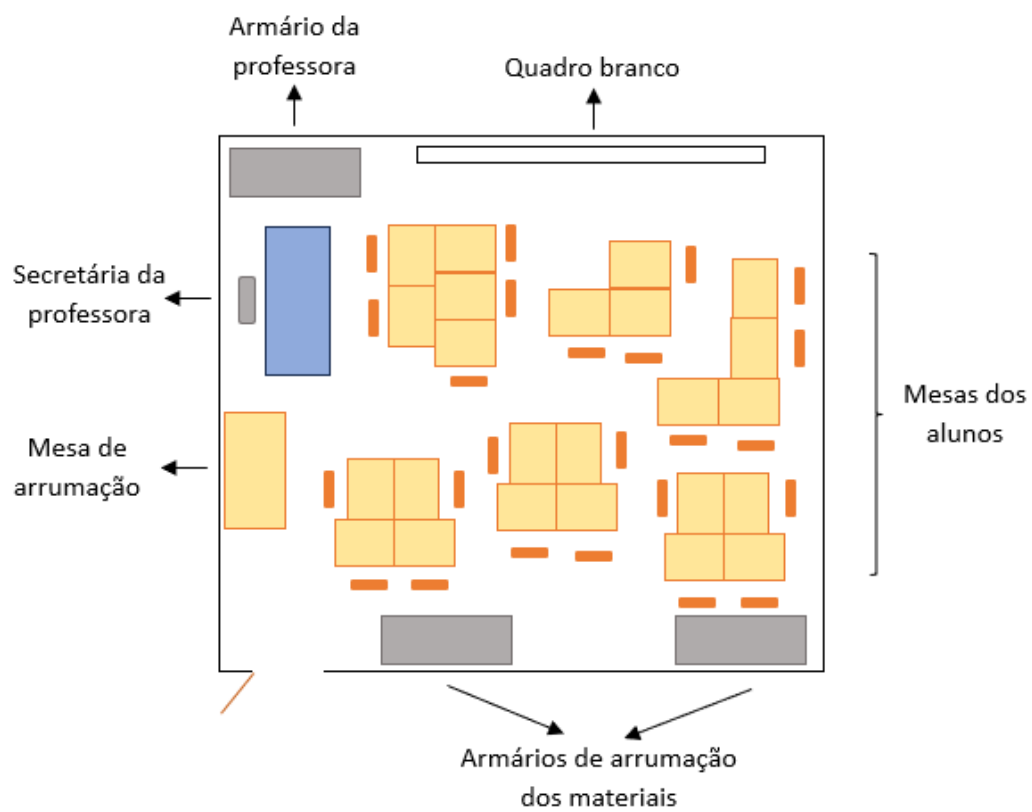
Quais as principais medidas de Marquês de Pombal logo após o terramoto?



Anexo G - Disposição das mesas da sala de aula em filas



Anexo H - Disposição das mesas da sala de aula em grupos



Anexo I – Itinerário da visita ao “Lisboa Story Centre”

ITINERÁRIO

“LISBOA STORY CENTRE”

“No Lisboa Story Centre, o visitante irá viajar no tempo como se percorresse um livro ilustrado trazido à vida. Através do uso de cenografia, multimédia e experiências sensoriais, são apresentados relatos dramáticos dos principais eventos da memória da cidade, no espaço delimitado pela Baixa Pombalina e pelo Terreiro do Paço, explorando mitos e realidades desta cidade milenar” (Lisboa Story Centre, s.d.).



Objetivos da visita de estudo:

- Conhecer mais sobre a História e personagens da cidade de Lisboa.
- Compreender o impacto que o terramoto de 1755 teve na cidade de Lisboa.
- Consolidar e relacionar os conteúdos trabalhados em sala de aula no museu.



Informações importantes



Dia: 9 de fevereiro de 2024



Local: Museu Lisboa Story Centre.

Morada: Praça do Comércio 78, 1100-148 Lisboa.



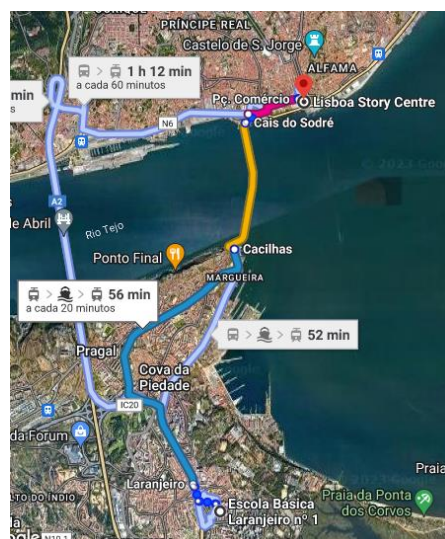
Duração: 1 hora.



Orçamento: 2,70€ (alunos portadores de passe) 6,40 € (alunos sem passe)

Como chegamos ao museu?

- Caminhar até ao metro estação “Santo Amaro”
- Metro até “Cacilhas”
- Barco até “Cais do Sodré”
- Caminha até ao Museu “Lisboa Story Centre”



Horários

- Saída da escola: 9 h 30 min
- Chegada ao museu: 10 h 30 min
- Entrada no museu: 11h
- Saída do museu: 12h